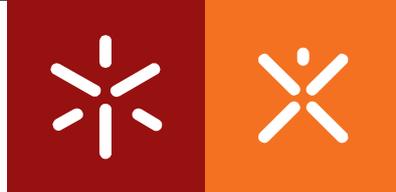




Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sónia Catarina Carabana Cabo

**AÇÃO PREVENTIVA DA MEDIAÇÃO NA COMUNIDADE
ESCOLAR: POTENCIALIDADES DA APRENDIZAGEM
ORIENTADA PARA A AÇÃO DE PREVENÇÃO DO
SEXTING**



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Sónia Catarina Carabana Cabo

**AÇÃO PREVENTIVA DA MEDIAÇÃO NA COMUNIDADE
ESCOLAR: POTENCIALIDADES DA APRENDIZAGEM
ORIENTADA PARA A AÇÃO DE PREVENÇÃO DO
SEXTING**

Mestrado em Educação
Área de Especialização em Mediação Educacional e
Supervisão na Formação

Trabalho efetuado sob a orientação da
Doutora Maria Teresa Machado Vilaça

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-SemDerivações
CC BY-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Antes de mais, é importante referir que os piores e melhores anos da minha vida foram passados nesta universidade. Se cheguei e se sou o que sou hoje, é devido à Universidade do Minho. Por me tornar mais forte e por me fazer acreditar que tudo é possível. É importante louvar e homenagear esta que irá para sempre ser a minha segunda casa.

Obrigado ao Instituto de Educação e todos os seus docentes e não docentes, pelo apoio incondicional que me deram durante estes últimos anos. É impagável tudo o que aprendi com todos vocês.

Obrigado à minha orientadora de estágio, professora Teresa Vilaça, e à minha acompanhante de estágio por me terem conduzido sempre pelo caminho mais correto.

Obrigado a todos os amigos que fiz e que a vida se vai encarregar de levar sempre comigo. O apoio deles foi incondicional e inigualável. Obrigado!

Obrigado a todas as instituições, principalmente a instituição onde pude concretizar o meu estágio, pelo carinho, aprendizagem e sem dúvida a paciência que demostram com os alunos que passam por eles.

Obrigado também a todos aqueles que não acreditaram em mim. Sim, aos que não acreditaram. Pois, conseqüentemente, ajudaram-me a ir mais além, ultrapassando os obstáculos, o medo e a lágrimas que se foram perdendo ao longo deste caminho.

Por fim, mas não menos importante, um especial obrigado à minha família, que sem sombra de dúvida me incentivou a chegar onde cheguei, mesmo nos momentos mais difíceis.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

AÇÃO PREVENTIVA DA MEDIAÇÃO NA COMUNIDADE ESCOLAR: POTENCIALIDADES DA APRENDIZAGEM ORIENTADA PARA A AÇÃO DE PREVENÇÃO DO SEXTING

O presente Relatório é reflexo do trabalho desenvolvido durante o ano letivo 2017/2018 no âmbito do estágio académico do Mestrado em Educação, área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão na Formação. A intervenção-investigação sobre a prática foi realizada num Agrupamento de Escolas situado na cidade de Braga, onde após uma primeira revisão de literatura e a realização de um diagnóstico de necessidades holístico que realçou a importância nessa escola da prevenção do sexting nos alunos do 8º e 9º ano de escolaridade, emergiu o seguinte problema de investigação: Quais são os efeitos da mediação na capacitação dos jovens para prevenir o sexting? Para dar resposta ao problema de investigação, foram estabelecidos os seguintes objetivos de intervenção e investigação: i) caracterizar como evolui o conhecimento e as atitudes dos alunos sobre o sexting ao longo do processo de mediação preventiva; ii) caracterizar a competência dos alunos para agir no sentido de prevenir o sexting na escola; iii) caracterizar como evoluem as competências de comunicação dos alunos ao longo do processo de mediação preventiva; iv) analisar as competências de gestão positiva de conflitos desenvolvidas pelos alunos para resolverem problemas relacionados com o sexting que possam emergir na escola.

Os participantes neste projeto foram 24 alunos do 8º ano com uma média de idades de $13.5 \pm .590$ anos, sendo 54.2% meninas e 45.8% rapazes, e 16 alunos do 9º ano com uma média de idades de $15.7 \pm .602$, sendo 75.0% rapazes e 25.0% meninas. Os pressupostos metodológicos de investigação sobre a prática escolhidos para o presente projeto foram os da investigação-ação, pois pretendia-se fazer uma recolha sistemática de informações ao longo da implementação do projeto “STOP sexting”, com o objetivo de promover mudanças sociais que levassem à prevenção do sexting na escola pelos alunos envolvidos no projeto. Em consonância com a investigação-ação, foram utilizados os seguintes métodos e técnicas de recolha de dados: análise documental (trabalhos dos alunos, fotos e vídeos do projeto); inquérito por questionário, observação participante com elaboração de diários de bordo pela estagiária e diários de bordo dos alunos. Observou-se que o conhecimento dos participantes sobre a partilha de imagens ou vídeos íntimos com outra pessoa é uma realidade, com a turma do 9º ano a apresentar os valores mais altos, tendo ambas as turmas atribuído, desde o início do projeto, a responsabilidade dessas imagens ou vídeos tanto à pessoa que tirou a fotografia, como à pessoa que está na imagem e à pessoa que a recebeu. No entanto, ambas as turmas foram capazes de realizar uma ação de prevenção do sexting na escola. Os resultados deste projeto têm implicações a nível da prática e da investigação sobre sexting, pois podem inspirar outras pessoas a desenvolver outras formas de prevenção do sexting na escola e mais investigação nesta área.

Palavras chave: adolescentes; escola; mediação; sexting.

ABSTRACT

PREVENTIVE ACTION OF MEDIATION IN THE SCHOOL COMMUNITY: POTENTIALS OF ORIENTED LEARNING FOR SEXTING PREVENTION ACTION

This Report reflects the work carried out during the 2017/2018 academic year within the academic internship of the Master's in Education, specialization area in Educational Mediation and Training Supervision. The intervention-research on the practice was carried out in a School Group located in the city of Braga, where after a first literature review and a holistic needs diagnosis that highlighted the importance in this school of the prevention of sexting in 8th and 8th grade students. 9th grade, the following research problem emerged: What are the effects of mediation on empowering young people to prevent sexting? To address the research problem, the following intervention and research objectives were established: i) characterize how students' knowledge and attitudes about sexting evolve throughout the preventive mediation process; ii) characterize the competence of students to act to prevent sexting in school; iii) characterize how students' communication skills evolve throughout the preventive mediation process; iv) analyze the positive conflict management skills developed by students to solve sexting-related problems that may emerge in school.

Participants in this project were 24 8th graders with an average age of 13.5 + .590 years, 54.2% girls and 45.8% boys, and 16 9th graders with an average age of 15.7+ .602, 75.0% boys and 25.0% girls. The methodological assumptions of research on practice chosen for this project were those of action research, as it was intended to systematically collect information throughout the implementation of the "STOP sexting" project, in order to promote social changes that would lead to prevention of sexting at school by students involved in the project. In line with action research, the following data collection methods and techniques were used: document analysis (student work, project photos and videos); questionnaire survey, participant observation with trainee logbooks and student logbooks. It was observed that participants' knowledge of sharing intimate images or videos with another person is a reality, with the 9th grade class having the highest values, and both classes have assigned, from the beginning of the project, the responsibility such images or videos to the person who took the photo, the person in the image, and the person who received it. However, both classes were able to carry out a sexting prevention action at school. The results of this project have implications for sexting practice and research as it can inspire to develop other ways to prevent sexting in school and further research in this area.

Keywords: mediation; school; sexting; teenagers.

Índice Geral

Sónia Catarina Carabana Cabo	1
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO.....	v
ABSTRACT	vi
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	ix
Índice de Tabelas	x
INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Introdução	12
1.2. Apresentação Sumária do Tema do Estágio	12
1.2.1. Contexto do Estágio	12
1.2.2. Atualidade e Pertinência do Estágio.....	14
1.3. Organização do relatório	14
ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO	16
2.1 Introdução	16
2.2. Enquadramento do estágio na instituição	16
2.2.1. Caracterização da instituição de acolhimento do estágio	16
2.2.2. Âmbito da realização do estágio.....	18
2.2.3. Caracterização do público-alvo do estágio	18
2.3. Apresentação da área problemática e objetivos de intervenção/ investigação	22
2.3.1. Importância do estágio no âmbito da área de especialização do mestrado.....	22
2.3.2. Diagnóstico de necessidades	22
2.3.3. Motivações e expectativas face ao estágio.....	24
2.3.4. Problema de investigação e objetivos de intervenção/investigação.....	26
ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO	28
3.1. Introdução	28
3.2 Mediação e ação preventiva da mediação.....	28
3.3. Potencialidades da supervisão na formação.....	30
3.4 <i>Bullying</i> e o <i>Cyberbullying</i>	32
3.5 As tecnologias, os jovens e o sexting	34
3.6 Investigações sobre a prevenção do sexting.....	37
ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	40
4.1. Introdução	40
4.2. Apresentação e fundamentação da metodologia de intervenção/ investigação	40
4.2.1. Seleção dos métodos e técnicas de investigação	42
4.2.2. Plano de recolha de dados.....	45
4.2.3. Tratamento e análise de dados	46

4.3. Descrição da implementação do projeto STOP sexting	47
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO/ INVESTIGAÇÃO	66
5.1. Introdução	66
5.2 Evolução do conhecimento e atitudes dos alunos sobre o sexting ao longo do processo de mediação preventiva	66
5.4. Evolução das competências de comunicação dos alunos ao longo do processo de mediação preventiva	84
5.5. Competências de gestão positiva de conflitos desenvolvidas pelos alunos para resolverem problemas relacionados com o sexting que possam emergir na escola.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
6.1 Introdução	89
6.2. Análise crítica dos resultados e suas implicações	89
6.3. Impacto do estágio.....	91
6.3.1. A nível pessoal.....	91
6.3.2. Nível institucional.....	94
6.4. Implicações para o futuro.....	95
Referências bibliográficas	97
Anexos.....	101
Anexo 2 – Consentimento informado para participação em investigação (Alunos)	103
Anexo 3 – Questionário do projeto.....	104
Anexo 4 – Panfleto sobre o projeto STOP Sexting	108
Anexo 5 – Post-it usados para a Atividade 2	110
Anexo 6 – Post-its usados para a Atividade 3	111
Anexo 7 – PowerPoint sobre os Conflitos	112
Anexo 8 – Diário de Bordo da formadora	113
Anexo 9 – Diário de Bordo dos alunos	114
Anexo 10 – Cartolina da Atividade 6.....	115
Anexo 11 – Situações da Atividade 7	116
Anexo 12 – Guião de Observação para a Atividade 9	117
Anexo 13 - Guião de Observação para a Atividade 11	118
Anexo 14 – Cartolina sobre o sexting para a atividade 14.....	119
Anexo 16 – Diários de Bordo sobre a Observação das turmas	127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE - Apoio à Promoção do Ambiente Escolar

DP – Desvio padrão

GAAF - Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família

GIAA - Gabinete de Informação e Apoio ao Aluno

Nudes - Envio de fotografias e/ou vídeos nus através das redes sociais; conceito muito utilizado pelos jovens

PCA - Percursos Curriculares Alternativos

PIEF - Programa Integrado de Educação e Formação

PPOA - Plena Ocupação de Alunos no Período Escolar

TEIP - Território Educativo de Intervenção Prioritária

X - Agrupamento de escolas do estágio

Y – Escola/instituição do estágio

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização do público-alvo do projeto	20
Tabela 2. Média da frequência com que utilizavam o computador para diferentes tarefas	20
Tabela 3. Média da frequência com que utilizavam o telemóvel para diferentes tarefas	21
Tabela 4. Conheces alguém que já partilhou imagens / vídeos íntimos (nus ou quase nus) com outra pessoa	66
Tabela 5. Conhece alguém que já partilhou imagens / vídeos íntimos (nus ou quase nus) com outra pessoa	67
Tabela 6 Conhece alguém que já partilhou imagens / vídeos íntimos (nus ou quase nus) com outra pessoa	68
Tabela 7. Média da turma do grau de acordo com determinadas atitudes face ao sexting	69
Tabela 8. Razões por que as pessoas enviam nus	69
Tabela 9. Teve possibilidades de conversar e fazer perguntas sobre sexting na sala de aula ou nas atividades extra-aula (tutorias, Gabinete de Apoio ao Aluno, etc.)	70
Tabela 10. Os alunos deveriam ter mais, ou menos, aulas sobre sexting	71
Tabela 11. Como é que os adultos podem apoiar os jovens em relação ao sexting	71
Tabela 12. Consequências do sexting para as vítimas	75
Tabela 13. Consequências que pode ter de enviar fotos ou textos com conteúdo insinuante ou sexual para o telemóvel ou rede social de outra pessoa	75
Tabela 14. Razões por que uma pessoa envia fotos ou textos com conteúdo insinuante ou sexual para o telemóvel ou rede social de outra pessoa	76
Tabela 15. Razões por que há pessoas que recebem fotos ou textos com conteúdo insinuante ou sexual pelo telemóvel ou rede social	77
Tabela 16. Opinião dos alunos sobre o que eles e a escola podem fazer para deixar de existir sexting	78
Tabela 17. O que os alunos fariam se um/a conhecido/a lhe enviasse uma foto em que aparecem as suas partes íntimas	78
Tabela 18. O que os alunos fariam se o seu namorado/a lhe pedisse para lhe enviar uma “foto sexy”, porque era muito bonita/o e sente muito a sua falta	79
Tabela 19. O que os alunos fariam se o seu namorado/ namorada fosse viajar e tivesse que namorar com ele/a à distância por vários meses	80
Tabela 20. O que os alunos fariam se um estranho lhes dissesse para enviar fotos eróticas	80

Tabela 21. O que os alunos fariam se a sua melhor amiga/ amigo lhe contasse que desde que enviou fotos eróticas ao namorado/a a relação está melhor que nunca 81

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 Introdução

Este capítulo introdutório, após esta breve apresentação da organização do capítulo (1.1), faz uma apresentação do tema do estágio (1.2), contextualizando-o na instituição em que foi desenvolvido (1.2.1) e mostrando a importância da sua realização (1.2.2). Para terminar, descreve como está organizado o relatório (1.3).

1.2. Apresentação Sumária do Tema do Estágio

1.2.1. Contexto do Estágio

O presente relatório de estágio apresenta-se como sendo a finalização do mestrado, na área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão na Formação, pela Universidade do Minho. O estágio académico desenvolveu-se entre outubro e junho do ano letivo 2017/2018, numa escola Básica com 2º e 3º ciclo, situada na cidade de Braga.

O relatório de estágio, intitulado ‘Ação preventiva da mediação na comunidade escolar: potencialidades da aprendizagem orientada para a ação de prevenção do sexting’ visou analisar quais são os efeitos da mediação na capacitação dos jovens para prevenir o sexting.

Para a elaboração do Plano de Ação do estágio foi selecionada uma escola Básica no concelho de Braga, porque na minha ótica essa escola revelava-se uma instituição bastante apelativa para um Mediador Educacional. Em primeiro lugar, porque existiam vários alunos de etnias diferentes uma vez que a escola se situava junto de um bairro social de etnia cigana. Em segundo lugar, por já ser uma escola conhecida por ter uma comunidade escolar com demasiados conflitos entre os alunos.

Posto isto, considerei que esta instituição escolar poderia ser o contexto mais indicado, pois “a mediação escolar desempenha um papel fundamental, sobretudo se permitir compreender o contexto e identificar que problemas existem por detrás do mau comportamento dos alunos”, tentando sempre ajudar “a prevenir e a resolver conflitos e, sobretudo, a munir a comunidade escolar de ferramentas indispensáveis para a resolução de conflitos futuros” (Silva, 2014, p.5). Sendo que a “cidadania, o diálogo, o sentimento de pertença a um projeto, mediar tensões,

resolver e prevenir conflitos, envolver a comunidade e todos os atores educativos, lidar com a multiculturalidade (...) sem gerar desigualdade” são algumas das bases que um mediador educacional deve ter em atenção “para a edificação de uma escola que pretende ser inclusiva” (Martins & Viana, 2013, p.182). Assim, esta escola foi uma excelente opção para explorar os conflitos existentes.

No meio de tantas problemáticas da sociedade contemporânea, surgiu uma especial atenção para o tema bullying. Assim, Carvalhosa, Lima e Matos (2002) caracterizam o bullying como uma provocação e uma intimidação por parte de alguém a fim de afetar um indivíduo física, verbal, psicológica e/ou sexualmente. E é exatamente neste ponto da sexualidade em que este projeto se focou, mais concretamente no tema sexting e suas consequências. Em Portugal não existem estatísticas concretas sobre casos de sexting mas, segundo a revista Visão (2017), nos Estados Unidos da América 50% dos jovens com idades entre os 18 e os 24 anos já praticou sexting e cerca de 80% dos adultos aposta no sexting para “cultivar” os seus relacionamentos. Assim, verifica-se que as estatísticas são bastante altas e é necessário haver algum tipo de intervenção, pelo menos na faixa etária mais crítica abaixo dos 18 anos, para que se consiga alertar sobre os perigos destas mensagens intimistas. Para enfrentar estas consequências que a maior parte das vezes acabam por se transformar em situações de bullying, o que melhor se enquadrar em contexto escolar é a mediação preventiva pois ajuda a prevenir futuros conflitos entre os alunos e também fora da comunidade escolar. Assim, através da mediação preventiva foi trabalhado “o conteúdo humano, sobretudo a nível pessoal e relacional” para que os alunos vejam “na mediação uma oportunidade (...) de se consciencializarem” (Alves, 2011, p.45) em relação às questões do sexting.

Neste contexto, o foco da intervenção foram duas turmas da instituição escolar na qual tive a oportunidade de estagiar. O trabalho desenvolvido ao longo do mestrado e respetivo ano de estágio culminou no desenvolvimento de um projeto denominado “STOP Sexting”. O “STOP Sexting” teve como objetivo a construção de um conjunto de atividades, divididas em oito sessões de formação, onde tentaram mostrar as consequências da prática do sexting para a comunidade jovem. Posto isto, esta formação foi aplicada a duas turmas pertencentes à instituição escolar onde pude intervir como estagiária.

1.2.2. Atualidade e Pertinência do Estágio

Weisskirch e Delevi (2011) definem o sexting como sendo o envio e recepção de imagens, vídeos ou mensagens de cariz sexual através do telemóvel, com o intuito de manter ou iniciar um relacionamento. Tendo em conta esta definição de sexting, penso que este tema se torna importante na vida dos jovens, visto que as novas tecnologias entraram nas nossas vidas e sugam, aos poucos, o bom senso que existe nos indivíduos e principalmente nos adolescentes. As consequências deixaram de ser consequências, para dar lugar ao que é dito “normal” na sociedade. Como mediadores, é importante desconstruir estes pensamentos, pois é no processo mediativo que “desconstrói-se, desaprende-se e repensa-se a própria cultura aproveitando a polivalência das situações conflituosas e da nossa diversidade, formulando interrogações significativas e transformando, reequilibrando e redefinindo a realidade” (Torremorell, 2008, p.86).

O trabalho desenvolvido no ano de estágio revela-se importante para a comunidade escolar, no sentido em que é necessário demonstrar que existem preocupações sobre a prática do sexting. No caso dos jovens, as vítimas são mais sacrificadas surgindo conseqüentemente o bullying e o cyberbullying ou, em última instância, depressões, mutilações e até suicídios. Lenhart (2009) afirma, numa investigação sobre jovens e a prática do sexting, que os adolescentes mais velhos são muito mais propensos a enviar e receber *nudes*. Afirma, de igual modo, que 8% dos adolescentes com 17 anos enviou imagens provocativas e 30% recebeu imagens de corpos nus ou quase nus nos seus telemóveis.

A partir das preocupações relacionadas com o sexting, foi importante dar uso à mediação preventiva na escola. Em conjunto, os alunos tiveram possibilidade de adquirir competências de relacionamento, facilitando a aproximação e a comunicação em ambos os grupos, respeitando sempre as diferenças de género e sem nunca julgar situações de sexting ocorridas no contexto escolar.

1.3. Organização do relatório

O presente relatório divide-se em seis capítulos. Este primeiro é referente à apresentação sumária do tema escolhido para a elaboração do relatório de estágio. Introduce o contexto do tema e a sua pertinência relativamente à sociedade onde estamos inseridos e a explicação dos capítulos referidos no mesmo.

No segundo capítulo, aborda-se o enquadramento contextual do estágio, caracterizando a instituição escolhida para a realização do estágio e o público alvo escolhido para a investigação-

intervenção. Aqui, é apresentada de igual modo, a problemática de intervenção, o diagnóstico de necessidades e as minhas motivações/expectativas face ao estágio ocorrido no segundo ano de mestrado.

Segue-se o terceiro capítulo, juntamente com o enquadramento teórico da problemática do estágio onde são apresentados os conceitos abordados e pertinentes para o desenvolvimento do projeto, tais como a mediação e ação preventiva da mediação, as potencialidades da supervisão na formação, as tecnologias, os jovens e o sexting e, para terminar, algumas investigações sobre a prevenção do sexting. Os temas foram sempre acompanhados por autores que considerei serem uma referência na exploração da temática.

O quarto capítulo conta com a apresentação e fundamentação da metodologia de intervenção/investigação e os seus respetivos paradigmas, modelos, métodos e técnicas, e o modo como foi avaliado o projeto. Este, também contou com a referência dos recursos mobilizados e as limitações apontadas ao longo do ano de estágio.

O quinto capítulo apresenta e discute o projeto de intervenção-investigação, de modo a que se esclareçam os objetivos definidos do mesmo. De igual modo, serão evidenciados e discutidos os resultados obtidos através do projeto.

Posteriormente, no sexto capítulo, serão apresentadas as considerações finais do projeto. Aqui será feita uma análise crítica sobre as implicações dos resultados obtidos. O leitor poderá perceber o desenvolvimento das competências dos participantes, bem como o impacto do estágio a nível pessoal, institucional e as suas implicações futuras para a área da Mediação.

CAPÍTULO II

ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO

2.1 Introdução

Neste capítulo, apresenta-se o enquadramento do estágio na instituição onde foi desenvolvido (2.2). Para isso, faz-se a caracterização da instituição em que decorreu o estágio (2.1.2), contextualiza-se o âmbito da sua realização (2.2.2) e caracteriza-se o público-alvo do estágio (2.2.3).

De seguida, apresenta-se a problemática de intervenção/investigação escolhida (2.3), justificando-se a importância do tema para a área de especialização deste Mestrado (2.3.1), descreve-se a fase de diagnóstico de necessidades e os resultados obtidos, bem como as motivações e expectativas da estagiária (2.3.2). O capítulo é encerrado com a apresentação do problema e os objetivos de intervenção/investigação (2.3.3).

2.2. Enquadramento do estágio na instituição

2.2.1. Caracterização da instituição de acolhimento do estágio

A escola do ensino básico que seleccionei para a realização do meu relatório de estágio fica situada no distrito de Braga e faz parte de um agrupamento de escolas. Segundo o plano estratégico do agrupamento da escola em foco, em 2009 esta comunidade escolar foi definida como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). Segundo a Direção Geral da Educação (s.d.), o Programa TEIP é uma iniciativa governamental, implementada atualmente em 137 agrupamentos de escolas/escolas não agrupadas que se localizam em territórios economicamente e socialmente desfavorecidos, marcados pela pobreza e exclusão social, onde a violência, a indisciplina, o abandono e o insucesso escolar mais se manifestam. A prevenção e redução do abandono escolar precoce e do absentismo, a redução da indisciplina e a promoção do sucesso educativo de todos os alunos são os objetivos centrais do programa (Ferreira & Teixeira, 2010). O agrupamento foi definido como tal, devido ao espaço urbano onde as escolas

se encontram inseridas e, também, por serem escolas com um elevado número de crianças de etnia cigana, imigrantes ou filhos de imigrantes cuja língua materna não é a língua portuguesa.

O agrupamento de escolas é constituído por sete escolas e a escola pela qual optei tinha entre o 5º e o 9º ano de escolaridade, com três turmas com formação especial. A escola Y tinha como número total 89 docentes e 31 trabalhadores como pessoal não docente. Na escola existe um Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF) que apoia os alunos dentro e fora do contexto escolar. Além do GAAF, existem outros recursos educativos que funcionam em contexto escolar, como a Biblioteca/Centro de Recursos, a Rádio FS/Mediateca, o Apoio à Promoção do Ambiente Escolar (APAE), o Gabinete de Informação e Apoio ao Aluno (GIAA) e, por último, a Plena Ocupação de Alunos no Período Escolar (PPOA).

O agrupamento não valorizava apenas a área curricular, mas igualmente as áreas de educação não formal, pois, segundo o Projeto Educativo do Agrupamento, as áreas de intervenção que este desenvolve fora do horário escolar vão desde: a linguagem, cultura e património; leitura, escrita e drama; matemática e ciências experimentais; artes e desporto; recursos educacionais e tecnologia; solidariedade, voluntariado e cidadania; exames escolares e vários concursos extracurriculares (*Caraterização do agrupamento de escolas*, s.d.).

Quanto à estrutura do agrupamento de escolas, ela distribui-se por três órgãos administrativos que são o Diretor/Presidente do Agrupamento escolar, o respetivo Subdiretor do Agrupamento escolar e seus diretores adjuntos. O projeto educativo deste agrupamento de escolas tem como objetivo alcançar algumas dimensões fulcrais para a educação plena dos seus alunos. Portanto, o projeto educativo apresenta duas linhas estratégicas que se mantêm atuais: ser uma escola para a cidadania e construir uma escola de qualidade existindo também um

acompanhamento personalizado do aluno e a intervenção (possível) sobre as condições que influenciam os processos de aprendizagem, a orientação educativa e a transição qualificada da escola para a vida ativa, a articulação da ação dos parceiros educativos, incluindo o tecido institucional público, empresas e sociedade civil (Agrupamento de Escolas X).

Assim, segundo o plano de formação, o Agrupamento de escolas X (2015-2017) tinha como missão “facilitar o acesso ao sucesso escolar de todas as crianças e jovens da comunidade”, e tinha como finalidade a construção de “uma escola de qualidade” e “para a cidadania”, focando-se no desenvolvimento de uma cultura de abertura, responsabilidade e cooperação entre todos.

Esta escola, que será posteriormente intitulada de Escola Y, integra um conjunto de alunos cujas idades estão compreendidas entre os 9 e os 17 anos de idade.

2.2.2. Âmbito da realização do estágio

Como já tinha sido referido anteriormente, a instituição de acolhimento para a realização do estágio foi uma escola situada no concelho de Braga. Esta abarcava turmas dos 5º, 6º, 7º, 8º, 9º ano de escolaridade e turmas de ensino profissional. Com a ajuda da coordenadora de estágio, decidimos que poderia ser interessante trabalhar com uma das turmas do ensino formal e outra relativa a um curso profissional.

Como não iria ser fácil a minha integração no meio dos jovens e o Gabinete de Apoio ao Aluno já estava em funcionamento com outros profissionais da área da educação, foi decidido que iria intervir em sala de aula através de uma formação. Assim, como um dos objetivos do plano de ação era desenvolver competências nos alunos para a prevenção da prática do sexting, a formação deveria ser o mais precisa e contextualizada possível, para que os alunos interiorizassem os conceitos abordados ao longo das sessões de formação e os aplicassem nas ações do seu dia-a-dia.

Morin e Brunet (1992) defendem que a educação tenta formar não só o corpo, mas também o espírito. Então, se educar significa conduzir o indivíduo à plena liberdade de consciência, o conceito de formação deve conduzir ao conceito de autonomia, ou seja, a uma consciência autónoma (Silva, 2008, p.4). Em suma, esta formação não poderia trazer aos alunos informações que os deixassem apenas esclarecidos, mas tinham de ser apresentados conteúdos que os incentivassem a distinguir os comportamentos incorretos no seu dia-a-dia.

2.2.3. Caracterização do público-alvo do estágio

Em Portugal, foram criados nas escolas os Percursos Alternativos ao sistema regular, com o objetivo de apoiar os alunos carentes de integração e aprendizagem. Dois destes percursos foram o Programa Integrado de Educação e Formação e os Percursos Curriculares Alternativos. Os Percursos Curriculares Alternativos (PCA) “permitem a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de competências nos domínios científico, artístico, tecnológico, social, desportivo, bem como competências transversais decorrentes do trabalho de pesquisa” (Direção Geral da Educação, 2017, s.p.) que combatem o insucesso e o abandono escolar. O Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF) é uma “medida socioeducativa e formativa de inclusão, de caráter temporário e excecional, a aplicar a jovens dos 15 aos 18 anos que se encontram em risco e/ou perigo de exclusão escolar e social depois de esgotadas todas as outras medidas de integração escolar” (Direção Geral da Educação, 2012). Atendendo aos princípios do PIEF e do PCA, em conversas com a coordenadora de estágio e respetiva

psicóloga, a escola Y reuniu um grupo de alunos para participarem neste estágio, de forma a eu ter possibilidade de intervir e apoiar.

O grupo de alunos selecionado para participar foram 16 alunos (11 rapazes e 5 raparigas) pertencentes apenas ao 3º ciclo e apoiados pelo programa PIEF, e 17 alunos (13 rapazes e 4 raparigas) apoiados pelo programa PCA.

As aulas destes alunos tinham pouca componente teórica e os trabalhos de grupo eram frequentes, com o fim dos alunos realizarem atividades dinâmicas e aprenderem os conteúdos de uma forma menos formalizada. Estávamos perante um processo educativo onde os parâmetros avaliativos se regiam pela qualidade das atividades realizadas. Por exemplo, se um aluno tinha problemas de assiduidade, os professores davam valor à sua frequência e participação ativa nas aulas. Em conjunto com o horário escolar estes alunos também tinham oportunidade de estagiar ou fazer atividades fora do contexto escolar.

Tendo em conta todas as características dos alunos, pareciam ser duas turmas interessantes para o meu estágio, visto existirem alguns problemas quanto à elevada frequência de conflitos dentro da comunidade escolar. As idades avançadas destes alunos em comparação com o resto dos alunos da escola foram tidas em conta, pois o tema sexting pode conseguir despertar algum interesse nos mesmos, visto ser um tema adequado e motivador para a faixa etária jovem.

Com as observações nas turmas, comecei a perceber que uma delas não se enquadrava com o perfil que procurava para a implementação do projeto. A turma do programa PIEF era uma turma que apresentava várias situações agressivas em contexto sala de aula, não existia concentração nos alunos, não tinham consideração pelos trabalhos realizados no decorrer das aulas e nenhum dos alunos respeitava a figura de professor, psicólogo e até o próprio Diretor da escola. Posto isto, e com as observações feitas ao longo de algumas aulas, percebi que não tinha capacidade, nem experiência suficiente, para tomar qualquer tipo de medidas com estes alunos e, muito menos, fazer com que o projeto tivesse algum impacto no seu futuro.

Logo, em reuniões com a psicóloga da escola e coordenadora de estágio, reformulamos a situação e procuramos outra turma disponível para a ação.

As duas turmas selecionadas (Tabela 1) foram:

- *turma de 8º ano*: os alunos apresentavam sinais de perturbação e conflitos entre colegas, apesar das idades rondarem os 14 anos. Este ano de escolaridade não necessita focar-se em exames nacionais, portanto o horário das sessões de formação poderia ser mais flexível;

- *turma de 9º ano*: estes alunos pertenciam ao grupo de alunos dos Percursos Curriculares Alternativos, sendo que já estavam preparados para receber formações extra-aula.

Tabela 1 - Caracterização do público-alvo do projeto

Caraterística	8º ano (n=24)		9º ano (n=16)	
	f	%	f	%
Idade				
13 anos	13	54.2		
14 anos	10	41.7		
15 anos	1	4.2	6	37.5
16 anos			9	56.3
17 anos			1	6.3
Média ± DP	13.5± .590		15.7± .602	
Sexo				
Masculino	11	45.8	12	75.0
Feminino	13	54.2	4	25.0

Tendo em atenção o tema em estudo, perguntou-se a estes alunos, antes e após a implementação das atividades, com que frequência utilizavam o computador em diferentes situações (Tabela 2).

Tabela 2. Média da frequência com que utilizavam o computador para diferentes tarefas (Escala: 1= baixo a 5= alto)

Tarefas	8º ano (n=24)		9º ano (n=16)	
	Média	DP	Média	DP
Escrever textos	1.8	0.99	1.2	0.91
Digitalizar e tratar imagens	1.7	1.05	1.2	0.83
Fazer tratamentos estatísticos simples	1.4	1.10	0.9	0.81
Fazer apresentações em PowerPoint	2.0	1.08	1.9	1.15
Gravar entrevistas	0.8	1.22	0.4	0.50
Tirar fotografias	1.1	1.19	0.8	1.07
Fazer filmagens	0.1	1.20	0.5	0.63
Fazer pesquisa na Internet	2.3	1.42	2.5	0.97
Comunicar com outras pessoas por e-mail	1.5	1.22	1.6	1.09
Comunicar com outras pessoas em fóruns	1.2	1.29	0.7	0.70
Comunicar com outras pessoas em Chats	1.9	1.41	2.1	1.39
Comunicar com outras pessoas pelo Facebook	2.1	1.32	2.4	1.32
Comunicar com outras pessoas por Skype	1.3	1.44	1.3	1.14
Participar em blogues	0.8	1.19	0.6	1.21
Ver filmes	2.4	1.50	2.8	1.29
Outro	3.3	0.89	3.6	0.89

Dos resultados obtidos a partir do questionário, percebeu-se que a população utilizava de forma generalizada o computador. Conferiu-se através da Tabela 2 que as atividades mais realizadas pelos alunos que frequentam o 8ºano são “Ver filmes”, “Comunicar com outras

peças por Facebook”, “Fazer pesquisas na internet” e “Fazer apresentações em PowerPoint” – todas elas com uma média igual ou superior a 2. Já as menos realizadas passaram por “Fazer filmagens”, “Participar em Blogues” e “Gravar entrevistas”, com médias inferiores a 1.

Os alunos do 9ºano apresentam resultados similares no que toca à forma como utilizam o computador.

Ressalva-se que em ambas as turmas a categoria “Outros” é aquela que tem a média mais elevada. Quando chamados a especificar, 8 alunos do 8ºano e 5 do 9ºano mencionaram “Jogar”.

Com estes resultados facilmente se infere que a utilização do computador em ambas as turmas é realizada muito mais para lazer/vertente lúdica do que como ferramenta de trabalho.

Da mesma forma, também era importante conhecer que utilização faziam estes alunos do telemóvel antes e após a implementação das atividades (Tabela 3).

Tabela 3. Média da frequência com que utilizavam o telemóvel para diferentes tarefas (Escala: 1= baixo a 5= alto)

Tarefas	8º ano (n=24)		9º ano (n=16)	
	Média	DP	Média	DP
Falar com os amigos	3.2	0.83	3.4	1.03
Enviar mensagens	3.3	0.86	3.1	1.29
Tirar fotografias	2.9	0.88	2.3	1.29
Enviar fotografias	2.3	1.12	2.1	1.39
Fazer filmagens	1.7	1.20	1.3	1.40
Enviar filmes	1.2	1.35	1.4	1.31
Ver televisão	1.7	1.49	2.1	1.39
Fazer pesquisa na internet	2.5	1.32	2.1	1.09
Comunicar com outras pessoas por email	1.1	1.19	1.2	0.75
Comunicar com outras pessoas em fóruns	0.9	1.04	0.8	0.78
Comunicar com outras pessoas em chats	2.4	1.50	2.1	1.44
Comunicar com outras pessoas pelo Facebook	2.4	1.28	2.4	1.41
Comunicar com outras pessoas por Skype	1.7	1.63	1.3	1.07
Participar me blogues	0.5	0.78	0.6	1.09
Ver filmes	2.1	1.38	2.4	1.36
Outros	3.2	0.75	3.5	1.00

Generalizadamente verifica-se em ambos os anos uma maior utilização do telemóvel face à utilização do computador, materializada por médias mais altas em diversas categorias de resposta, como se pode verificar na tabela.

Em ambos os anos de escolaridade “Falar com os amigos” e “Enviar mensagens” detêm a média de respostas mais elevadas com valores superiores a 3. A categoria “Outros”

volta a surgir com médias elevadas, uma vez que os alunos utilizam também o telefone para jogar, aceder a outras redes sociais e ver séries.

Pelo âmbito do estudo, salienta-se que existe uma média baixa no que diz respeito à utilização do telemóvel para “Tirar fotografias” (8ºano=2,9 e 9ºano=2,3) e “Enviar fotografias” (8ºano=2,3 e 9ºano=2,1). Estas práticas podem demonstrar nos alunos que a praticam uma normalização na criação e envio de imagens, podendo ainda existir uma falta de sensibilidade para os problemas daí decorrentes, nomeadamente em fotografias de cariz sexual.

2.3. Apresentação da área problemática e objetivos de intervenção/ investigação

2.3.1. Importância do estágio no âmbito da área de especialização do mestrado

Tendo em conta que o mestrado presente está voltado para a área da Mediação Educacional e da Supervisão na formação, tudo fazia sentido se o estágio tivesse uma componente de mediação e de formação. Assim, o projeto STOP Sexting apresenta-se como uma formação voltada para o desenvolvimento de competências nos alunos para a prevenção da prática do sexting, tendo a mediação um efeito preventivo no futuro dos formandos.

Na medida em que os contextos escolares apresentam diversas necessidades devido às diferenças de idade, puberdade, insucesso escolar, falta de comunicação, distintas etnias e problemas familiares, torna-se inevitável a emergência de algo ou alguém que os ajude a desenvolver competências para serem autónomos na resolução de conflitos. A mediação pode apresentar-se em contextos educativos como uma “estratégia formadora e preventiva”, e não apenas “uma mera estratégia de gestão e resolução de conflitos nos contextos escolares” (Silva, 2011, p. 256). Isto é, foi possível conciliar, neste projeto, a consciencialização dos alunos sobre os conflitos e a sua prevenção, assim, a mediação fez todo o sentido na abordagem do sexting.

A presença de um mediador no projeto STOP Sexting, veio comportar “uma componente relacional”, mas também regulou as interações educativas, para que a relação aprendiz-saber fosse efetiva e conduzisse a uma determinada aprendizagem (Fichez & Combes, citado por Davallon, 2007, p. 8).

2.3.2. Diagnóstico de necessidades

Para estruturar o processo de mediação, foi indispensável numa fase inicial um levantamento cauteloso do diagnóstico de necessidades. Segundo Zabalza (2001), “torna-se claro que, em educação, o tema das necessidades, que justificam ou dão corpo a um Programa instrutivo ou de desenvolvimento funcional, adquire uma importância fundamental” (p.58). É a

partir deste que será possível responder aos problemas encontrados, criando então um futuro plano de ação, com métodos e estratégias que irão compor o projeto STOP Sexting.

Posto isto, foi necessário principiarmos pela avaliação dos aspetos envolventes em que nos queríamos focar. Assim, a análise do contexto escolar onde estava inserida como mediadora e o seu respetivo público-alvo foi essencial na investigação, pois foi através dela que construí as reflexões necessárias para a escolha das questões de intervenção/ investigação. Segundo Tyler (1973 citado por Zabalza, 2001) avaliar as necessidades significa tomar em conta as carências que se devem considerar para esboçar os objetivos da educação. Portanto, na fase de diagnóstico de necessidades “(...) todas as informações recolhidas nesta fase são fundamentais para identificar/determinar e fundamentar os objetivos, bem como para planear adequadamente uma intervenção na realidade pretendida” (Fernandes, 2012, p.12).

Em suma, concordo com Zabalza (1997) quando defende que o diagnóstico de necessidades impulsiona a descoberta das carências, pois estas irão dar resposta ao nosso conhecimento sobre o que pode e o que seria espectável acontecer. Aqui foi apresentada a metodologia a que se recorreu neste estágio para ser conseguido o levantamento do diagnóstico de necessidades e os resultados obtidos que nos levaram à formulação do problema de investigação e dos objetivos de intervenção/ investigação. Posto isto, serão apresentados posteriormente no capítulo dos resultados, as comparações com os resultados de aprendizagem alcançados com este projeto.

Após uma reunião com a orientadora onde mostrei que o meu maior interesse inicial seria trabalhar questões relacionadas com bullying na comunidade escolar, foi levantada a hipótese de, dentro desse tema, focalizar o estágio mais especificamente no tema sexting, dado o conhecimento geral nas escolas sobre esta problemática muito presente nos adolescentes portugueses. Em seguida, após uma breve revisão de literatura, esse tema foi apresentado à acompanhante da escola onde foi realizado o estágio. Nessa reunião, atendendo a um elevado número de jovens vítimas de bullying devido à prática do sexting que a escola apresentava ao longo dos anos, a acompanhante da instituição afirmou que a prevenção do sexting era uma necessidade educativa da escola. Porém, seria necessário averiguá-lo junto de alguns alunos mais velhos pertencentes à comunidade escolar.

Foi planificado um questionário sobre sexting para ser aplicado às duas turmas selecionadas. O questionário elaborado está organizado em quatro partes: dados pessoais (adaptado de Vilaça, 2016); como é que os adolescentes podem ser afetados pelo sexting

(traduzido de UK Safer Internet Centre, 2015); conhecimento para agir na prevenção do sexting; ações pessoais face a situações de sexting. Este questionário foi validado por um tradutor e por duas especialistas, e foi aplicado a seis alunos, de idades semelhantes aos participantes no projeto, para avaliar se a linguagem estava adaptada à faixa etária e se as questões eram bem compreendidas por todos os alunos (Anexo 3).

No que concerne ao mestrado em que se enquadra o presente relatório de estágio - Medição Educacional e Supervisão na Formação – o tema que tive sempre interesse em alargar foi o conceito da mediação educacional e todas as suas potencialidades para a comunidade. Assim, com o contexto escolar selecionado no início do ano letivo, num ponto de vista pessoal e escolar, tornou-se importante iniciar um plano de ação e perceber o poder que a mediação pode apresentar para a prevenção do *Sexting*.

Como mediadora, foi essencial perceber qual a importância do sexting na fase da adolescência, de modo a que se consigam resolver vários conflitos relacionados com a sexualidade. Assim, se a sexualidade não for abordada desde cedo no ambiente escolar, poderá trazer consequências negativas para a vida dos jovens. Descodificar junto dos jovens os tabus do sexting na sociedade é essencial para a sua formação como futuros indivíduos, pois, caso contrário, podem advir várias ações negativas para os jovens afetados. Como afirma Barros (2014), o sexting poderá transformar-nos em mercadorias vendáveis ao público (através da passagem de textos e imagens entre grupos) e com o diagnóstico de necessidades foi facilitado perceber a sua relevância para a sociedade.

2.3.3. Motivações e expectativas face ao estágio

O início do ano trazia grandes expectativas para o que se avizinhava. A orientadora da Universidade do Minho e a acompanhante da instituição de estágio ajudaram a que o projeto de intervenção ‘ganhasse asas’ desde o início do ano letivo. O primeiro ano de mestrado, despoletou algumas ideias para que no ano seguinte se conseguisse criar algo que chamasse a atenção dos jovens para as problemáticas do sexting.

Ao iniciar o ano de estágio foram marcadas várias reuniões com professores da escola, coordenadora e respetiva psicóloga que acompanhava certas turmas da mesma. Aqui, foram sendo apresentados alguns princípios da mediação e as vantagens que os jovens e os próprios professores poderiam vir a usufruir se fosse desenvolvida na escola de forma sistemática. À medida que o tempo ia passando, o projeto ganhava forma e, com isso, as ideias e a escolha do

público-alvo tornavam-se mais claras. Porém esta integração não foi nada fácil. Ter de conquistar a equipa docente e não docente através de pequenas reuniões e em poucas palavras foi uma tarefa árdua. Era notório que a mediação não existia no vocabulário destas pessoas, o que levantava dúvidas na hora de captar a atenção dos membros da instituição.

A psicóloga foi uma grande conselheira nas alturas em que nos reuníamos para discutir pormenores. Por exemplo, quais os objetivos em que me devia focar, reconhecimento dos conflitos existentes na escola, que turmas deveriam ser exploradas, quais os alunos mais afetados no que concerne a problemas familiares, entre outros. Contudo, a escolha do público-alvo continuava a ser um ponto de interrogação, pois este poderia ser um entrave para o sucesso do projeto. Os alunos mais novos poderiam ser demasiado infantis e arriscar nos mais velhos poderia ser 'um fiasco', visto que estes já pensavam ter todas as bases sobre a sexualidade e enfrentavam uma espécie de negação no que toca a novos conhecimentos sobre o mesmo.

O tempo para dar início ao projeto começava a aproximar-se e a coordenadora da escola criou condições para que me fossem apresentados alguns dos Diretores de Turma da escola. Em conversação com alguns destes professores, uma das Diretoras de Turma da escola ficou bastante interessada em ter não só a minha presença na vida destes alunos, mas também a apresentação do tema em uma das suas turmas. Esta professora lecionava no 9º ano de escolaridade e lecionava nas turmas dos PCA (Percurso Curricular Alternativo). Os alunos estavam disponíveis para ter formações extra-aula e precisavam de algum tipo de intervenção sobre a sexualidade. Estes jovens tinham idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos e, segundo a Diretora de Turma, careciam de alguém que os aconselhasse a nível pessoal e sexual.

Outra turma indicada para este projeto foi uma turma colocada no plano de formação PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação). Estes alunos frequentavam de igual modo o 9º ano, mas eram considerados jovens muito conflituosos, tanto na escola, como na vida familiar. A escola reuniu um conjunto de alunos numa turma para os incentivar a concluir o 9º ano, tendo em conta que a exigência deste plano de formação nada se comparava ao plano de estudos do currículo formal. Este processo educativo não continha avaliações através de testes escritos e os alunos tinham a oportunidade de estagiar em outra instituição no término dos módulos anuais. Aquando da minha visita à turma do PIEF, desde logo me apercebi que estes não seriam alunos indicados para este projeto. Os jovens eram bastante conflituosos, tanto para

os próprios colegas, como para os professores, e não tinham qualquer tipo de interesse por nenhuma das atividades realizadas em sala de aula, pois existia um déficit de atenção enorme para todas as figuras de autoridade (incluindo a psicóloga). Assim, não querendo desde logo desistir deste grupo, mas pensando no futuro do projeto, em conjunto com a coordenadora decidimos não trabalhar com esta turma.

Ao tentar encontrar outras soluções para o caminho da formação que iria ser realizada, surgiu a ideia de trabalhar com alunos ligeiramente mais novos. Uma das turmas de 8º ano apresentava ser um bom público alvo para a intervenção. Eram alunos prestáveis e trabalhadores, mas ao mesmo tempo com alguns elementos difíceis de captar a atenção. Apesar destas características, a turma poderia enquadrar no seu plano de estudos um conjunto de atividades, visto que não tinham exames nacionais, sendo que poderiam ter algum tempo para gastar com uma formação extra-aula. Quando a Diretora de turma da mesma foi contactada, desde logo mostrou interesse no tema e nos assuntos que iriam ser abordados na sala de aula, surgindo aqui um novo público-alvo adequado para o projeto STOP Sexting.

Com a captação destas duas turmas, poderia dar início à observação tanto esperada, motivando-me ainda mais para a construção detalhada das atividades. Se as expectativas já eram altas, após conhecer as turmas selecionadas e acompanhá-las dia após dia as minhas expectativas tornaram-se altamente favoráveis e enriquecedoras para o meu papel como mediadora. Conhecer cada um dos alunos, perceber de perto as suas personalidades, gostos e desassossegos, deu-me ainda mais satisfação na realização da minha intervenção e investigação sobre a prática como mediadora. Cada dia era um dia de aprendizagens e recolha de dados, cada aula era uma aula de desafios, observações e recolha de dados para reflexão posterior, e todos os intervalos contavam para observar os seus comportamentos e atitudes.

2.3.4. Problema de investigação e objetivos de intervenção/investigação

Com o intuito de selecionar, organizar e orientar os conteúdos durante o processo de intervenção/investigação e avaliar os resultados da formação, foi necessário planejar um conjunto de objetivos que fossem ao encontro daquilo que era desejado no projeto. Segundo Ferraz e Belhot (2010), na educação decidir e definir os objetivos de aprendizagem significa “estruturar, de forma consciente, o processo educacional de modo a dar oportunidade às mudanças de pensamentos, ações e condutas” (p.421). Assim, foram formulados neste projeto

de estágio, em função do diagnóstico de necessidades, o problema de investigação e os objetivos de intervenção e investigação.

Assim, após uma primeira revisão de literatura e a realização de um diagnóstico de necessidades holístico, que realçou a importância da prevenção do sexting nos alunos do 8º e 9º ano de escolaridade na escola onde foi realizado o estágio, emergiu o seguinte problema de investigação: “Quais são os efeitos da mediação na capacitação dos jovens para prevenir o sexting?”.

Para dar resposta ao problema de investigação, foram estabelecidos os seguintes objetivos de intervenção e investigação:

1. Caracterizar como evolui o conhecimento e as atitudes dos alunos sobre o sexting ao longo do processo de mediação preventiva;
2. Caracterizar a competência dos alunos para agir no sentido de prevenir o sexting na escola;
3. Caracterizar como evoluem as competências de comunicação dos alunos ao longo do processo de mediação preventiva;
4. Analisar as competências de gestão positiva de conflitos desenvolvidas pelos alunos para resolverem problemas relacionados com o sexting que possam emergir na escola.

CAPÍTULO III

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO

3.1. Introdução

Neste capítulo, enquadramento teórico da problemática do estágio, irão ser abordados alguns tópicos essenciais para a compreensão da temática em foco – a prevenção do sexting. Assim, os temas principais serão: a mediação e ação preventiva da mediação (3.2); supervisão na formação (3.3); Bullying e o Cyberbullying (3.4); as tecnologias, os jovens e o sexting (3.5) e investigações sobre a intervenção do sexting (3.6).

3.2 Mediação e ação preventiva da mediação

Segundo Vasconcelos (2008), quando falamos de desigualdades, comparamos sociedades e pessoas, porém por vezes esquecemo-nos de que os conflitos são inerentes ao Ser Humano. Na sua perspetiva, o ser humano comporta uma bagagem educativa advinda da sua família, dependendo da sua vertente cultural, mas principalmente suporta uma bagagem individual, que o distingue de todos os outros Seres Humanos. O citado autor argumenta que se aceitarmos que o ser humano cresce na sociedade através de conversações e experiências, temos de aceitar que este irá aceitar, ou não, as opiniões distintas das suas. É neste ponto que o ser humano tem de aprender a comunicar com os outros, atuar no tempo certo e refletir sobre as suas experiências com a sociedade (Torremorell, 2008).

Segundo Jares (2002), prevalece ainda na sociedade uma definição equivocada sobre o conflito. O autor afirma que na sociedade, e principalmente no sistema educativo, prevalece uma “conceção tradicional de conflito derivada da ideologia tecnocrático-conservadora que o associa a algo negativo, indesejável, sinónimo de violência, disfunção ou patologia e, conseqüentemente, a algo que é preciso corrigir e, sobretudo evitar” (Jares, 2002, p.17). Posto isto, o nosso trabalho como educadores é que haja uma conexão entre as várias culturas, incentivando o respeito pela diferença e a consciencialização sobre a importância da comunicação nos mais diversos contextos (Torremorell, 2008).

Na perspetiva da mediação, o desenvolvimento social dos indivíduos é imprescindível “(...) para a criação e manutenção de pontes entre as pessoas e entre estas e a sua comunidade, na direção de uma evolução conjunta” (Torremorell, 2008, p.30). Assim, segundo Torremorell (2008), sendo o processo de mediação uma espécie de reflexão entre vários intervenientes, ou seja, uma reflexão conjunta, esta deverá tentar levar a que o grupo mediado encontre uma resposta a uma determinada problemática. A mediação é capaz não só de ajudar o indivíduo a adquirir novas aprendizagens, como também ajudá-lo a responder às suas necessidades do momento e futuras. Apresentando, de igual modo, “novas formas de coordenação das relações dos atores entre si (...) numa lógica comunicacional na medida em que o papel do mediador consiste em mobilizar todas as formas processuais para favorecer a comunicação entre as partes, a sua intercompreensão” (Bonafé-Schmitt, 2009, p.24).

Silva (2011) defende que a mediação é uma atividade que conjuga dois participantes, o mediador e o mediado, através de uma participação voluntária no processo. Assim, os protagonistas devem manter-se ativos, sem que haja qualquer tipo de obrigação no decorrer deste processo. Outro princípio da mediação, implica que o mediador tem de assumir uma “postura de neutralidade absoluta, ou de não-intervenção”, logo “implica que o mediador se centre apenas no processo e não no acordo final, independentemente de ser justo ou não, pois o mediador não se considera com conhecimentos ou poderes suficientes para intervir no futuro” dos participantes (Pereira, 2011, p.33). Em suma, o mediador é impedido de solucionar os problemas dos mediados, centrando-se apenas na comunicação destes, ao impulsioná-los a tomarem uma decisão em conjunto, permanentemente num ambiente confidencial.

A mediação, ao longo de décadas, sofreu várias mutações, sendo que a partir dos anos 90 e até aos dias de hoje tem ganho força para provar à comunidade que é capaz de amparar a sociedade. A mediação, tendo início nos anos setenta

aparece associada a uma justiça informal, alternativa para os que tinham menos recursos económicos (...). Um segundo momento, situa-se em meados da década de oitenta, com a ‘autonomização relativa da mediação’ e o seu alargamento a distintos contextos, como os bairros, a família e a mediação penal. A mediação assume um consenso como forma não jurisdicional de resolução de litígios (...). Em meados dos anos noventa é mais evidente a autonomização da mediação relativamente a outras práticas alternativas de resolução de conflitos, assim como a sua institucionalização com visibilidade na criação de diversas Associações de Mediadores em diferentes países. Em Portugal, a década de noventa é claramente a que marca a apropriação progressiva da mediação em documentos legais e normativos vários, com continuidade e ampliação na década atual. (Silva & Machado, 2009, p.2)

Em suma, o que é a mediação? Segundo Vasconcelos (2008) a mediação apresenta-se como um processo, onde duas ou mais pessoas, com a colaboração de um mediador, tentam solucionar algum conflito/problema. Neste espaço, os intervenientes “dialogam construtivamente e procuram identificar os interesses comuns, opções e, eventualmente, firmar um acordo” (Vasconcelos, 2008, p.36). De acordo com Torremorell (2008) o processo de mediação inicia com a entrada voluntária dos intervenientes, onde estes aceitam as regras e autorizam a intervenção do mediador. De seguida, os mediados devem apresentar as suas histórias e os sentimentos envolvidos e, com a ajuda do mediador, tentam-se esclarecer e formular algumas questões de modo a que a comunicação entre ambas as partes flua. Com isto, é suposto que no fim do processo mediativo, e dependendo das estratégias adotadas pelo mediador, os mediados cheguem a um acordo. O mediador, apesar de manter um papel imparcial no processo de mediação, é um peão importante neste meio, pois apresenta-se como um “agente mobilizador da comunicação” sendo através dele que se “potencia a interação e intercompreensão dos protagonistas nas demais situações” (Silva, 2011, p.263).

No que diz respeito à ação preventiva da mediação, segundo Amado e Freire (citado por Silva, 2010) os problemas surgidos em vários contextos, mais concretamente em contextos educativos, não estão propriamente no próprio conflito, mas sim na má gestão das soluções encontradas. Refletir sobre os conflitos torna-se importante para o desenvolvimento social do indivíduo, na medida em que este precisa de encarar o conflito como algo inerente e natural na vida do ser humano, encarando-o como uma “perspetiva positiva” na sua “transformação” futura (Silva, 2010, p.12).

Na mediação preventiva, os mediadores acreditam que esta se caracteriza como um processo que repara, na medida que antecipa e intervém na resolução dos problemas já existentes. Posto isto, a lógica preventiva aceita que a “prevenção de conflitos significa deduzir, a partir de uma explicação adequada do conflito – incluindo as suas dimensões humanas -, não só as condições que criam um ambiente de conflito e as mudanças estruturais requeridas para o remover, mas, mais importante, a promoção de condições que criam relações cooperativas” (Burton, 1990, citado por Torremorell, 2008, p. 38).

3.3. Potencialidades da supervisão na formação

Na área da educação, o conceito de formação tem ganho uma conotação forte ao lado do currículo formal. Além da formação ser vista como uma mais valia, pois possibilita ao indivíduo

novos conhecimentos, tanto a nível pessoal como a nível profissional, a formação irá potencializar a pessoa na adaptação de novos desafios futuros. Porém, o que diferencia o conceito de formação da educação formal é a sua versatilidade de sentidos, “formar pode ser igual a modelar, o que significa que os indivíduos são formados em função de um modelo”, assim como “pode ser igual a conformar” (Neves, 2007, p.81). Ou seja, o indivíduo conforma-se com algo que foi definido por alguém.

Como educadores, não devemos pensar que as ações de formação e a própria escola, servem apenas para formar um indivíduo, com o intuito de fornecer-lhe uma quantidade de conhecimentos apenas para a construção de um currículo futuro. Assim, Dewey (1965 citado por Neves, 2007, p.81), acentua a ideia de que “a função da escola não deve ser um acumular de conhecimentos, mas antes, um apostar no «desenvolvimento de capacidades»”.

Para que se consiga uma formação de qualidade e se obtenha um maior proveito das capacidades dos formandos, Zabalza (2004) ressalta alguns conteúdos formativos cruciais para o desenvolvimento de cada um. Para o indivíduo, a formação possibilita um novo desenvolvimento pessoal, aquisição de novos conhecimentos e novas competências, atitudes e valores inerentes ao Ser Humano e, igualmente importante, o enriquecimento da experiência (Zabalza, 2004).

Em suma, pode afirmar-se que a formação é, nada mais nada menos, que “um trabalho sobre si mesmo, livremente imaginado, desejado e procurado, realizado através de meios que são oferecidos ou que o próprio procura” (Ferry, 2004, p.43). Sendo então uma forma de investirmos em nós próprios, na conquista de novos saberes, de acordo com os objetivos pessoais de cada um.

Depois de passarmos a fase de diagnóstico de necessidades e a planificação de uma formação através de um conjunto de atividades, segue-se, portanto, a implementação de um projeto. Porém, em paralelo com a implementação do projeto, a avaliação e a supervisão irão acompanhar todo o seu processo. Assim, é importante sublinhar a visão de Afonso e Ribeiro (2009) quando apoiam o facto de o conceito de avaliação e de supervisão não serem sinónimos, apenas conceitos que caminham em conjunto. Na sua perspetiva, a supervisão ajuda a “identificar a existência de desfasamentos entre o nível de execução e o previsto, e rapidamente adotar medidas corretivas” (Afonso & Ribeiro, 2009, p.10) apoiando o desenvolvimento pessoal e profissional dos envolvidos. O lugar da avaliação pertence essencialmente a um conjunto de “operações que têm por resultado (...) um juízo de valor sobre as atividades de formação”

(Barbier, 1985, p.8). Apesar da supervisão estar presente em várias situações do nosso quotidiano, tanto no trabalho, como na escola, continua a ser incompreendida no seu todo.

Em Portugal, na área da educação, Vieira (1993) afirma que a supervisão está a encontrar alguma resistência quanto à sua aceitação, pelo fato de ter uma conotação negativa na sociedade ao ser associada a conceitos como “chefia”, “imposição” e “autoritarismo”. Assim, Stones (1984), apoia a supervisão como se esta fosse uma “super visão”, ou seja, “uma visão apurada e abrangente que incide sobre a totalidade de acontecimentos que ocorrem” num determinado processo (Soares, 2000, p.30), acabando por nos direcionar para caminhos que são desejados.

A prática da supervisão passou a ser uma componente fundamental no decorrer do processo formativo, ao envolver o supervisor, formador e formandos, acompanhando o antes, o durante e o depois (Neves, 2007). Esta compreende os aspetos positivos e negativos, dando à própria formação as notas essenciais para o seu aperfeiçoamento (Neves, 2007).

3.4 *Bullying e o Cyberbullying*

O bullying é exposto à sociedade, como um conceito extremamente forte e ofensivo, que encaixa em comportamentos antissociais (Neto, 2005).

De acordo com Neto (2005), é do conhecimento geral da sociedade que o bullying se apresenta muito frequente na vida dos adolescentes, tornando-se assim um problema a nível público, que deveria ser mais abordado tanto por parte das escolas, como por parte dos educadores/familiares. Porém, na perspetiva do citado autor, as escolas afirmam que garantem aos alunos ferramentas que tentam mostrar aos jovens o conceito de bullying e as suas consequências. Mas será esta uma forma eficiente para minimizar os atos de violência entre os alunos? No que concerne ao bullying, é necessário perceber que não existe uma “fórmula mágica” que consiga aniquilar o problema, mas sim estimular os alunos para “um ambiente escolar justo, solidário e não tolerante ao abuso e à exclusão” (Melim & Ferreira, 2015). É aqui que a mediação preventiva pode vir a ser uma solução viável para atenuar esta prática.

O termo bullying, ao ser traduzido para a língua portuguesa, caracteriza-se como uma forma de intimidação e importunação. Saraiva e Pereira (2014) entendem o bullying como uma “forma de agressão entre pares que parte de um inicial desequilíbrio de poder, incitando o agressor a abusar do seu poder” (p.64). Assim, estas podem ser agressões físicas, sexuais, agressões verbais, desdobrando-se também sobre o bullying social, bullying homofóbico e

cyberbullying (APAV, 2018). Além das várias formas de bullying, este pode envolver duas características: pode acontecer de forma “direta”, que leva o agressor à violência física e à violência verbal, e de forma “indireta”, através de atos manipuladores, como a intimidação e o isolamento (Freire & Aires, 2012, p.56).

De acordo com Fonte (2008), com a evolução das tecnologias e da era digital que a sociedade enfrenta, a comunicação entre as pessoas sofreu uma grande mutação e, conseqüentemente, uma desvalorização. Na sua perspectiva, deixaram de existir cartas e encontros combinados à porta de casa ou acasos nas ruas, para a existência da comunicação através dos telemóveis, dos telefones e da Internet. O citado autor argumenta que a comunicação é intrínseca ao ser humano, e se ela não existir o indivíduo só está a perder capacidades de se relacionar com o outro. Portanto, Soares (1996) afirma que “a comunicação - ao contrário da informação - caracteriza-se pelo exercício de convivência de sujeitos sociais”, sendo de extrema importância que esta se desenvolva de modo a “servir para a constituição de sujeitos autónomos, senhores de si e comprometidos com os outros” (Soares, 1996, p.2) e não o contrário.

A comunicação entre as pessoas passou a ser de acesso fácil, fazendo com que a distância deixasse de ser um entrave para a socialização entre os amigos e famílias, ou até para reuniões e entrevistas de trabalho (Cardoso, 2010). Contudo, os processos de comunicação nem sempre são utilizadas para os melhores efeitos (Cardoso, 2010). Hinduja e Patchin (2009) afirmam que os jovens dos dias de hoje estão diretamente ligados ao mundo eletrónico, onde os blogues, as redes sociais e as mensagens instantâneas concorrem com o contacto face a face e com o telefone como as formas dominantes de interação social, o que inevitavelmente leva a que os mesmos não consigam enfrentar, na maioria das vezes, situações reais e não virtuais. A má utilização das novas tecnologias pode levar à ocorrência de uma das formas existentes do bullying – o cyberbullying.

Como defendem Slonje e Smith (2008), o cyberbullying é um fenómeno relativamente recente que consiste na repetição de comportamentos que tendem a intimidar ou violentar um ou vários indivíduos através das novas tecnologias. Na sua perspectiva, o cyberbullying é facilitado nos dias de hoje, pois com o aparecimento da internet e dos telemóveis inovadores, cresce assim uma maneira mais fácil, e à distância, para a prática de atos intimidatórios.

Segundo Slonje e Smith (2008), apesar do cyberbullying ser completamente distinto do bullying, este apresenta características que o definem com mais clareza. Por exemplo, segundo

estes autores, quando falamos em agressão podemos afirmar que o cyberbullying não atinge a pessoa fisicamente, mas sim em termos psicológicos. A vítima fica debilitada interiormente, podendo guardar segredo dos amigos e familiares. Na pior das hipóteses, podendo existir um desequilíbrio de poder se o agressor recorrer ao anonimato, deixando a vítima sem hipóteses de defesa. Se o agressor tiver a intenção de espalhar a ameaça, pode fazê-lo mais facilmente através dos meios eletrônicos (Wendt & Lisboa, 2014).

Hinduja e Patchin (2010) fazem um estudo de caso sobre “Bullying, Cyberbullying e Suicídio”, onde tentam perceber com adolescentes como público-alvo, com que frequência e como acontecem estas práticas em contexto escolar. No que concerne ao cyberbullying, as taxas relacionadas com o ato da prática a nível individual variaram de 9.1% a 23.1%, e em relação a quem sofreu da prática rondou os 5.7% a 18.3%. A forma mais comum para as ofensas cibernéticas divulgadas pela investigação rondaram a afirmação “Postou algo online sobre uma pessoa para fazer rir outras” (23.1%), enquanto a forma mais frequente de vitimização voltou-se para “Recebeu um e-mail perturbador de alguém que conhece ” (18.3%). Hinduja e Patchin (2010) concluem a sua investigação afirmando que as vítimas e os agressores de bullying tinham, respetivamente, mais 1.7% de probabilidade e 2.1% de probabilidade de terem tentado suicídio do que aqueles que não eram vítimas tradicionais ou infratores. Da mesma forma, as vítimas do cyberbullying e os infratores de ataques cibernéticos tinham, respetivamente mais 1.9% e 1,5% de probabilidade de tentar suicídio do que aqueles que não eram vítimas de ataques cibernéticos ou infratores.

Podemos concluir que tanto os agressores como as vítimas de bullying/cyberbullying são indivíduos altamente fragilizados, na medida em que os valores de suicídio por parte dos próprios agressores são extremamente altos. Através destas probabilidades, devemos ter em atenção o apoio que as escolas deverão dar a ambas as partes. As vítimas devem ser protegidas de modo a não sofrerem danos psicológicos futuros e, no que toca aos agressores, estes devem ser abordados para que se perceba a verdadeira essência e necessidade de praticar as ofensas.

3.5 As tecnologias, os jovens e o sexting

À medida que a era tecnológica avança para dominar a vida dos indivíduos, mais na vida dos jovens do que nos adultos, acaba gradualmente por invadir a passos largos a privacidade de cada um deles (Couto, 2015). Isto significa que os objetos e programas digitais que nos são apresentados todos os dias, acabam por fazer de nós indivíduos sujeitos à exposição da nossa

vida privada, mesmo que de alguma forma esta seja consentida ou de forma inconsciente (Couto, 2015).

A faixa etária jovem tem muito presente, no dia a dia, os mais variados objetos tecnológicos, acabando por serem usados nas mais variadas formas. O telemóvel, como objeto mais prático de transportar, acaba por ser o mais calejado entre os indivíduos. Moura (2009) defende a versatilidade do telemóvel abarcando três vertentes, sendo este um “repositório de informação, ferramenta de produtividade e ferramenta de escrita” (p.69). Assim, este instrumento torna-se o predileto nos tempos que correm, na medida em que é capacitado tanto para o trabalho escolar/profissional, como na comunicação entre as pessoas no quotidiano.

Dependendo do contexto em que os adolescentes estão inseridos, tanto a nível económico, social ou familiar, a adolescência encara-se como sendo “(...) um período da vida que exige ao indivíduo capacidade de adaptação às exigências sociais no momento em que está a sofrer transformações biológicas e psicológicas” (Anastácio, 2010, p.3). Posto isto, estas transformações são acompanhadas não de sempre, mas para sempre, pelas novas tecnologias.

Quando abordamos a fase da adolescência, facilmente a conseguimos conectar à violência em contexto escolar e aos termos bullying e cyberbullying, pois além de serem matérias bastante populares na sociedade contemporânea, cada vez mais as conseguimos detetar junto dos jovens. A violência juvenil, sendo cometida por jovens com idades entre os 10 e os 21 anos, é um comportamento agressivo que é percebido antes da puberdade e leva à adoção de atitudes cada vez mais agressivas, culminando em graves ações na adolescência e na persistência da violência na fase adulta (Neto, 2005). Posto isto, a violência juvenil ao ser praticada pelos jovens e com a presença dos telemóveis, acaba por gerar, conseqüentemente, a violência virtual.

Segundo Wanzinack & Scremin (2014), com a progressão destes jovens ao contacto com a era virtual, a sexualidade vai sendo explorada a partir destes caminhos. Estes autores reafirmam a ideia de que os jovens tendem a explorar o sexo virtual mais do que o contacto físico, pois acabam por possibilitar o prazer sem envolvimento emocional e com baixo risco de rejeição. Porém, parece que para a maioria dos adolescentes tendem a não encontrar limites, no que toca à diferença entre o mundo on-line e off-line, através das redes sociais, que no fundo ajudam no processo de construção da autoestima (Wanzinack & Scremin, 2014, p.23). Aqui, nascem as verdadeiras preocupações relacionadas com um tema que tem ganho algumas proporções negativas nos dias de hoje – o sexting.

O termo sexting surge nos Estados Unidos da América, através da combinação de duas palavras: sexo (sex) e mensagem (texting). Esta prática consiste “no envio de mensagens e imagens de conotação sexual, por meio de tecnologias digitais, para namorados/as” (Barros, 2014, p.23). O termo sexting surgindo apenas no início deste século, já sofreu algumas mudanças na sua abordagem desde a sua “descoberta”. Inicialmente, referia-se a pessoas que usavam os telemóveis para marcar encontros sexuais, porém o termo modificou para se referir ao envio de imagens explícitas ou mensagens de texto sexualmente sugestivas (Albury et al., 2010). Tendo em conta Ringrose et al. (2013), as respostas pedagógicas e sancionatórias à prática do sexting são retrógradas, ao ponto de os media tentarem “dramatizar” o problema tentando passar o lado feminino como a única vítima e, principalmente, culpada. Existem casos de vítimas de sexting que acabaram em suicídio, mas mesmo assim foram sendo noticiados pelos media apenas para um determinado género específico, onde as meninas são posicionadas sem vigilância no uso das novas tecnologias. Assim, entende-se que várias das mensagens anti-sexting existentes afirmam que a prática é inadequada e que o erro está no corpo nu ou semi-nu da imagem e não nos agentes de distribuição da mesma (Hasinoff, 2013, citado por Ringrose et al., 2013).

Portanto, em relação ao tema sexting, a mediação deveria entrar neste âmbito a fim de tentar “favorecer e estimular a comunicação entre as partes em conflito; levar a que ambas as partes compreendam o conflito de uma forma global, e não apenas a partir da sua própria perspectiva; ajudar a que ambas as partes analisem as causas do conflito, separando os interesses dos sentimentos; e reparar, sempre que isso seja viável, as feridas emocionais que possam existir entre as partes em conflito” (Jares, 2002, p.153).

Tendo em conta estas afirmações, torna-se importante desenvolver estudos sobre o sexting na fase da idade escolar, pois é partir da faixa etária juvenil que as experiências em relação à sexualidade devem ser abordadas como forma de prevenção. Seria de extrema relevância que ao trabalhar “a sexualidade, a escola deveria ter uma posição clara do que pretende. O assunto é complexo e envolve não só o professor e o aluno, mas também sua família” (Costa, 2011, p.8). Posto isto, a mediação deveria ser uma aposta enriquecedora para o apoio destes constrangimentos.

3.6 Investigações sobre a prevenção do sexting

Com a chegada da era tecnológica e todos as suas facilidades, o Comité de Reforma da Lei de Victoria na Austrália (citado por Lee at al., 2015) afirma que o termo sexting está a tomar grandes proporções e a agarrar várias práticas, motivações e comportamentos. O Comité do Estado Australiano, ainda afirma que a atividade do sexting pode variar, na medida que as mensagens podem ser partilhadas entre namorados ou mesmo fora de uma relação; facilmente usa-se uma imagem íntima para agressão sexual e, para além destas práticas, podem também ser encontrados casos de pedofilia, ou seja, mensagens trocadas entre um adulto e uma criança, sem que a criança saiba com quem se está a relacionar, isto se o adulto esconder a sua identidade.

Lee at al. (2015) elaboraram o Projeto Sexting and Young People, com o objetivo de abordar mais sobre o assunto com os jovens para que conseguissem perceber de que modo o sexo é encarado por eles. Ao relacionarem o tema sexting com os media, as leis políticas e as novas tecnologias, tentaram alcançar alguns aspetos, tais como: as perceções e as práticas de sexting por parte dos jovens; analisar qual a opinião pública sobre o sexting e quais as sanções atribuídas a quem pratica o sexting. Estes investigadores, fazem referência ao sexting como sendo uma gravação digital com conteúdos sexuais, podendo obter imagens explícitas e a distribuição das mesmas através dos telemóveis ou em sites de redes sociais, como o Facebook, Instagram e Youtube.

Um dos aspetos mais marcantes deste projeto foi a maneira como foi dividido pelas demais faixas etárias, o que levou a obter um pouco das opiniões, tanto por parte dos jovens, como por parte dos adultos sobre esta matéria. Assim, foi interessante perceber que o tema sobre a sexualidade não é ouvido por completo por parte dos jovens, pois “enquanto pais, professores, académicos, polícias e funcionários do governo discutem as questões em torno do sexo e das possíveis soluções, os próprios jovens raramente se apresentam em tais discussões” (Lee at al., 2015, p.71), acabando por abafar o que realmente importa – as perceções dos alunos sobre o sexting.

O projeto Sexting and Young People (Lee at al., 2015) ao usar a pesquisa online para recrutar participantes, conseguiu perceber que quase 50% da sua amostra enviou ou recebeu mensagens, imagens e vídeos sexualmente explícitos. No que toca ao sexo dos inquiridos, não houve diferenças significativas, o que quer dizer que este tipo de mensagens tanto pode ser transmitido pelo sexo feminino, como pelo sexo masculino. Quando falamos sobre as razões pelas quais o fazem, os rapazes na maioria das vezes afirmam que o fazem na expectativa de

que as raparigas retornem as imagens, o que não acontece com o oposto, pois quando são os rapazes a enviar primeiramente as imagens, as raparigas sentem-se obrigadas ou pressionadas a devolvê-las. Independentemente de a maior parte dos entrevistados saberem quais os resultados negativos que estas trocas de mensagens sexuais podem implicar nas suas vidas, as percentagens de sexting continuaram a ser enormes e, tristemente, continuam a crescer até aos dias de hoje.

Além de existirem algumas investigações acerca de como evitar o sexting e pesquisas sobre toda a polémica que existe em torno das problemáticas sobre as redes sociais, nada é suficientemente informativo para que se consiga alertar sobre os perigos que podem advir desta prática. Assim, nasceu em 2010 o UK Safer Internet Center (www.saferinternet.org.uk), que ganhou corpo através de um site e tem como objetivo promover o uso seguro e responsável da internet e de todos os objetos digitais existentes. Financiado pela Comissão Europeia, este apoio para a consciencialização sobre o uso adequado das tecnologias pelos jovens, torna-se importante para conseguir averiguar um pouco mais sobre a sexualidade e ao mesmo tempo ajudar as pessoas a entenderem como resolver os problemas surgidos. Aqui, as várias faixas etárias são apoiadas transversalmente por via online, onde as crianças, jovens, pais e até mesmo professores poderão ser aconselhados. Apesar das suas diversas funcionalidades, aquela que mais importará será a existência de uma linha de apoio que se caracteriza por ser um lugar anónimo, onde as pessoas poderão denunciar e ao mesmo tempo remover imagens e vídeos de abuso sexual em qualquer parte do mundo.

Logo após o nascimento do UK Safer Internet Center, abrem-se portas portuguesas para o mesmo conceito. Assim, o Centro Internet Segura Portugal tem como objetivos estratégicos (internetsegura.pt):

- Combate a conteúdos legais;
- Minimização dos efeitos de conteúdos legais e lesivos nos cidadãos;
- Promoção de uma utilização segura da Internet
- Consciencialização da sociedade para os riscos associados à utilização da Internet.

(internetsegura.pt/sobre/missao-e-visao, s.d., s.p.)

Com o intuito de prevenir o sexting e mostrar as suas consequências, o Centro Internet Segura Portugal ajuda a esclarecer com alguns dos seus tópicos informativos, de maneira a que os cidadãos possam saber em que consiste, o que fazer no caso em que algo ocorra de forma

ilegal e o que fazer em situações em que é necessária ajuda. Como acontece, por exemplo, nos casos da prática do Sexting, Cyberbullying, Roubo de Identidade e outros.

CAPÍTULO IV

ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

4.1. Introdução

Este capítulo refere o enquadramento metodológico do estágio. Primeiro fundamenta-se a metodologia de intervenção e investigação no estágio (4.2). Depois, apresentam-se os métodos e técnicas de recolha de dados (4.2.1), a elaboração e validação dos instrumentos de investigação (4.2.2), o processo de recolha de dados (4.2.3) e o tratamento e análise de dados (4.2.4). Por último, surge uma descrição do estágio, onde são narradas as atividades desenvolvidas na escola. (4.3)

4.2. Apresentação e fundamentação da metodologia de intervenção/ investigação no estágio

No que concerne à metodologia escolhida para a elaboração do projeto STOP Sexting definimos como linha orientadora a metodologia S-IVAM (Seleção do problema – Investigação, Visão, Ação e Mudança) (Jensen, citado por Vilaça, 2012).

O paradigma construtivista está subjacente a esta metodologia, pois aposta no aluno como um auto mentor das suas próprias aprendizagens e (re)construção de saberes. No construtivismo defende-se que o aluno “deve seguir o seu percurso de aprendizagem pessoal para que os conteúdos sejam apreendidos de modo intuitivo e progressivo consoante as suas especificidades particulares” (Casal, 2013).

Como o objetivo da formação era incentivar os alunos a desenvolverem um conjunto de competências para agirem no sentido de prevenirem o sexting na escola, de acordo com as atividades vividas, deveriam reconstruir as suas próprias perceções sobre o tema e transformar os conhecimentos aplicando-os nas ações a desenvolver. Portanto, se cada ser é um ser e todos os indivíduos carregam consigo conhecimentos prévios, estes conhecimentos podem ser transformados de forma a que as pessoas se sintam capazes e com vontade de agir no sentido de resolver os problemas identificados na comunidade e na sua própria vida. Por estas razões optou-se pela metodologia IVAM (Investigação, Visão, Ação e Mudança) que foi

criada por Bjarne Bruun Jensen, um investigador dinamarquês, no âmbito do seu trabalho com as escolas promotoras de saúde, tem sido desenvolvida como um instrumento prático que pode ser usado nas escolas para estruturar as atividades de promoção da saúde e facilitar a participação dos/as alunos/as, com o objetivo de desenvolver a sua “competência para a ação”, isto é, a habilidade dos alunos para, a nível da educação em sexualidade, realizarem ações reflexivas, individual ou coletivamente, e provocarem mudanças positivas nos estilos de vida e/ou condições de vida que levem à saúde sexual. (Vilaça, 2012, p.97).

O ensino orientado para a ação foi pensado para este plano de atividades, de modo a que os alunos, no decorrer da formação, conseguissem criar novas aprendizagens para a vida. O processo de aprendizagem ao longo da vida nos jovens torna-se importante, na medida em que este tem como objetivo “melhorar os conhecimentos, as aptidões e competências, no quadro de uma perspetiva pessoal, cívica, social e/ou relacionada com o emprego” (Siteo, 2006, p.284).

Após pedir autorização à Comissão de Ética para as Ciências Sociais e Humanas na Universidade do Minho, que incluiu o envio de um questionário (simultaneamente usado como teste diagnóstico de autorreflexão e para recolha de dados iniciais para a avaliação da intervenção), a Declaração de Consentimento Informado para os pais dos alunos envolvidos (Anexo 1), a Declaração de Consentimento Informado para os alunos (Anexo 2), uma declaração do Centro de investigação, o parecer da supervisora e o seu currículo resumido, foi pedida autorização na escola para realizar o estudo.

Quando o projeto começou a ser aplicado em ambas as turmas, e logo no começo da formação STOP Sexting, os alunos foram abordados através de um panfleto, que continha todas as palavras chave que iriam ser abordadas na mesma. Foi introduzido então o tema sexting e a metodologia IVAM. Deste modo, os alunos ficaram preparados para receber as atividades elaboradas ao longo do ano letivo, ficando a entender o modo como se iria conduzir o tema.

A abordagem S-IVAM (seleção do problema – investigação, visão, ação e mudança) tem sido desenvolvida na área da educação para a saúde, onde os professores e alunos, de forma democrática, se relacionam de modo a que haja uma vontade de agir para a mudança.

No presente projeto de intervenção e de investigação existiu, constantemente, a “recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais” (Bogdan & Biklen, 1994, p.292), onde foi exatamente o objetivo primário do projeto de estágio. Aqui, os intervenientes, que no caso irão ser os alunos da escola Y, terão de se envolver no processo de

investigação de forma ativa, mas permanentemente em consonância com os princípios da mediação.

Para que se consiga conhecer a realidade onde o projeto teve o seu desenvolvimento, em consonância com a metodologia selecionada para a sua realização, existem alguns métodos e técnicas de recolha de dados qualitativos que irão ser utilizados, como se descreve na secção seguinte.

4.2.1. Seleção dos métodos e técnicas de investigação

Análise documental

No que concerne à documentação, foi importante reunir um conjunto de documentos importantes que ajudassem a perceber o funcionamento da escola e dos novos programas que apoiam os alunos mais problemáticos, tornando importante a união das informações necessárias. A análise documental “consiste em identificar, verificar e apreciar os documentos com uma finalidade específica e, nesse caso, preconiza-se a utilização de uma fonte paralela e simultânea de informação para complementar os dados e permitir a contextualização” (Kantorski et al, 2011, p.223).

A análise documental apresenta-se como sendo uma técnica que consegue reunir algumas vantagens, no sentido em que alcança informações diversas de acordo com o objeto de estudo. Tanto em temas concretos, como em informações mais abrangentes. Porém, esta técnica apresenta de igual forma algumas desvantagens. A análise deve depender muito da qualidade das fontes existentes (podendo haver ou não qualidade nelas) e o tempo para o tratamento dos dados pode ser delongado. Faz ainda parte da análise de documentos todos os materiais produzidos durante o desenvolvimento do projeto.

Todos os documentos e informações pertinentes reunidas para o projeto fizeram parte da análise documental e foram submetidos a uma análise de conteúdo (Bardin, 1997).

Inquérito por questionário

Para iniciar a formação nas duas turmas, foi aplicado um inquérito por questionário aos alunos. O inquérito por questionário é uma técnica que tem como função “colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à

sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou questões humanas e sociais, às suas expectativas (...) ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.188). Com o objetivo de aprofundar o diagnóstico das necessidades em relação às práticas de sexting da escola em foco, o inquérito por questionário ajudou a analisar quais os comportamentos que os alunos tinham entre si, se existiam ou não conflitos no ambiente escolar e quais os valores e opiniões de cada um dos inquiridos sobre o tema sexting. Então, este método permitiu quantificar uma diversidade de questões pertinentes para a evolução da investigação. Assim, o questionário elaborado está organizado em quatro partes:

- *A. Dados pessoais:* ano de escolaridade, turma, idade, sexo, formas de utilização do computador e formas de utilização do telemóvel (adaptado de Vilaça, 2016);
- *B. Motivações e percepções sobre sexting:* é constituído por um conjunto de questões sobre como é que os adolescentes estão a ser afetados pelo sexting e as suas atitudes face ao sexting (traduzido de UK Safer Internet Centre, 2015);
- *C. Conhecimento para agir na prevenção do sexting:* Nesta secção pediu-se aos alunos para responderem às questões relacionadas com o conhecimento que tinham sobre o Sexting, tendo em conta a seguinte definição de sexting: "Sexting é enviar ou receber mensagens e/ou fotografias provocativas ou sexualmente sugestivas usando o telemóvel e/ou as redes sociais". A sequência de cinco questões abertas visava recolher dados sobre o conhecimento orientado para as ações de prevenção do sexting que os alunos possuíam, nomeadamente sobre as consequências e causas do sexting e sobre as estratégias possíveis para o prevenir.
- *D. Ações pessoais face a situações de sexting:* Esta secção termina o questionário com um conjunto de cinco questões de opção sobre a percepção dos alunos sobre a forma como agem perante diferentes situações de sexting, como, por exemplo “Se um/a conhecido/a me envia uma foto em que aparecem as suas partes íntimas, eu (escolhe só uma opção)” ou “Se o meu namorado/ namorada me pede para lhe enviar uma “foto sexy”, porque sou muito bonita/o e sente muito a minha falta, eu (escolhe só uma opção)”.

Este questionário foi validado por um tradutor e por duas especialistas, e foi aplicado a seis alunos, de idades semelhantes aos participantes no projeto, para avaliar se a linguagem

estava adaptada à faixa etária e se as questões eram bem compreendidas por todos os alunos. O questionário final, após a sua validação encontra-se no anexo 3.

Para completar o projeto e para perceber se houve, ou não, mudanças por parte dos formandos, voltei a aplicar o mesmo questionário. Este método de retorno, foi bastante adequado para conseguir compreender os avanços dos alunos sobre o tema trabalhado na formação.

Esta técnica de caráter quantitativo, segundo Melo (2013), ajudou-me, enquanto investigadora, a focar-me nos objetivos quase de forma inconsciente e na escolha dos valores a ter em atenção, de modo a que conseguisse captar as observações pertinentes e dar valor a pequenos detalhes da investigação. Como por exemplo, ter em atenção a determinados autores para que sejam utilizados conceitos importantes, de modo a serem identificados como necessidade de formação no questionário.

Diários de bordo

No final de cada observação foram elaborados diários de bordo em todas as aulas observadas, bem como nas aulas de desenvolvimento do projeto. Estes diários tornaram-se importantes no projeto, visto que são documentos nos quais descrevi o que estava a acontecer nas minhas práticas, permitindo uma leitura diacrônica de eventos que possibilitou uma análise da evolução dos factos (Zabalza, 2004).

Para complementar as observações diárias das aulas e das sessões de formação, foram elaborados de igual modo diários de bordo para cada aluno (Anexo 9). Estes tinham como objetivo a compreensão das aprendizagens dos formandos, percebendo o *feedback* dos mesmos perante as atividades e quais os pontos fortes e fracos apontados nas sessões de formação.

Observação participante

Segundo Kirkpatrick (1959) o conceito de avaliação consiste em determinar a eficiência de um determinado projeto de formação. Para conseguir esta “eficácia” o autor salienta que a presença de quem está a avaliar deve ter em consideração os resultados propostos pela formação e, mais tarde, os resultados diretos da mesma. Assim, é formulado um modelo em que consiste em avaliar a qualidade da formação a partir de quatro níveis interventivos. Nesta fase, o primeiro nível vai ser o que nos importa. O nível I de Kirkpatrick (1959), faz referência à “reação” dos formandos, ou seja, medir o grau de satisfação e a reação dos formandos aos

programas impostos. A segunda parte do estágio teve em atenção a uma técnica de recolha de dados que vai dar respostas a estas questões importantes.

A Observação participante foi necessária em todo o processo de construção, na medida em que houve uma necessidade em avaliar os formandos, de uma forma contínua, dentro destes aspetos. Assim, com a Observação foi-me permitido: i) caraterizar os comportamentos agressivos entre os alunos (verbais, físicos, sexuais e psicológicos); ii) identificar várias formas de utilização do telemóvel/computador na aula e extra-aula; iii) identificar situações de sexting dentro e fora da sala de aula e caraterizar os comportamentos dos alunos em função do tipo de atividades educativas utilizadas na escola.

A observação participante no meio do seio escolar torna-se assim imprescindível para compreender um meio social que, à partida, era estranho ou exterior e que permitiu integrar-me progressivamente nas atividades das pessoas que nele viviam, tal como defendem Lessard, Goyette e Boutin (1994). Como em qualquer técnica de recolha de informação, a Observação participante trouxe vantagens e desvantagens. Cunha (1982), defende que, apesar da Observação participante garantir informações profundas e permitir compreender diretamente comportamentos espontâneos, existem desvantagens. Não deu para sentir, de certo modo, as desvantagens que existem sobre a mediação. Tornou-se algo muito intuitivo, porém, se não conseguisse estar próxima dos futuros formandos, não conseguia coletar as informações necessárias para a elaboração do projeto. Ou seja, só assim poderiam existir informações dentro do campo de observação.

4.2.2. Plano de recolha de dados

Ao dar início ao ano de estágio, existiu toda uma seleção de documentos necessários que permitissem conhecer a instituição de estágio. Para que isso fosse possível, foi possibilitado pela instituição, a documentação necessária para a minha pesquisa. Dados sobre a escola, alguns dados base sobre os alunos, sobre os programas em que estes se apoiavam, entre outros. Assim, através destas informações e da teoria explorada sobre autores que importavam citar, foi permitido criar um conjunto de conhecimentos que iriam ajudar a desenvolver o projeto no todo.

Com a análise documental e os conhecimentos necessários para conseguir enquadrar-me na comunidade escolar, foi necessário recorrer a uma técnica de recolha de dados mais invasiva. A observação participante privilegiou a atenção sobre os alunos, para que fosse possível

avaliar os comportamentos dentro da sala de aula. Além de conseguir observar as atitudes dos alunos, face às relações com os colegas e com os professores, aqui foi possível criar empatia com estes, ao mesmo tempo que conseguia tirar as conclusões necessárias para a planificação do projeto.

Após o estudo aprofundado sobre a temática e as observações feitas à escola, aos alunos e ao ambiente que os rodeava, o inquérito por questionário entra em ação. Este questionário iria permitir que ficasse a conhecer os alunos em alguns aspetos iniciais, tendo em conta a importância que estes davam às novas tecnologias e de que modo as utilizavam, e as perceções iniciais sobre a prática do *sexting*. Estas questões iriam ajudar a perceber qual era a situação da prática do *sexting* na escola e de que modo os alunos estariam dispostos a desenvolver a temática. De modo a avaliar as aprendizagens e entender se as perceções sobre os temas abordados teriam mudado, no fim da formação este mesmo questionário foi executado novamente e de igual forma.

Para completar a avaliação dos inquéritos por questionário, foram realizados dois tipos de diários de bordo. O primeiro serviu para passar para o papel as observações feitas a ambas as turmas ao longo do ano de estágio, o segundo foi criado para os alunos. O diário de bordo dos alunos foi construído propositadamente para cada final de sessão de formação, onde consegui retirar as perceções destes e retirar as conclusões necessárias sobre o modo como encararam cada uma das atividades realizadas.

Desta forma, conseguimos denotar a importância dos métodos e técnicas de recolha de dados, como uma fase imprescindível para a concretização de uma formação. Pois, foi a partir destas, que foi possibilitado o diagnóstico de necessidades, a planificação das atividades e as avaliações finais sobre o projeto.

4.2.3. Tratamento e análise de dados

Após recolher todas as informações necessárias ao desenvolvimento do projeto, privilegiei a análise de conteúdo para o tratamento dos dados qualitativos recolhidos. Esta técnica, de cariz qualitativo, é explicada como sendo um

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p.47).

Bardin (2011) define a análise de conteúdo como uma clarificação dos conhecimentos obtidos, que reúne três fases basilares no processo de análise. A pré-análise dos dados, as conclusões retiradas dos mesmos e as suas interpretações.

A técnica de análise de conteúdo foi aplicada na análise dos documentos estruturantes da escola no início do projeto e nos documentos produzidos pelos alunos durante o projeto, bem como nas respostas abertas do questionário. Quando foi adequado, foi realizada uma estatística descritiva das respostas que pertenciam a cada categoria e subcategoria de análise.

Para todas as respostas do questionário foi feita uma estatística descritiva simples, em que se comparou as respostas antes e após a formação dos alunos, por turma.

Sempre que se utilizarem excertos dos diários os dados serão apresentados de forma anónima, para respeitar a privacidade dos participantes no estudo.

Assim, através da análise documental, dos inquéritos aplicados aos alunos antes e após a formação, da observação em conjunto com os diários de bordo elaborados por mim e pelos formandos, foi possível refletir e perceber o que poderia ser explorado e as conclusões que eram necessárias para a compreensão final das potencialidades do projeto.

Tendo em consideração os inquéritos por questionário aplicados antes e depois da formação e, posteriormente, o tratamento dos seus dados, foi necessário a utilização de uma ferramenta que fosse possível comprimir toda a informação. Assim, através do IBM SPSS que se apresenta como um programa de apoio à estatística, foram criadas tabelas de modo a ficarmos a conhecer quais as diferenças dos pré e dos pós questionários aplicados nas turmas.

As perguntas serão apresentadas através de referências cruzadas, para que se consiga perceber cada detalhe de ambas as turmas em estudo. A frequência dos alunos, percentagens, média e desvio padrão (DP), serão apresentados e discutidos ao longo do capítulo da apresentação dos resultados.

4.3. Descrição da implementação do projeto STOP sexting

Este projeto tem como principais objetivos: i) Promover a evolução do conhecimento e as atitudes dos alunos sobre o sexting ao longo de um processo de mediação preventiva; ii) Criar condições para o desenvolvimento da competência dos alunos para agirem no sentido de prevenirem o sexting na escola; iii) Promover o desenvolvimento das competências de comunicação dos alunos ao longo do processo de mediação preventiva; iv) Criar condições para o desenvolvimento de competências de gestão positiva de conflitos nos alunos para resolverem

problemas relacionados com o sexting que possam emergir na escola. Assim, foram desenhados cinco eixos de ação para a sua implementação:

- *Eixo de ação nº 1 – Apresentação do projeto: STOP sexting.* Na perspetiva da mediação, o desenvolvimento social dos indivíduos é imprescindível “(...) para a criação e manutenção de pontes entre as pessoas e entre estas e a sua comunidade, na direção de uma evolução conjunta” (Torremorell, 2008, p.30). Assim, segundo Torremorell (2008), sendo o processo de mediação uma espécie de reflexão entre vários intervenientes, ou seja, uma reflexão conjunta, esta deverá tentar levar a que o grupo em estudo encontre uma resposta a uma determinada problemática. A mediação não só é capaz de ajudar o indivíduo a fazer novas aprendizagens, como também ajudá-lo a responder às suas necessidades do momento e futuras, apresentando “novas formas de coordenação das relações dos atores entre si (...) numa lógica comunicacional na medida em que o papel do mediador consiste em mobilizar todas as formas processuais para favorecer a comunicação entre as partes, a sua intercompreensão” (Bonafé-Schmitt, 2009, p.24).

Na ação preventiva da mediação, os problemas surgidos em vários contextos, mais concretamente em contextos educativos, não estão propriamente no próprio conflito, mas sim na má gestão das soluções encontradas (Amado & Freire, citado por Silva, 2010). Posto isto, prevenir ou atenuar os conflitos torna-se importante para o desenvolvimento social do indivíduo, na medida que este precisa de encarar o conflito como algo inerente e natural na vida do ser humano, encarando-o como uma “perspetiva positiva” na sua “transformação” (Silva, 2010, p.12). Na mediação preventiva, os mediadores acreditam que esta se caracteriza como um processo que repara, na medida que antecipa e intervém na resolução dos problemas já existentes. Posto isto, a lógica preventiva aceita que a “prevenção de conflitos significa deduzir, a partir de uma explicação adequada do conflito – incluindo as suas dimensões humanas, não só as condições que criam um ambiente de conflito e as mudanças estruturais requeridas para o remover, mas, mais importante, a promoção de condições que criam relações cooperativas”(Burton, 1990, citado por Torremorell, 2008, p. 38).

O sexting é geralmente entendido como uma gravação digital com conteúdos sexuais, que podem ser imagens explícitas, com distribuição das mesmas através dos telemóveis ou em sites de redes sociais, como o Facebook, Instagram e Youtube (Lee et al., 2015). O

sexting está a tomar grandes proporções e a incluir várias práticas, motivações e comportamentos, podendo variar na medida em que as mensagens podem ser compartilhadas entre namorados ou mesmo para fora da relação; facilmente usam uma imagem íntima para agressão sexual e, para além destas práticas, podem também ser encontrados casos de pedofilia, ou seja, mensagens trocadas entre um adulto e uma criança, sem que a criança saiba com quem se está a relacionar, isto se o adulto esconder a sua identidade (Lee et al., 2015). Assim, neste primeiro eixo, após conhecer as conceções iniciais dos alunos sobre o sexting, será apresentada a metodologia do projeto que visa a sua capacitação para agir na prevenção do sexting, no âmbito da mediação preventiva.

Os objetivos do eixo foram os seguintes: i) Conhecer as necessidades de formação dos participantes para agirem na prevenção do sexting; ii) Compreender a metodologia do projeto STOP sexting.

Neste eixo foram realizadas duas atividades: Atividade 1.0 que penso e sinto sobre o sexting? (Anexo 3) e Atividade 2. Apresentação do projeto STOP sexting (Anexo 4).

- Eixo de ação n.º 2 – “O conflito e a comunicação”. As interações sociais nas escolas são sempre instáveis, portanto, é necessário perceber que o conflito é algo inerente ao ser humano e, neste sentido, deve ser trabalhado para que não hajam conflitos de interesses. O conflito é, então, um processo necessário para o progresso do adolescente visto ser com ele que o indivíduo se desenvolve em grupo/sociedade. Para se trabalhar o conceito de conflito será realizada a atividade 3 (Anexo ???), seguida de um brainstorming em pares e uma pequena discussão teórica sobre o que é o conflito (PowerPoint n.º 1- Anexo ???).

O processo de comunicação ocorre de várias formas. Na fase de adolescência e com o crescimento das novas tecnologias, estas formas traduzem-se quase por telemóveis e outros adereços digitais. Portanto, nada melhor do que criar uma atividade que traduza a importância da comunicação no dia a dia.

Os objetivos do eixo foram os seguintes: i) Compreender o que é um conflito; ii) Desenvolver competência de observação e reflexão sobre a prática; iii) Compreender a importância da comunicação em sociedade; iv) Compreender a relação entre a falta de competências de comunicação e os conflitos que emergem entre as pessoas.

Este eixo incluiu as seguintes atividades: Atividade 3 – Proteger o balão de todos os obstáculos; Atividade 4 – Desenhar sem ver escutando o outro; Atividade 5– O meu diário do Projeto STOP sexting.

- *Eixo de ação nº 3 – “Não julgar os outros”*. Uma das características mais importantes do ser humano é que não consegue, nem pode viver isoladamente na sociedade. A socialização começa inicialmente na família e a escola dá-lhe continuidade. As diferentes culturas, géneros e personalidades que a escola inclui permitem novas experiências e principalmente a criação de valores. A escola ensina os alunos a pensarem criticamente e a serem auto criadores de novos sentidos, porém se não forem encorajados a pensar reflexivamente poderão existir valores importantes que ignoram ou não valorizam. Um desses valores é o respeito, que, por vezes, passa despercebido sendo ele uma mais valia para o indivíduo na medida que o leva para uma vivência em sociedade mais completa.

Os objetivos do eixo foram os seguintes: i) Valorizar o “respeito” como um valor para importante para a viver em sociedade; ii) Compreender o sexting como uma falta de respeito por si próprio e pelo outro; iii) Compreender as consequências e as causas do sexting.

Este eixo incluiu as seguintes atividades: Atividade 6 – “O (des)respeito”; Atividade 7– “Teatralizando o sexting”; Atividade 8 – O meu diário do Projeto STOP sexting.

- *Eixo de ação nº 4 – “Responsabilidade individual e Sexting”*. Quando fazemos uma ligação entre as novas tecnologias e os jovens adolescentes, facilmente identificamos a palavra problema. Por causa de telemóveis e redes sociais, a nível social o adolescente está a ter grandes problemas em se desenvolver em sociedade. Apesar da escola e da família alertarem constantemente para as potencialidades, mas, também, os problemas que advém das novas tecnologias, muitas vezes os adolescentes ignoram os cuidados a ter com as novas tecnologias. Para averiguar estas situações e todas aquelas que podem advir das novas tecnologias, acho pertinente a realização de algumas atividades que englobem a prática do sexting e do cyberbullying.

Os objetivos do eixo foram os seguintes: i) Compreender estratégias a usar para não encorajar o sexting; ii) Compreender a relação entre sexting e cyberbullying; iii) Reconhecer situações de sexting que já encontraram na sua vida.

Este eixo incluiu as seguintes atividades: Atividade 9 – “Não encorajes o sexting”; Atividade 10 – O meu diário do Projeto STOP sexting; Atividade 11 – “Redes sociais, sinal de confiança?”; Atividade 12 – O meu diário do Projeto STOP sexting.

- *Eixo de ação n.º 5 – “Prevenir o sexting”*. De acordo com vários estudos feitos em todo o mundo, cerca de um quarto dos adolescentes utilizam o telemóvel para enviarem imagens ou vídeos de cariz sexual para começarem as suas primeiras atividades sexuais. O sexting tem ganho proporções inimagináveis no que concerne ao envio das imagens de um indivíduo para outro, e desse outro para outros tantos. Chamar a atenção dos jovens de que o sexting é uma realidade muito presente na sociedade é um dos objetivos desta atividade. Neste sentido, os participantes poderão ajudar a promover o bem-estar da comunidade.

Este eixo incluiu as seguintes atividades: i) Desenvolver o pensamento crítico sobre o sexting; ii) Desenvolver competências de resolução de problemas de sexting.

Este eixo incluiu as seguintes atividades: Atividade 13 – “Debatendo o sexting”; Atividade 14 – “Consequências do bullying em testemunhos reais”; Atividade 15 – O meu diário do Projeto STOP sexting; Atividade 16 – “O que penso e sinto sobre o sexting no final do projeto?”.

Em seguida serão descritas as atividades, tal como aconteceram ao serem implementadas na escola nas duas turmas.

Atividade 1: O que penso e sinto sobre o sexting?

Ao iniciarmos a formação, era necessário fazer um diagnóstico das necessidades de formação específicas dos alunos em relação ao sexting. Assim, a primeira atividade proposta para sessão de formação que se inicia é um inquérito por questionário (Anexo 3). Este questionário envolve questões que põe à prova os conhecimentos e atitudes dos alunos sobre o tema sexting, abordando o que pensam saber sobre receber ou enviar mensagens e/ou fotografias provocativas ou sexualmente sugestivas usando o telemóvel e/ou as redes sociais (Weisskirch, & Delevi, 2011).

A atividade 1 do projeto “STOP Sexting” é caracterizada por ser uma atividade de extrema importância para conhecer as ideias iniciais e atitudes dos alunos, tendo como objetivos:

- i) Identificar os hábitos dos participantes em relação à utilização do computador;

- ii) Identificar os hábitos dos participantes em relação à utilização do telemóvel;
- iii) Caracterizar as motivações e perceções dos participantes sobre o sexting;
- iv) Caracterizar o conhecimento que os alunos possuem para agirem no sentido de prevenirem o sexting na comunidade escolar.

Os recursos mobilizados para a realização desta atividade foram muito simples, tendo como material físico os próprios questionários impressos dentro de uma caixa e como recurso espacial a sala de aula usada para a disciplina que iria ser lecionada se não existisse a sessão de formação.

Portanto, antes da sessão, foi necessário afastar o máximo possível as cadeiras da sala de aula para que os participantes conseguissem ter condições de anonimato, visto que esta questão foi essencial para a sua concretização. De seguida, após os participantes se distribuírem pela sala, houve uma explicação breve aos participantes que iriam preencher o questionário de forma anónima, para refletirem sobre o que pensam e sentem acerca do sexting. Assim, foi deixado bem claro que nunca ninguém poderia saber o que cada um dos participantes respondeu. Antes de iniciarem a atividade, foi avisado aos participantes que a formadora, neste caso eu, gostaria que colocassem os questionários na caixa fechada para serem posteriormente analisados e clarificadas as respostas nas aulas seguintes. Para finalizar, informei os alunos de que se tivessem alguma dúvida sobre alguma questão me deveriam chamar para eu ir ao seu lugar ajudar.

Após a conclusão dos questionários e dos alunos os colocarem na caixa, organizámos a sala de aula para a segunda atividade da sessão de formação.

Atividade 2: Apresentação do projeto STOP sexting

A segunda atividade do Eixo de Ação nº1 é exatamente como o nome indica, a apresentação do projeto onde os participantes estão inseridos como alvo. A segunda atividade da sessão de formação tem como objetivos primários:

- i) Explicar o que é o projeto STOP sexting;
- ii) Explicar as atividades que gostariam de fazer dentro projeto STOP sexting.

Os recursos mobilizados para a realização da segunda atividade foram de dois géneros. Mais uma vez o recurso espacial apresentava a sala de aula da instituição escolar onde estávamos inseridos e como material físico distribuíram-se os panfletos produzidos anteriormente e várias folhas de post-its que seriam entregues a todos os participantes.

Com a sala organizada e os alunos distribuídos pelos lugares à sua escolha, foi entregue, a cada um dos participantes da atividade, um folheto ilustrado (Anexo 4) com algumas informações iniciais sobre o sexting e a metodologia do projeto. De seguida, foi pedido a um participante para ler em voz alta todo o folheto e, após a tarefa, pedir aos alunos que se oferecessem para explicar, como base no folheto, como iria ser, na opinião de cada um o projeto que estava a decorrer. Os participantes, de forma autónoma, partilharam quase todos a sua opinião sobre ele. Com o tema esclarecido globalmente e com os alunos mais um pouco informados sobre o projeto, foi clarificada a metodologia do projeto – a metodologia IVAM.

Com a apresentação do projeto e das suas intenções para a vida futura dos alunos, foi possível fazer a distribuição de folhas de post-it a cada aluno. Estas folhas de post-it (Anexo 5), serviam para que os alunos pudessem escrever pelo menos uma atividade que gostariam de realizar no projeto, para conseguirem retirar as perceções dos gostos de cada um.

Atividade 3: Proteger o balão de todos os obstáculos

A atividade 3 foi a primeira atividade lúdica da formação. Com base no eixo de ação nº2, o jogo do balão foi espelhado nos conceitos *conflitos* e *comunicação* e abordou-se estes temas, tendo como finalidade a conexão destes mesmos conceitos. Assim, com o jogo incentivei os alunos a quererem perceber, por eles próprios, o objetivo final do jogo. Como já fora referido anteriormente, os adolescentes precisam de criar novas formas de comunicação, sem que seja necessário a via digital, portanto nada melhor do que elucidar os participantes para estas questões. Posto isto, os objetivos desta terceira atividade, apresentaram-se como sendo:

- i) Explicar o que é um conflito;
- ii) Desenvolver competências de reflexão sobre o comportamento pessoal e o comportamento do grupo;
- iii) Autoavaliar a sessão do projeto.

Portanto, o Jogo do Balão e os conceitos abordados foram apresentados aos alunos através de um retroprojektor na sala de aula do costume. Foi necessário alguns materiais extra que foram imprescindíveis, tais como um balão e alguns palitos, cadeiras para se sentarem em grande círculo, mais uma vez as folhas de post-it e um PowerPoint (Anexo 7) com algumas indicações para a explicação final da atividade.

A sessão iniciou quando todos os alunos estavam presentes na sala de aula, ou seja, quando foi possível sentá-los todos em grande círculo nas cadeiras dispostas da sala. Assim,

permitiu-me explicar aos participantes que o objetivo da atividade seria proteger o balão de todos os obstáculos e que este teria de passar por todos os participantes sentados no círculo de cadeiras. Após esta explicação, foi possível entregar um palito a cada participante e explicar que deverão ter o palito na mão durante toda a atividade. Esta atividade resultou, inevitavelmente, em que os jovens pegassem no palito com a intenção de rebentar o balão protegido pelos colegas. Mesmo que não tenha sido dado nenhum objetivo específico para o uso do palito, mas apenas a indicação para a proteção do balão dentro do círculo.

Depois da brincadeira demorar alguns minutos e os alunos terem tido a oportunidade de se libertar como grupo, pedi que entregassem os materiais. Depois de se acalmarem, foi solicitado aos participantes que partilhassem com o grupo, sem identificarem os colegas, os comportamentos positivos e negativos que observaram durante a atividade e as intenções dos participantes em quererem rebentar os balões quando não era o objeto da atividade.

Com o fim de promover uma discussão com o grupo, foram colocadas algumas questões para reflexão, tais como: porque razão alguns participantes tentaram rebentar com o palito o balão na mão do colega?; Se aplicarmos este jogo à vida real, por que razão podemos afirmar que “os balões são as pessoas e os palitos são os conflitos existentes entre elas”?. Portanto, em forma de mediação, fui tentando, com a ajuda do PowerPoint projetado, que eles associassem, em grupo, ‘que os balões são as pessoas’ e ‘os palitos são os conflitos existentes entre si’.

Depois do momento reservado para discussão, foram distribuídas folhas de post-it (Anexo 6) a cada participante. Estas folhas serviam para que os participantes identificassem alguns dos conflitos existentes na escola, tanto dentro ou fora da sala de aula, com o fim de perceber quais os conflitos que os rodeavam. Para colmatar a questão do conflito, os alunos tiveram de fazer um pequeno debate onde discutiram os conflitos que se passam na vida escolar.

Atividade 4: Desenhar sem ver, escutando o outro

Insistindo no tema da comunicação e dando mais um pouco de liberdade aos participantes, a atividade 4 deu oportunidade a outro jogo. “Desenhar sem ver, escutando o outro” com os seguintes objetivos:

- i) Explicar a importância da comunicação no jogo;
- ii) Explicar a importância da comunicação na sociedade;

iii) Relacionar a falta de competências de comunicação com a emergência de conflitos entre as pessoas.

Para ser possível realizar a tarefa foi pedido algum material lúdico que fosse capaz de responder a esta atividade. Por exemplo, folhas de desenho, marcadores e algumas vendas disponíveis para os participantes realizarem o jogo.

Ao iniciar a atividade pedi aos alunos para se colocarem em pares. Com os pares definidos, foi pedido a um participante para ficar de olhos vendados e desenhar algo que o parceiro lhe pedisse para desenhar, porém sem ver o que está a desenhar no papel. Foi esclarecido aos participantes que deviam desenhar seguindo todas as indicações dadas pelo par que está sem venda. Assim, ao fim de 10 minutos, a atividade termina e os formandos desvendaram os olhos e partilharam em turma as suas reflexões sobre a atividade, respondendo a questões do seguinte tipo: o que pediste para o teu colega desenhar?; Por que razão o que está desenhado não é exatamente o que foi pedido?; Qual foi a importância de uma boa comunicação entre os pares nesta atividade?; Qual é a importância da comunicação em sociedade?; Que relações existem entre a comunicação e a resolução de conflitos?

Este exercício teve como objetivo fazer com que compreendessem a importância da comunicação na sociedade e que esta se transforma num processo crucial para a resolução dos conflitos. Assim, foi necessário os alunos compreenderem que os conflitos surgem, na maioria das vezes, por falta de entendimento entre as pessoas e que existe a possibilidade de a comunicação ser a solução para vários problemas, tanto na vida escolar, como na vida familiar.

Atividade 5: O meu diário do Projeto STOP Sexting

Para percebermos o impacto das atividades nos jovens, foi crucial realizarmos uma atividade que culminasse na avaliação das temáticas correntes. Não é suposto que este contenha conteúdos mágicos que respondam às nossas perguntas diretamente, mas sim “trata-se de um metatexto, de um escrito, misto de realidade e ficção, inicialmente caótico e mais tarde reflexivo, meditativo, até mesmo confessional” (Machado, 2002, pp.261).

Portanto, o objetivo destes diários de bordo (Anexo 9), no fim de cada sessão de formação, foram essencialmente para os alunos:

- i) Explicar o que aprenderam de mais importante na sessão;
- ii) Descrever o que gostaram mais na sessão;
- iii) Explicar o que gostaram menos na sessão;

iv) Descrever o que gostariam que fosse diferente na sessão seguinte.

Para realizar a atividade foi apenas necessário o próprio Diário de Bordo elaborado pela formadora e a sala de aula para que eles conseguissem escrever nas suas carteiras.

Cada um dos alunos tinha um diário de bordo e, antes de serem entregues, foi dada uma explicação muito direta sobre a sua importância para o projeto a decorrer. Após a chamada de atenção foi esclarecido com os participantes que deveriam refletir sobre a sessão, respondendo às seguintes questões:

Q1. O que aprendeste de mais importante na sessão?

Q2. O que gostaram mais na sessão? Porquê?

Q3. O que gostaram menos na sessão? Porquê?

Q4. O que gostavam que fosse diferente na sessão seguinte?

Estes diários foram muito bem estimados pelos participantes, mas para que não houvesse complicações nem risco de se perderem, responsabilizei-me por guardar os diários de bordo dos alunos. Visto que os diários também estariam em anónimo, pedi que caracterizassem com algum símbolo o seu diário pessoal, para que quando voltassem a ser entregues, todos saberem a quem pertencia.

Atividade 6 – “O (des) respeito”

Entrando no eixo de ação nº3 que visa dar importância às palavras socialização e respeito, damos lugar à sexta atividade da formação. Pela vida dos alunos que participam no projeto “STOP Sexting”, parecia que tinham sido escolhidos a dedo, pois eram alunos com algumas dificuldades de concentração, comunicação e socialização. Alguns deles eram acompanhados pela psicóloga da escola pois apresentavam alguns problemas no seio familiar que, conseqüentemente, passavam para os seus comportamentos no ambiente escolar. Logo, nada melhor que criar uma atividade que elucidasse a necessidade de se respeitarem uns aos outros.

Esta atividade teve como objetivos:

- i) Explicar a necessidade do respeito pelo outro;
- ii) Justificar a importância da boa convivência escolar para as boas relações;
- iii) Explicar em que consiste o respeito pela diferença;
- iv) Explicar as razões por que não se deve julgar o outro.

Para concretizar esta atividade, foi essencial a presença de um computador com internet.

Mas como todas as salas de aula apresentavam um computador por professor nas aulas, não foi necessário a deslocação do grupo para uma diferente. Além do computador, foi necessário cartolina e marcadores.

Através do Youtube, foi possível passar um vídeo que relatava um pequeno episódio, em desenhos animados, de um conjunto de pássaros. Estes mesmos pássaros discriminam e gozam com uma gaivota apenas por ter uma imagem diferente, mas que no fim, quem se ri por último é a própria gaivota. O vídeo, intitulado de “Uma bela lição: Convivência e respeito”, acaba por se tornar a entrada da nossa atividade. Assim, ao expor o vídeo relacionado com o respeito, foi questionado aos alunos o que aprenderam com o mesmo. Aqui, a intenção era tentar sintetizar as aprendizagens realizadas de forma conjunta.

Após a reflexão em grupo sobre o vídeo, passamos para a parte mais criativa da atividade. Colocando uma cartolina (Anexo 10), no meio da sala, foi pedido ao grupo que elegeisse um representante. Este representante iria passar para a cartolina as sugestões dos colegas. Então, foi pedido aos alunos que refletissem sobre várias faltas de respeito existentes dentro e fora da sala de aula e para essas faltas de respeito teriam de dar exemplos sobre como combater. O representante, à medida que o grupo dava o seu veredito, apontava na cartolina, criando inconscientemente uma reflexão sobre os comportamentos de cada um.

Atividade 7: “Teatralizando o sexting”

Como o próprio nome indica, esta atividade surgiu para que os participantes teatralizassem algumas situações de sexting, com os seguintes objetivos:

- i) Explicar por que razão não devem julgar os outros sem conhecimento das causas da situação;
- ii) Consciencializar os alunos para as faltas de respeito em sala de aula, para com os professores;
- iii) Explicar as consequências do sexting.;
- iv) Explicar as causas do sexting.

Os recursos para esta atividade foram muito poucos, sendo apenas necessário uma sala de aula e umas folhas com a indicação das situações que teriam de representar e com o nome das personagens.

Ao iniciarmos a atividade, foi necessário explicar aos participantes que iriam ser apresentadas várias situações (Anexo 11) para eles próprios teatralizarem, assumindo o papel

que lhes fora atribuído. Três das situações que iriam trabalhar eram relacionadas com o sexting e uma delas era alusiva às faltas de respeito em sala de aula.

Portanto, para organizar a sala, dividiu-se os participantes em pequenos grupos de quatro elementos, explicando que deveriam preparar em grupo o teatro a representar. Ainda foi necessário esclarecer que durante o teatro os outros elementos do grupo que não participavam deveriam observar e registar o que os colegas ainda poderiam fazer melhor na situação que representavam. Após a explicação da atividade, foi distribuído ao cada grupo uma situação e ao iniciar as representações foram feitos os registos fundamentais realizados por todos.

Após as representações, interrogaram-se os observadores de cada grupo sobre o que os colegas poderiam fazer melhor no papel que desempenharam, dando oportunidade de discutir com a turma sobre os aspetos mais significativos das diferentes histórias. Assim, foram surgindo questões pertinentes que dariam asas às primeiras aprendizagens, tais, como: Q1. Quais foram as principais diferenças entre os teatros realizados a partir da mesma história? Q2. Como é que este teatro mostrou que não devem julgar os outros sem conhecimento das causas da situação? Q3. Explicar as consequências do sexting? / Quais são as consequências para a pessoas que é excluída do grupo? /Quais são as consequências da falta de respeito para a pessoa que não é respeitada? Q4. Quais podem ser as causas do sexting? / Quais podem ser as causas da exclusão do grupo? /Quais podem ser as causas que levam a não respeitar uma pessoa? Q5. Qual foi o objetivo desta atividade?

A discussão tornou-se um elemento importante na atividade, pois deu oportunidade aos participantes para compreenderem que o respeito pelos outros contrasta com dois defeitos da sociedade – o desprezo e a indiferença.

Para além de podermos fazer uma chamada de atenção para a importância do respeito na sociedade, foi conseguido frisar nas reflexões que deve existir, de igual modo, o respeito entre os colegas de escola e professores. Nomeadamente, as faltas de respeito existentes para com os professores durante as aulas, pois era uma constante no dia a dia escolar destes jovens. O facto de eles presenciarem estas pequenas encenações levou a que pensassem que estas atitudes acontecem ao longo do ano letivo, mesmo que não sejam encaradas como algo grave. A discussão sobre as situações de sexting, tornou-se importante para que os alunos comesçassem a compreender as consequências e as causas do sexting, aprendendo a reconhecê-las no futuro.

Atividade 8 – O meu diário do Projeto STOP Sexting

Mais uma vez os diários de bordo foram preenchidos para conseguir fazer uma pequena avaliação das atividades 6 e 7. Os diários de bordo (Anexo 9) para esta sessão de formação mostraram ser bastante positivos para recolher informações sobre o que os alunos pensavam e sentiam, pois, os alunos conseguiram ser, na maioria das vezes, diretos e sinceros. Em Educação, os diários de bordo conseguem explorar a dinâmica de situações específicas, tendo em conta as descrições, mudanças ocorridas, sentimentos e percepções que os atores constroem sobre as experiências vividas. (Zabalza, 1994).

Aquando da distribuição dos diários de bordo, quando os alunos viram que tinham as mesmas questões tiveram mais facilidade de preenchê-los. Os participantes, mais uma vez, respeitaram as perguntas e respondem com seriedade, apesar de ser necessário insistir e salientar a importância dos diários para o projeto. A questão 1, que questionava sobre o que tinham aprendido de mais importante na sessão de formação, recebeu algumas respostas dos participantes ao admitirem que “muitas vezes, nós alunos, temos comportamentos exagerados e que devemos ter mais consciência do que fazemos e dizemos” ou então, admitem que as atividades ajudaram a “aceitar os outros” (Diários de Bordo escritos pelos participantes, (Anexo 15).

Atividade 9 – “Não encorajes o sexting”

Entrando no eixo de ação nº4, as atividades começaram a ser diretamente ligadas ao tema sexting e cyberbullying, ligados pela sua conotação digital, e problemas frequentes nas comunidades escolares. A atividade 9, visou fazer uma chamada de atenção para a emergência destes temas na vida dos alunos, tendo como objetivos:

- i)Explicar o que é o sexting;
- ii)Analisar criticamente situações em que irrefletidamente se está a encorajar o sexting;
- iii)Explicar quais podem ser as consequências do sexting;
- iv)Explicar que estratégias podem ser usadas para não encorajar o sexting.

Para esta atividade se concretizar, precisávamos da sala de aula do costume, com o computador, pois a internet iria ser determinante para a sua concretização e uns guiões de observação elaborados pela formadora.

Ao dar início à atividade, foi pedido aos participantes que se dividissem em pequenos grupos e após a divisão, foram entregues, a cada grupo, um guião de observação dos pequenos vídeos

que iriam visualizar. Então, foi explicado aos participantes, que no fim de cada uma das três apresentações o porta-voz do grupo deveria preencher os espaços do Guião de observação (Anexo 12) com as respostas do grupo. Entre cada vídeo apresentado, que elucidavam situações de sexting, foram dados alguns minutos para que os participantes fossem preenchendo o guião de observação. No final, o porta-voz de cada grupo foi requisitado para partilhar com a turma as respostas do grupo, fazendo de um modo coletivo uma síntese geral.

Atividade 10 – O meu diário do Projeto STOP Sexting

De novo, o diário de bordo (Anexo 9) entra para ajudar a desenvolver respostas, no que toca às aprendizagens dos participantes. Este teve como função apoiar a formadora, pois iria explicar o que aprenderam de mais significativo na sessão de formação e os seus pontos fortes e fracos.

Após responderem às questões, os diários foram recolhidos e analisados em casa. Aqui, consegui constatar que estes alunos não gostam muito de trabalhar mais afincadamente, pois nas respostas à questão 3, relativamente ao que tinham gostado menos na sessão de formação, foi frequente dizerem que tiveram trabalho em pensar muito e que preferiam jogos mais divertidos do que trabalho mais sério.

Tendo em conta as respostas da questão 1, que relatavam as aprendizagens mais importantes da sessão, os alunos escreveram que aprenderam mais sobre a prática do sexting e as suas consequências. Um dos participantes afirmou “que nunca se deve ceder a chantagens, pois poderá causar problemas no futuro” (Diários de Bordo escritos pelos participantes, Anexo 15).

Atividade 11 – “Redes sociais, sinal de confiança?”

Para ajudara a completar as ideias da sessão anterior, o tema sexting foi aqui desenvolvido aplicando as novas tecnologias. Assim, a atividade engloba um conjunto de objetivos que ajudem a responder às perguntas sobre esta prática, tais como:

- i) Identificar os perigos constantes nas redes sociais e dos telemóveis;
- ii) Explicar que não se deve marcar encontros com desconhecidos por via on-line;
- iii) Explicar como pode acontecer o mau uso das novas tecnologias;
- iv) Indicar os perigos do excesso de exposição da vida privada nas redes sociais.

Aqui a sala de aula com computador e internet foram requisitados e, de novo, mais um guião de observação para realizar a sessão de formação.

A estratégia obrigou a dividir os participantes em pequenos grupos de trabalho, como já era

usual. O guião de observação (Anexo 13) foi distribuído de novo e foram apresentados os vídeos pelo Youtube. O primeiro vídeo fazia um apelo ao facto de não podermos achar que todas as pessoas com quem partilhamos as redes sociais, não são de confiança. E o segundo vídeo, demonstrava que através do sexting é possível chantagear as pessoas a um nível mais agressivo. O sextortion deriva das palavras sexo e corrupção (sex e corruption), assinalando uma relação de poder com o intuito de obter algo em troca, podendo dar início através de perfis falsos pela internet ou por mensagens (Sydow & Castro, 2017).

Esta atividade, com a ajuda dos guiões de observação, tinham a intenção de, no final, os grupos conseguirem responder a algumas perguntas como: 1) como podem perder a privacidade nas suas redes sociais; 2) o que podem fazer para não a perder; 3) Porque podemos afirmar que “O que sabem de nós nas redes sociais também depende das outras pessoas, por isso temos que cuidar também da privacidade delas.”

Portanto, antes de visualizarem os vídeos, foi explicado aos participantes que teriam de visualizar um vídeo sobre sexting que iria mostrar como se pode convencer alguém a partilhar imagens suas de cariz sexual para depois lhe extorquir dinheiro. Pedindo ao porta-voz de cada grupo que registasse as respostas dos colegas no Guião de observação do vídeo, foi estipulado uns minutos para a conclusão das respostas.

Para terminar a atividade, foi pedido aos participantes para indicarem situações que conheçam em que aconteceram casos de sexting. Isto para que acontecesse uma consciencialização destas práticas no dia a dia.

Atividade 12: O meu diário do Projeto STOP Sexting

Para refletir sobre a atividade 11 e para encerrar o eixo de ação nº4, o diário de bordo foi novamente implementado.

Para encerrar estas atividades que estão direcionadas com o tema central do projeto – o sexting – o diário de bordo (Anexo 9) foi uma forma prática de reflexão, ou seja, um mecanismo que ajudou a captar as experiências dos participantes, de forma a obter algum sentido das atividades realizadas. Então, este diário deveria descrever claramente as reflexões sobre esta sessão de formação

No meio de tantos diários, todos estavam em sintonia e respondiam quase todos o mesmo. Concordavam quando afirmavam que se dever ter muito cuidado, no que toca às redes sociais e às informações que colocamos nelas todos os dias e, defendiam que não se deve confiar em

desconhecidos, pois podem ser perfis falsos. O facto de terem retido estas aprendizagens, podem levar que os próprios participantes a se auto ajudarem nestas questões e, consequentemente, as pessoas que os rodeiam.

Atividade 13: "Debatendo o sexting"

Com o eixo de ação nº5, chegou o tempo de levar o assunto com mais seriedade e, como nunca tinham tido a oportunidade de participar num debate, nada melhor que partilhar a minha experiência académica em debates com o grupo.

Assim, esta atividade visou atingir alguns objetivos com vista a que os alunos sejam capazes de:

- i) Desenvolver o pensamento crítico em questões relacionadas com o sexting;
- ii) Desenvolver competências de argumentação e contra-argumentação no debate sobre sexting;
- iii) Desenvolver a criatividade dos participantes.

Para começar a atividade foi apenas necessário a sala de aula, para que se conseguisse preparar a sala em duas partes. Ou seja, a divisão da sala com as mesas paralelas umas às outras para que se criasse um ambiente propício ao debate.

A regras do debate foram previamente discutidas e o grupo foi dividido em dois para que uma parte fosse a favor e a outra fosse contra os assuntos que vão ser discutidos. Após a separação da sala, foi necessário pedir aos alunos que alguém se oferecesse como o mediador do debate. Para que percebessem que toda a gente teria de intervir no debate, explicou-se ao grupo que a função das pessoas que se oferecessem para ficar contra seria arranjar argumentos plausíveis para apoiarem o seu lado. O mesmo teria de passar-se com os que se oferecessem para ficar a favor.

Assim, com as regras e os objetivos definidos, foi possível iniciar o debate, com a seguinte sequência de temas:

Tópico 1 - Sexting não está errado.

Tópico 2 - Se uma pessoa quer ficar nua ou revelar as fotos a escolha é sua, mas depois não têm o direito de reclamar se as fotos forem colocadas na Internet ou distribuídas.

Tópico 3 - Na maioria das vezes, o sexting é usado por casais em um relacionamento, onde a confiança é suficiente para permitir que o parceiro veja os seus

corpos. Isso não tem perigo nenhum.

Tópico 4 – Alguém que divulgue uma fotografia que recebeu de outra pessoa nua não é culpado pela sua divulgação.

Em jeito de conclusão, foi necessário guardar uns minutos para o final da atividade, para fazer uma síntese em turma sobre as principais aprendizagens realizadas. Aqui foram discutidas as ideias gerais, dadas pelo mediador do debate, e no final, pediu-se a opinião dos alunos face ao primeiro debate realizado nas suas vidas.

Atividade 14: Consequências do bullying em testemunhos reais

Na atividade 14, a última atividade do projeto, criou um impacto emocional nos jovens através histórias e vídeos de testemunhos reais.

Para percebermos a intenção desta atividade e no seguimento dos conceitos abordados no presente eixo de ação, os objetivos da atividade foram:

- i) Explicar as consequências da prática do sexting e do bullying que daí advém;
- ii) Apelar ao apoio dos jovens que sofrem por causa da prática do sexting.

A atividade necessitava de uma sala de aula com computador e internet no princípio e no fim da atividade, cartolina e marcadores. Antes de começar a atividade foi necessária explicar aos participantes que iriam visualizar as consequências trágicas de um caso de sexting real.

O vídeo apresentado através do Youtube, conta a história de Amanda Tood, de 15 anos, que em outubro de 2012, tirou a vida depois de anos atormentada por estranhos e colegas por causa de uma foto dela em topless que circulava na internet. O vídeo teria sido feito pela adolescente que, após a prática do sexting, sofreu de bullying, depressão, automutilação o que, infelizmente, levou-a a cometer suicídio.

Após a sua visualização, foi conduzido um debate para ajudar os participantes a refletirem sobre o vídeo, com questões do seguinte tipo: Q1. O que os impressionou mais no filme? Q2. O que podia ter sido feito para evitar este fim trágico? Q3. A educação para a prevenção do bullying na escola podia ter evitado esta situação? Porquê?

Para refletirmos sobre o assunto e sobre as consequências graves que o sexting pode trazer consigo, foi entregue uma cartolina (Anexo 14) a cada grupo, para que eles o usassem para alertar a comunidade escolar acerca das consequências do bullying e das formas como pode ser prevenido. Foi dito aos grupos que, se desejassem, podiam fazer uma exposição com as cartolinas na sala de aula ou num sítio da escola à escolha, como uma forma de prevenção

para outros alunos.

Atividade 15 – O meu diário do Projeto STOP sexting

Para terminar as atividades práticas, foi necessário requisitar os diários de bordo (Anexo 9) e, explicar aos alunos que iria ser a última vez que escreveriam neles. Assim, fiz questão de frisar que teriam toda a liberdade para escreverem o que quer que fosse, desde que fossem honestos nas respostas e que respondessem pelo menos à questão 1 (O que aprendeste de mais importante na sessão?).

Analisando os diários de bordo, relativamente à opinião destas duas últimas atividades práticas, entendo que as respostas foram deveras variadas. Alguns participantes foram muito secos com respostas muito diretas, outros mostrando sentimentos face à última atividade e com uma escrita bem mais elaborada.

Por exemplo, um dos participantes afirmou que o que gostou mais foi o vídeo de Amanda Todd, pois foi um exemplo acerca do que pode acontecer, apenas tendo mandado fotos íntimas” (Diários de Bordo escritos pelos participantes, Anexo 15). Esta afirmação mostra o amadurecimento dos jovens no que toca ao tema. No início do projeto, todos os participantes riam-se com o assunto, mas, neste ponto de situação, mostram que uma simples imagem pode arruinar a vida de uma pessoa.

Para complementar o ponto de situação, outro afirma que aprendeu que “devemos ter muito cuidado com o que fazemos, pois no futuro traz problemas muito graves, que podem às vezes acabar em suicídio!”. Em modo conclusivo, um dos participantes termina o diário de bordo ao responder que “não devemos enviar fotos e que o suicídio pode ser o melhor na altura, mas não para a vida”. Demonstrando assim, que as atividades, incentivaram o grupo a esmerar-se nas reflexões dos diários.

Atividade 16 – “O que penso e sinto sobre o sexting no final do projeto?”

Com a intenção de fazer uma avaliação sobre o impacto das atividades elaboradas para o projeto “STOP Sexting” relativamente ao presente relatório de estágio, foi desenvolvido mais um inquérito por questionário (Anexo 3) para a última atividade. O inquérito por questionário da atividade inicial foi o mesmo da atividade 16, para que se conseguisse fazer uma análise comparativa entre o início e o fim do projeto. Assim, os objetivos desta atividade foram:

- i) Identificar os hábitos dos participantes em relação à utilização do computador após as

sessões de formação;

ii) Identificar os hábitos dos participantes em relação à utilização do telemóvel após as sessões de formação;

iii) Caracterizar as motivações e perceções dos participantes sobre o sexting após as sessões de formação;

iv) Caracterizar o conhecimento que os alunos possuem para agirem no sentido de prevenirem o sexting na comunidade escolar após as sessões de formação.

Pela última vez, a sala de aula iria ser utilizada para a formação “STOP Sexting” e novamente os questionários estão dentro de uma caixa. Aquando da preparação da sala para iniciar a atividade foi feita a distribuição dos questionários e, mais uma vez, estes foram preenchidos de forma anónima.

CAPÍTULO V

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO/ INVESTIGAÇÃO

5.1. Introdução

O presente capítulo irá apresentar o trabalho de intervenção/investigação desenvolvido durante o ano de estágio. Serão evidenciados e discutidos os resultados obtidos através do público alvo selecionado mostrando a evolução do conhecimento e atitudes dos alunos sobre o sexting ao longo do processo de mediação preventiva (5.2), a evolução da competência dos alunos para agir no sentido de prevenir o sexting na escola (5.3), a evolução das competências de comunicação dos alunos ao longo do processo de mediação preventiva (5.4) e as competências de gestão positiva de conflitos desenvolvidas pelos alunos para resolverem problemas relacionados com o sexting que possam emergir na escola (5.5).

Os temas foram articulados com os referenciais teóricos mobilizados ao longo do projeto.

5.2 Evolução do conhecimento e atitudes dos alunos sobre o sexting ao longo do processo de mediação preventiva

Quando se perguntou aos participantes da formação se conheciam alguém que já tinha compartilhado imagens ou vídeos íntimos com outra pessoa, os resultados, comparativamente ao pré e pós-teste, foram descritos na tabela 4.

Tabela 4. Conhece alguém que já partilhou imagens / vídeos íntimos (nus ou quase nus) com outra pessoa

	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	F	%	f	%	f	%
Não	12	50.0	9	37.5	5	31.3	5	31.3
Sim	12	50.0	15	62.5	11	68.8	11	68.8

Estes resultados mostram que no 8º ano existiu uma mudança de opiniões após a formação. Tal poderá ter ocorrido devido à explicitação do conceito de imagens/ vídeos íntimos, ou seja, à prática do sexting, através das atividades desenvolvidas.

No caso do 9º ano, as opiniões mantiveram-se inalteradas. Estes resultados poderão ter advindo de uma maior abertura para a temática e uma maior predisposição para falar abertamente sobre o sexting.

A tabela 5 descreve os resultados quando foi questionado aos alunos se conheciam alguém que já partilhou imagens / vídeos íntimos (nus ou quase nus) com outra pessoa, e quantos episódios como o anterior aconteceram no ano de 2017 (ano em que decorreu a formação).

Tabela 5. *Conhece alguém que já partilhou imagens / vídeos íntimos (nus ou quase nus) com outra pessoa*

Conhece	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Não	12	50.0	9	37.5	5	31.3	5	31.3
Sim	12	50.0	15	62.5	11	68.8	11	68.8
Se sim, quantos episódios como o anterior conhece que aconteceram este ano (2017)								
Nenhum	10	41.7	10	41.7	3	18.8	6	37.5
Um ou dois	9	37.5	10	41.7	6	37.5	9	56.3
Algumas vezes	4	16.7	4	16.7	4	25.0	1	6.3
Acontece muitas vezes	1	4.2	0	0	3	18.8	0	0

Os episódios de partilha de imagens/vídeos íntimos foram entendidos de forma diferente pelo 8ºano e pelo 9ºano, no que diz respeito aos episódios ocorridos em 2017. No caso dos primeiros, a formação não trouxe nada de novo no seu conhecimento de partilhas existindo uma diminuta alteração de resultados. Por outro lado, no 9ºano, a formação foi impactante, como pode ser confirmado nas respetivas colunas. Este fenómeno pode ter estado associado a uma interpretação mais aproximada daquilo que é o sexting.

A próxima tabela (Tabela 6) descreve os dados para a pergunta “Sabes dizer se em algum momento uma imagem ou vídeo foi espalhada a mais do que apenas à pessoa a quem foi enviada?”.

Tabela 6 Conhece alguém que já partilhou imagens / vídeos íntimos (nus ou quase nus) com outra pessoa

Conhecimento real sobre a partilha de imagens/ vídeos íntimos	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	F	%	f	%
Não	12	50.0	9	37.5	5	31.3	5	31.3
Sim	12	50.0	15	62.5	11	68.8	11	68.8
Se sim, quantos episódios como o anterior conhece que aconteceram este ano (2017)								
Nenhum	10	41.7	10	41.7	3	18.8	6	37.5
Um ou dois	9	37.5	10	41.7	6	37.5	9	56.3
Algumas vezes	4	16.7	4	16.7	4	25.0	1	6.3
Acontece muitas vezes	1	4.2	0	0	3	18.8	0	0
Em algum momento uma imagem ou vídeo foi espalhada a mais do que apenas à pessoa a quem foi enviada								
Não	12	50.0	13	54.2	6	37.5	6	37.5
Sim	12	50.0	11	45.8	10	62.5	10	62.5
As imagens / vídeos foram utilizados de forma a prejudicar alguém								
Não	17	70.8	13	54.2	4	25.0	4	25.0
Sim. às vezes	6	25.0	10	41.7	10	62.5	5	31.3
Sim. sempre	1	4.2	1	4.2	2	12.5	7	43.8
De quem é a responsabilidade da imagem/vídeo								
Da pessoa que a tirou	15	62.5	15	62.5	7	43.8	9	56.3
Da pessoa que está na imagem	7	29.2	4	16.7	6	37.5	6	37.5
Da pessoa que a recebeu	2	8.3	5	20.8	3	18.8	1	6.3

Com base nas frequências obtidas em cada pergunta, pode observar-se que existiu uma noção díspar quanto ao entendimento do conceito “prejudicar” que pode ter estado associado à partilha de imagens íntimas. A disseminação destes conteúdos fotográficos, na pré-formação não era entendida como potencialmente prejudicial pelos alunos do grau de escolaridade mais baixo, em contraponto com os do ano subsequente. No pós-formação, existiu uma maior sensibilidade de ambos os anos académicos para a gravidade da exposição de imagens deste cariz.

Quanto à responsabilidade dos conteúdos os resultados foram similares nas duas turmas. As mesmas entenderam que a responsabilidade é de quem tira a fotografia ou filmou tal conteúdo, tanto no antes como no depois da formação.

Para a próxima análise, foi criada a tabela 7, que descreve a média das “Atitudes”, dos participantes de cada turma face ao sexting.

Tabela 7. Média da turma do grau de acordo com determinadas atitudes face ao sexting
(Escala: 1- Discorda fortemente, 2-Discorda, 0-Não tem opinião, 3- Concorda, 4-Concorda fortemente)

Atitudes	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Há muita pressão para enviar nus	1.1	1.39	1.5	1.47	1.0	1.41	1.8	1.39
Não é um problema, todos fazem isso	0.9	0.72	1.1	0.68	0.8	0.66	1.2	0.54
É difícil dizer que não, se alguém pede um nu	1.3	0.82	1.4	0.83	1.2	0.66	1.3	1.00
Enviar um nu é ilegal e as pessoas não devem fazê-lo	2.3	1.51	2.5	1.44	2.0	1.41	2.6	1.71
Espalhar um nu para outros é ilegal e as pessoas não deveriam fazê-lo	2.5	1.47	3.4	0.88	2.2	1.60	3.4	0.81
As pessoas devem ser punidas por ameaçarem compartilhar imagens	2.5	1.53	3.0	1.14	2.6	1.36	3.0	0.97
Os adultos exageram sobre esse tipo de coisas	1.0	1.14	1.2	0.87	1.1	1.12	1.4	1.09
A minha escola aborda bem estas questões	1.5	1.38	2.1	1.48	0.6	1.09	2.0	1.41

A tabela 7, ajuda a compreender as atitudes dos alunos em relação às várias posições que os indivíduos tomam ao encarar a prática do sexting. Portanto, antes e depois da formação, os alunos apresentaram em ambas as turmas a média de respostas mais altas nas afirmações “Espalhar um nu para outros é ilegal e as pessoas não deveriam fazê-lo” e “As pessoas devem ser punidas por ameaçarem compartilhar imagens”.

A tabela 8 é referente às respostas dadas à questão “Por que é que as pessoas enviam nus?”. Aqui, os jovens poderiam marcar as opções que desejassem.

Tabela 8. Razões por que as pessoas enviam nus

Razões porque enviam nudes	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	F	%
Para arranjam um namorado / namorada	10	41.7	10	41.7	11	68.8	9	56.3
Para se rirem	2	8.3	1	4.2	0	0	2	12.5
Para aborrecerem alguém	2	8.3	5	20.8	1	6.3	1	6.3
Para que lhes deem atenção	14	58.3	16	66.7	14	87.5	13	81.3
Para serem mais populares	12	50.0	10	41.7	12	75.0	10	62.5
Para lhe dizerem que é atraente	16	66.7	18	75.0	12	75.0	10	62.5
Para se vangloriarem do que fizeram	9	37.5	7	29.2	3	18.8	4	25.0
Porque são pressionados para fazerem isso	14	58.3	15	62.5	7	43.8	11	68.8
Outro	4	16.7	1	4.2	1	6.3	2	12.5

As respostas foram muito variadas, ou seja, os alunos não tiveram receio de marcar quaisquer afirmações apresentadas no questionário. Sendo que as respostas menos usuais, em ambas as turmas, foram “Para se rirem” e “Para aborrecerem alguém”. No que toca às restantes opções escolhidas pelos alunos, não existiu uma grande variação nas percentagens

apresentadas, podendo isto significar que as suas opiniões não foram modificadas ao longo da formação, apenas mantidas.

No 8º ano do questionário final, a opção escolhida em grande maioria foi “Para lhes dizerem que é atraente” com 75% da turma. Em relação à turma do 9º ano na fase final do projeto, podemos indicar que a opção mais escolhida pelos participantes foi “Para que lhes deem atenção” com 81,3%.

Em relação à opção “Outro”, oito participantes deste projeto quiserem partilhar várias razões, ao admitirem que a maioria das pessoas que praticam o sexting poderão estar sob alguma ameaça, ao serem forçadas pelos namorados, ou simplesmente para satisfazer a pessoa que recebe.

Quando se perguntou aos alunos “Tiveste possibilidades de conversar e fazer perguntas sobre este tipo de coisas na sala de aula ou nas atividades extra-aula (tutorias, Gabinete de Apoio ao Aluno, etc.)?”, as respostas obtidas estão descritas na tabela 9.

Tabela 9. Teve possibilidades de conversar e fazer perguntas sobre sexting na sala de aula ou nas atividades extra-aula (tutorias, Gabinete de Apoio ao Aluno, etc.)

Conversa sobre sexting na escola	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Não	16	66.7	3	12.5	16	100.0	3	18.8
Sim	8	33.3	21	87.5	0	0	13	81.3

Esta tabela mostra que a opinião dos alunos envolvidos na formação é muito similar. Sendo que, no inquérito por questionário inicial a turma do 8º ano responde que 66,7% dos alunos não teve possibilidade de conversar sobre esta temática no horário escolar, o mesmo se passou com a turma do 9º ano, sendo que 100% dos alunos também afirmaram que não.

No fim da formação, as percentagens 87,5% e 81,3%, relativamente a ambas as turmas, deram um “sim” ao que era quase inexistente na escola.

Dando continuidade à tabela anterior, a tabela 10 explica a vontade destes alunos abordarem temas relacionados com a disciplina de Educação Sexual. Por isso, a pergunta “Deverias ter mais ou menos aulas sobre este tipo de coisas?” irá revelar estes pequenos pormenores que ajudam a completar o projeto de investigação/intervenção.

Tabela 10. Os alunos deveriam ter mais, ou menos, aulas sobre sexting

Número de aulas sobre sexting	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	F	%	f	%	f	%	f	%
Menos aulas	14	58.3	3	12.5	13	81.3	4	25.0
Mais aulas	9	37.5	21	87.5	3	18.8	12	75.0

A tabela acima apresentada demonstra que as opiniões dos alunos mudaram, de forma indiscutível, do antes para o depois do projeto de formação. Apesar de ter havido um valor omissivo no pré questionário da turma do 8º ano, os alunos foram coerentes nas suas opções de escolha. Portanto, é possível verificar na tabela que em ambas as turmas, antes do início da formação, não existia vontade para começarem a ter formação sobre a prática de prevenção do sexting e as consequências do sexting.

A maior parte (87.5%) dos participantes do 8º ano, após a formação, defendeu que deviam existir “Mais aulas” sobre a temática. A turma do 9º ano também mudou completamente de opinião, sendo que os 18,8% antes da formação mudou para 75% de alunos que queriam mais aulas sobre esta temática. Estes resultados podem demonstrar que os próprios alunos podem ter ficado com a necessidade de saber mais e de querer esclarecer dúvidas sobre o sexting.

Para terminar o acompanhamento da evolução do conhecimento e atitudes dos alunos sobre o sexting ao longo do processo de mediação preventiva, perguntou-se aos alunos “Como é que os adultos podem apoiar os jovens nesta área?”. As respostas encontram-se na tabela 11.

Tabela 11. Como é que os adultos podem apoiar os jovens em relação ao sexting

Formas de apoio	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	F	%
Certificando-se de que existem lugares confidenciais para os jovens pedirem ajuda	10	41.7	16	66.7	12	75.0	12	75.0
Disponibilizando informações atualizadas	10	41.7	11	45.8	8	50.0	9	56.3
Arranjando formas úteis de fornecer informações nas escolas	8	33.3	14	58.3	9	56.3	7	43.8
Tendo conversas abertas e honestas com os jovens	22	81.7	19	79.2	16	100	14	87.5
Não julgando os jovens	18	75.0	15	62.5	8	50.0	12	75.0
Ouvindo os jovens	17	70.8	18	75.0	10	62.5	9	56.3
Outro	0	0	0	0	0	0	0	0

Através de várias opções de escolha, os alunos nesta pergunta tiveram a liberdade de marcar as opções que entendessem. Assim, as opções escolhidas pelos participantes aumentaram, na sua maioria, em relação à primeira aplicação de questionários.

Após a realização da formação, a turma do 8º ano apresentou as percentagens altas nas opções “Tendo conversas abertas e honestas com os jovens” com 79,2%, seguido de “Ouvindo os jovens” com 75% e “Não julgando os jovens” com 62,5%.

Para os alunos mais velhos a opção “Tendo conversas abertas e honestas com os jovens” abarcou 87,5% das suas escolhas, seguido de “Certificando-se de que existem lugares confidenciais para os jovens pedirem ajuda” e “Não julgando os jovens”, ambas com 75% dos alunos nos pós questionários.

Discussão

O conhecimento dos participantes sobre a partilha de imagens ou vídeos íntimos com outra pessoa foi uma realidade, com a turma do 9º ano a apresentar os valores mais altos. Este resultado pode indicar que o facto de eles serem mais velhos e predispostos a identificar melhor este tipo de situações no seio da comunidade escolar, mostra a importância da formação destes jovens nesta área. Porém, se a intenção é alertar os jovens para os perigos do sexting na intimidade das pessoas, os alunos mais jovens deveriam de igual modo aprender mais sobre a temática.

O desenvolvimento de competências na escola poderia ser considerado uma mais valia, se a escola construísse, através da mediação, um espaço de confiança “onde a comunicação, a interação e a intercompreensão entre os atores sejam potenciadores da sua socialização e desenvolvimento” (Silva, 2011, p. 262). Em suma, os alunos que participaram no projeto, não só apresentavam indícios que não tinham informações suficientes sobre o sexting, como existiam alunos que conheciam estas situações, o que mostrou a importância da formação STOP Sexting. Se 26 dos alunos participantes na formação admitiram que conheciam casos de sexting, isto significa que 65% dos envolvidos na formação tinham conhecimento da divulgação destas imagens ou vídeos íntimos.

Relativamente aos conhecimentos dos alunos sobre as práticas do sexting, os alunos do 8º ano ao apresentarem idades mais reduzidas, podem não ter tanta predisposição para falar de assuntos relacionados com a sexualidade. Quanto aos alunos do 9º ano foi notório um avanço no que toca aos conhecimentos adquiridos ao longo da formação. Os mais velhos, apresentaram uma evolução positiva nas percentagens sobre a pergunta que questiona se as imagens/vídeos foram utilizadas de forma a magoar ou atingir alguma pessoa. Neste caso, pode afirmar-se que

existiu uma evolução nos conhecimentos dos alunos, pois estes confirmaram que em muitos casos, esta aconteceu de forma a atingir outra pessoa.

Sobre quem recai a responsabilidade da imagem ou vídeo, não existiu nenhuma evolução. Os alunos acusaram tanto a pessoa que tirou a fotografia, como a pessoa que está na imagem, e a pessoa que a recebeu, ou seja, a culpa foi distribuída pelas três hipóteses.

Os resultados encontrados neste projeto estão de acordo com Barros (2014), quando defende que o sexting engloba três fatores: sociais, culturais e históricos. Ou seja, a prática de sexting consegue envolver “a popularização das tecnologias digitais, a constituição da sociedade do espetáculo e do consumo, o fortalecimento da sociedade do controle e (...) barreiras entre o âmbito público e o privado” (Barros, 2014, p.86). Posto isto, os alunos foram capazes de avaliar vários aspetos e serem o mais sinceros possível, quanto aos fatores que estão por trás do sexting. Após a análise dos dados em ambas as turmas, conclui-se que os alunos reconheceram que o ato de espalhar fotografias ou vídeos com teor sexual para outros indivíduos é ilegal, acrescentando que ninguém tem o direito de as divulgar. De igual modo, os alunos sentiram que os indivíduos devem ser punidos quando usam as imagens que receberam para conseguir ameaçar alguém. Podendo ser por motivos de vingança ou “chantagem online em face de alguém, para se obter vantagens” (Lucches & Hernandez, 2018, p.12).

A análise dos questionários demonstra que a turma do 9º ano mostrou mais sinais de que a formação os ajudou a compreender melhor os conceitos relacionados com o sexting, pois as tabelas mostram uma evolução positiva nas respostas quando se questionaram aos alunos do projeto sobre as razões pelas quais as pessoas enviam fotografias e/ou vídeos íntimos. O 8º ano apontou com mais frequência que as pessoas que praticam o sexting precisam de muita atenção. Este resultado pode estar relacionado com o facto dos alunos nestas idades necessitarem de elevar a autoestima e aumentar o sentimento de que pertencem a um determinado contexto social (Ruzany & Meirelles, 2009).

Os alunos tiveram a oportunidade de se expressar sobre se têm, ou não, possibilidade de falar sobre estes temas na escola onde estão inseridos e, se sim, onde o poderiam fazer. Contudo, segundo a análise dos questionários aplicados, anteriormente à formação, os alunos tiveram alguma dificuldade em responder que falavam sobre este assunto na escola. Estes resultados mostram como é importante fazer formação na escola para ajudar os alunos a pensar sobre o sexting e, eventualmente, agir se necessário. Esta formação, ao ter sido gerada ao longo do horário escolar dos alunos, pois havia pouca flexibilidade nos horários, comprovou que

a escola não serve só, e apenas, para a transmissão de conhecimentos acadêmicos, mas, também, para “o desenvolvimento de capacidades e competências essenciais para a participação responsável dos novos cidadãos” (Silva, 2011, p.257). A opinião dos alunos, sobre se deveriam ter mais ou menos aulas sobre sexting, foi positiva. Isto mostrou ser muito gratificante para mim pois, por um lado, os alunos mostraram ter captado aprendizagens importantes ao longo da vida. Por outro lado, mostraram que o impacto da formação foi positivo e que aprovaram as atividades realizadas ao longo do ano letivo.

O interesse dos alunos pela realização das atividades e pela compreensão das mesmas foi notório nos momentos práticos da formação, o que pode ter sido um incentivo para a compreensão dos conceitos pelos alunos e a sua discussão nos momentos reflexivos. Quando perguntamos aos alunos como poderiam os adultos, tanto na escola, como no seio familiar abordar estes temas para que conseguissem prevenir os jovens sobre os perigos que o sexting e as novas tecnologias podem trazer, observou-se que não se limitaram a escolher uma ou duas opções apresentadas no questionário, mas sim várias, mostrando que estavam conscientes da importância do tema para o futuro dos jovens adolescentes.

Ambas as turmas apresentaram resultados positivos e negativos, porém, se considerarmos todos os aspetos, a maioria dos participantes demonstrou estar mais conhecedor nas suas respostas e que, efetivamente, existiu uma progressão nos conhecimentos sobre o sexting.

5.3. Competência dos alunos para agirem no sentido de prevenirem o sexting na escola

Consequências do sexting

Quando se perguntou aos alunos, “Na tua opinião, quais são as consequências do sexting para a pessoa que sofre sexting?”, as respostas estão descritas na tabela 12.

Tabela 12. Consequências do sexting para as vítimas

Consequências	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Risco de a foto parar na internet	5	20.83	2	8.33	2	12.5	1	6.25
Ser humilhado(a) porque todos podem ver/saber	8	33.33	8	33.33	3	18.75	8	50.0
Divulgação da imagem	3	12.5	3	12.5	4	25.0	4	25.0
Ser constantemente assediada por outras pessoas	4	16.67	1	4.17	0	0	0	0
Sofrer de bullying, cyberbullying	0	0	6	25.0	3	18.75	1	6.25
Tentativa de suicídio/automutilação	0	0	4	16.67	0	0	11	68.75
Não sei	4	16.67	0	0	4	25.0	0	0

A partir da tabela 12, são caracterizadas pelos alunos as opiniões referentes à prevenção do sexting. O que se pode observar é que existem vários juízos de valor, sendo todos eles de cariz negativo.

Para o 8º ano, no primeiro questionário, a consequência mais referida com 33,33% dos alunos foi “Ser humilhado(a) porque todos podem ver/saber”, igualando a percentagem no questionário final. Aparentemente, quanto à resposta “Não sei”, a formação deu os seus frutos, visto que existe uma percentagem de 16,67% alunos no seu início e 0% no seu final.

Em relação ao 9º ano, os valores foram muito dispersos. As maiores percentagens representavam as afirmações “Ser humilhado(a) porque todos podem ver/saber” e “Sofrer de bullying, cyberbullying” no início da formação. Enquanto no final da formação, a consequência “Tentativa de suicídio/automutilação” aumentou de forma significativa de 0% para 68,75%.

Para ficarmos a perceber melhor quais as perceções dos alunos sobre as consequências de enviar fotos ou textos sexuais para o telemóvel de outra pessoa, a tabela 13 apresenta os resultados obtidos no questionário.

Tabela 13. Consequências que pode ter enviar fotos ou textos com conteúdo insinuante ou sexual para o telemóvel ou rede social de outra pessoa

Consequências	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Divulgação da imagem/texto	12	50.0	15	62.5	10	62.5	8	50.0
A pessoa ser humilhada	3	12.5	2	8.33	2	12.5	1	6.25
A pessoa que recebe pode não compactuar e faz queixa	1	4.17	3	12.5	0	0	0	0
A pessoa pode ser punida	1	4.17	2	8.33	4	25.0	3	18.75
Pode ser vítima de bullying	4	16.67	2	8.33	0	0	4	25.0
Não vai acontecer nada	2	8.33	0	0	0	0	0	0
Não sei	1	4.17	0	0	0	0	0	0

Tendo em conta a tabela acima apresentada, tanto o 8º como o 9º ano apresentaram a “Divulgação da imagem/texto” com os valores mais altos numa fase inicial, sendo 50% para os mais novos e 62,5% para os mais velhos.

Passando para a interpretação dos pós questionários, referente ao 8º ano, as consequências foram bem distribuídas, tendo como 0% as afirmações que dizem “Não vai acontecer nada” e “Não sei”. Este resultado é um ponto a favor da formação, visto que eram os resultados esperados para o projeto. No que concerne ao 9º ano, as consequências “Divulgação da imagem/texto” e “Pode ser vítima de bullying” foram as mais referidas (50% e 25% respetivamente). Igualmente, é de frisar que a terceira consequência mais escrita pelos alunos foi “A pessoa pode ser punida” (18,75%).

Causas do sexting

Sobre as causas associadas à prática do sexting, a pergunta “Na tua opinião, porque é que uma pessoa envia fotos ou textos com conteúdo insinuante ou sexual para o telemóvel ou rede social de outra pessoa?” tenta reunir um conjunto de razões dadas pelos participantes na formação. A tabela 14 apresenta o conjunto de respostas dadas por estes alunos.

Tabela 14. Razões por que uma pessoa envia fotos ou textos com conteúdo insinuante ou sexual para o telemóvel ou rede social de outra pessoa

Causas	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Para mostrar que é melhor do que os outros	4	16.67	1	4.17	7	43.75	1	6.25
Apenas para chamar a atenção	8	33.33	4	16.67	4	25.0	6	37.5
Porque foi obrigada	3	12.5	13	54.17	0	0	2	12.5
Para satisfazer a pessoa que recebe	4	16.67	5	20.83	5	31.25	3	18.75
Não tem medo de ser julgada	1	4.17	1	4.17	0	0	0	0
Para ser mais social	3	12.5	0	0	0	0	0	0
Não sabem das consequências	1	4.17	0	0	0	0	4	25.0

As afirmações “Para mostrar que é melhor do que os outros”, “Apenas para chamar a atenção” e “Para satisfazer a pessoa que recebe” apresentaram as maiores percentagens no questionário inicial por parte da turma do 8º ano. Porém, após a formação “Porque foi obrigada” recebeu mais votos (com 54,17%) e, “Para satisfazer a pessoa que recebe”, foi a segunda mais votada com 20,83% dos alunos.

O 9º ano mostrou que as opiniões antes da formação eram quase idênticas à opinião da turma do 8º ano, mas, após a formação, “Apenas para chamar a atenção” e “Não sabem das consequências” apresentaram as percentagens mais altas.

A tabela 15 refere-se às respostas dadas à pergunta “Porque é que há pessoas que recebem fotos ou textos com conteúdo insinuante ou sexual pelo telemóvel ou rede social?”

Tabela 15. Razões por que há pessoas que recebem fotos ou textos com conteúdo insinuante ou sexual pelo telemóvel ou rede social

Causas	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Por serem atraentes/bonitas	4	16.67	2	8.33	0	0	1	6.25
Porque mostram ser de confiança	1	4.17	0	0	1	6.25	1	6.25
Porque pedem	10	41.67	15	62.5	6	37.5	7	43.75
Porque existe amizade entre quem envia e recebe	4	16.67	1	4.17	2	12.5	0	0
Porque é recíproco	1	4.17	6	25.0	1	6.25	5	31.25
Porque há pessoas que gostam de receber	2	8.33	0	0	5	31.25	2	12.5
Não sei	2	8.33	0	0	1	6.25	0	0

Em relação às opiniões dos alunos, sobre as razões pelas quais as pessoas recebem fotografias ou textos sexuais, o 8º ano antes da formação revelou que existem inúmeros razões para esta prática. “Porque pedem” apresentou a maior percentagem, seguida, com a segunda e terceira maior percentagem, de “Por serem atraentes/bonitas” e “Porque existe amizade entre quem envia e recebe”. Nos pós-questionários, através das frequências/percentagens, conclui-se que a mais votada pelos alunos foi “Porque pedem” com 62,5%. O 9º ano mantém, tanto no início como no fim da formação, a percentagem mais alta em “Porque pedem”, com 43,75% dos alunos.

Para finalizar o estudo da tabela, importa referir que as opiniões dos alunos acerca da afirmação “Não sei”, passaram nas duas turmas de 8,33% e 6,25% para 0%.

Estratégias de ação

A tabela 16 mostra os resultados sobre a resposta dos alunos à pergunta: “Na tua opinião, o que é que tu ou a tua escola podem fazer para deixar de existir sexting?”.

Tabela 16. Opinião dos alunos sobre o que eles e a escola podem fazer para deixar de existir sexting

Estratégias de ação	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Dar aulas sobre o assunto	8	33.33	5	20.83	5	31.25	9	56.25
Nada, a escola não se deve meter na vida pessoal dos alunos	5	20.83	0	0	1	6.25	0	0
Não tenho opinião	4	16.67	5	20.83	6	37.5	0	0
Fazer cartazes	1	4.17	3	12.5	0	0	0	0
Conversar entre amigos sobre o tema	3	12.5	0	0	0	0	0	0
Palestras	1	4.17	3	12.5	0	0	4	25.0
A escola/família tem de estar mais atenta a quem sofre com o sexting	2	8.33	6	25.0	3	18.75	3	18.75
Não praticar bullying com pessoas que sofrem com o sexting	0	0	2	8.33	1	6.25	0	0

As respostas foram muito variadas, fazendo com que a opinião dos alunos fosse muito dispersa e com percentagens não muito altas (como nas tabelas anteriores). Portanto, é importante referir que, tanto no início como no fim da formação, as duas turmas tiveram opiniões semelhantes no que toca a “Dar aulas sobre o assunto”, tornando-se a afirmação com as maiores percentagens da tabela.

No que concerne às percentagens sobre “Nada, a escola não se deve meter na vida pessoal dos alunos” podemos confirmar que a perceção dos alunos perante esta premissa foi alterada após a formação, mostrando que em ambas as turmas a percentagem acaba com 0%.

Em seguida, na pergunta “Se um/a conhecido/a me envia uma foto em que aparecem as suas partes íntimas, eu...”, os participantes, a partir de três afirmações, tiveram de optar por uma, estando os resultados apresentados na tabela 17.

Tabela 17. O que os alunos fariam se um/a conhecido/a lhe enviasse uma foto em que aparecem as suas partes íntimas

O que faria	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	F	%
Fico nervosa/o e não toco no tema	6	25.0	7	29.17	2	12.5	0	0
Envio-lhe também uma foto minha para responder	1	4.17	0	0	0	0	0	0
Chamo-o/a à atenção por me ter enviado a foto e denuncio-o/a se não estiver arrependido/a	17	70.83	17	70.83	14	87.5	16	100.0

Antes da formação, apenas um aluno do 8ºano respondeu que se um conhecido lhe mandasse uma fotografia íntima lhe retribuiria através de outra foto íntima. O 8º ano, contou com a maior percentagem (70,83%), antes e depois da formação, na resposta “Chamo-o/a à atenção por me ter enviado a foto e denuncio-o/a se não estiver arrependido/a”. No questionário final, os restantes 29,17% afirmaram “Fico nervosa/o e não toco no tema”.

Com a turma do 9º ano, a situação foi quase idêntica, mesmo ninguém tendo respondido “Envio-lhe também uma foto minha para responder”, nem antes nem depois da formação. Para finalizar a análise da tabela, todos os alunos do 9º ano defenderam que chamariam a atenção da pessoa e denunciariam a mesma.

A tabela 18 mostra as respostas dos alunos à questão “Se o meu namorado/ namorada me pede para lhe enviar uma “foto sexy” é porque sou muito bonita/o e sente muito a minha falta, eu...”.

Tabela 18. O que os alunos fariam se o seu namorado/a lhe pedisse para lhe enviar uma “foto sexy”, porque era muito bonita/o e sente muito a sua falta

O que faria	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	F	%
Envio-lhe a foto já que é meu namorado/ namorada e confio nele/a	7	29.17	2	8.33	0	0	0	0
Envio-lhe a foto porque me disse que era bonita/o e quero que me recorde e pense em mim	2	8.33	0	0	1	6.25	0	0
Digo-lhe que há outras formas de demonstrar o amor e carinho e que não é correto enviar-lhe uma foto minha sexy	15	62.5	22	91.66	15	93.75	16	100.0

Os dados acima demonstram que as opiniões dos alunos, em algumas perguntas, diferem bastante. Analisando o pré-questionário das duas turmas, é referido pelos alunos do 8º ano que, 8 dos 24 alunos protegeram os/as namorados/namoradas, ao afirmarem “Envio-lhe a foto porque me disse que era bonita/o e quero que me recorde e pense em mim”. Portanto, analisando os pós-questionários existe uma mudança de opinião, pois 91,66% da turma passou a preocupar-se com estas questões de confiança ao indicar a resposta: “Digo-lhe que há outras formas de demonstrar o amor e carinho e que não é correto enviar-lhe uma foto minha sexy”.

Comparativamente à turma do 9º ano, as opiniões não se diferenciaram, ou seja, apenas um aluno mudou a sua resposta. Os 100% podem demonstrar que os alunos do 9º ano apoiavam que existia outras formas de mostrar os sentimentos, sem precisar de tirar fotografias que comprometam o futuro de ninguém.

Para conseguirmos comparar as aprendizagens dos alunos, sobre a pergunta “Se o meu namorado/a for viajar e tiver que namorar com ele à distância por vários meses, eu...”, elaborou-se a tabela 19.

Tabela 19. O que os alunos fariam se o seu namorado/ namorada fosse viajar e tivesse que namorar com ele/a à distância por vários meses

O que faria	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Mando-lhe fotos minhas e com a minha família e amigos/as para que se recorde de mim	7	29.17	6	25.0	2	12.5	7	43.75
Mando-lhe fotos mostrando partes íntimas do meu corpo com mensagens para o/a ajudar a manter viva a paixão e o amor entre nós	1	4.17	0	0	0	0	0	0
Mando-lhe frequentemente mensagens carinhosas e espero o seu regresso para podermos continuar a namorar	16	66.67	18	75.0	14	87.5	9	56.25

De acordo com esta última tabela, ambas as turmas foram coerentes nas respostas dadas. Sendo que apenas um aluno do 8º ano, no pré-questionário confirmou que se tivesse uma relação à distância com o seu namorado/a, faria questão de lhe mandar fotos íntimas do seu corpo para ajudar a manter viva a paixão. Os questionários após a formação mostram que as afirmações “Mando-lhe fotos minhas e com a minha família e amigos/as para que se recorde de mim” e “Mando-lhe frequentemente mensagens carinhosas e espero o seu regresso para podermos continuar a namorar” são as únicas respostas a ser apontadas pelos alunos.

A pergunta “Se um estranho me diz que lhe envie fotos eróticas eu...”, foi respondida pelos alunos como se mostra na tabela 20.

Tabela 20. O que os alunos fariam se um estranho lhes dissesse para enviar fotos eróticas

O que faria	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Envio-lhe, porque é um estranho e não sabe quem eu sou	2	8.33	0	0	0	0	0	0
Digo-lhe para primeiro nos conhecermos e depois decido se lhe envio as fotos	3	12.5	0	0	0	0	1	6.25
Não lhe envio as fotos pois não sei o que essa pessoa poderá fazer com elas.	19	79.17	24	100.0	16	100.0	15	93.75

Existiram apenas dois alunos que no pré questionário nos conseguiram mostrar um menor conhecimento sobre esta prática. Apesar destes dois alunos pertencerem ao 8º ano, o resto dos alunos da turma tinham opiniões distintas, respondendo 79,17% da turma que era necessário ter precaução do envio das fotos, pois não sabiam o que essa pessoa poderia vir a fazer com o que recebeu.

Olhando para a tabela do antes e depois da formação, em relação à turma do 9º ano, estes mostraram ser mais coerentes nas suas respostas, sendo que 15 dos 16 alunos

escolheram a opção “Não lhe envio as fotos pois não sei o que essa pessoa poderá fazer com elas”.

Chegando à última pergunta do inquérito por questionário “Se a minha melhor amiga/amigo me conta que desde que enviou fotos eróticas ao namorado/a, a relação está melhor que nunca, eu...”, foram encontrados as respostas referidas na tabela 21.

Tabela 21. O que os alunos fariam se a sua melhor amiga/ amigo lhe contasse que desde que enviou fotos eróticas ao namorado/a a relação está melhor que nunca

O que faria	8º ano (n=24)				9º ano (n=16)			
	Antes		Depois		Antes		Depois	
	f	%	f	%	f	%	F	%
Penso fazer o mesmo para ver se melhora a minha relação com o meu namorado/a	9	37.5	0	0	0	0	0	0
Peço-lhe conselhos para tirar boa as fotos para surpreender o meu namorado/a	0	0	0	0	1	6.25	0	0
Digo-lhe que deve ser cuidadosa/o, porque a sua reputação e a sua intimidade podem estar em risco.	15	62.5	24	100.0	15	93.75	16	100.0

Nas frequências do 8º ano é notória uma mudança de perceção sobre a pergunta em foco, pois antes da formação estes afirmavam “Penso fazer o mesmo para ver se melhora a minha relação com o meu namorado” com uma percentagem de 37,5%, embora 62,5% acreditasse na afirmação “Digo-lhe que deve ser cuidadosa/o, porque a sua reputação e a sua intimidade podem estar em risco”. Apesar de um grande número de alunos do 8º ano ter acreditado que existe confiança no parceiro, através da implementação do projeto, existiu uma profunda mudança de pensamentos, sendo que 100% dos alunos do 8º ano esclareceram que devem ser cuidadosos quando se fala em partilhar fotos eróticas com os namorados, apesar do conselho amigável.

No que toca ao 9º ano, não existiu uma mudança tão acentuada. Portanto, 15 dos 16 alunos mais velhos, afirmaram antes da formação que deveriam aconselhar o amigo a ser cuidadoso, pois a reputação dele pode estar em jogo, com o risco de as fotos eróticas serem libertadas para outras pessoas. Nos pós questionário, o 9º ano defendeu com mais afinco esta afirmação, sendo a percentagem relativa a esta opinião de 100%.

Discussão

Ao analisar os dados referentes às consequências do sexting para os indivíduos que o sofrem, os alunos mostraram interesse em responder e, de modo geral, algumas respostas combinaram com os temas abordados no decorrer da formação. Os participantes após a implementação da formação afirmaram que as vítimas de sexting podem, eventualmente, ser humilhadas pela divulgação das imagens. A maioria dos participantes concordou com a frase anterior nos questionários finais, tanto na turma do 8º ano, como na turma do 9º ano. As respostas “Não sei” deixaram de existir, provando que, mesmo sendo alunos difíceis de cativar, que as aprendizagens deram os seus frutos.

Se uma das condições da mediação é focada na prevenção dos conflitos, um dos objetivos da formação estava a ser cumprido. A consciencialização dos alunos para o sexting, nomeadamente sobre as consequências graves para as suas vítimas, representava um dos pontos fulcrais do questionário. Tendo em conta as atividades mostrando situações de sexting que acabaram em suicídio, mostradas no projeto implementado na escola como uma realidade, estas consequências provêm de emoções provocadas por chantagens, agressões físicas e/ou psicológicas, imposição de uma imagem perfeita forçada pela sociedade e abandono afetivo, que leva os jovens a pensarem pôr fim à sua vida (Ferreira, 2008).

As causas do sexting são numerosas e, mais uma vez, os alunos tiveram a oportunidade de dar as suas opiniões sobre o tema. As turmas mostraram estar em consenso no que concerne às razões para os indivíduos praticarem sexting. Estes afirmaram que as pessoas o fazem apenas para se mostrarem à pessoa a quem recebe, ou seja, usam as fotografias ou vídeos íntimos para chamar a atenção ou para satisfazer a pessoa em quem estão emocionalmente interessados. Outra razão comentada pelos alunos nos questionários, principalmente pelos mais novos, foi a questão da intimidação. Os indivíduos que têm a intenção de receber “nudes” podem fazê-lo através de chantagem, provando o que Ferreira (2008) afirma quando diz que as pessoas que praticam o sexting podem apresentar componentes depressivas, pois existe um défice no raciocínio.

De forma a entender a importância da formação para os alunos, o questionário apresentou um espaço onde os participantes puderam dar a sua opinião, no que toca às demais estratégias de ação sobre a temática. Para isso, os jovens tiveram a oportunidade de deixar a sua opinião sobre o que se pode construir, de modo a que se exponham várias formas de sensibilizar o resto dos alunos da escola na prevenção do sexting. Ao consciencializar os

participantes para fazerem a prevenção do sexting estamos a atenuar o problema, pois a “prevenção de conflitos significa deduzir, a partir de uma explicação adequada do fenómeno do conflito (...) as condições que criam um ambiente de conflito e as mudanças estruturais requeridas para o remover (Burton, 1990, citado por Torremorell, 2008, p. 38). Dar aulas sobre sexting, aplicar cartazes na escola acerca da definição e das consequências do sexting e incentivar a escola/família a abordar estes assuntos com os alunos, foram alguns aspetos que os participantes da formação disseram ter apoiar após a formação.

Apesar das conversas informais que tive oportunidade de ter com os alunos sobre o sexting, nunca, em momento algum, alguém mencionou que já o tinha praticado, nem visto alguma fotografia provocante. A percentagem de alunos que respondeu positivamente ao praticar sexting com alguém foi muito reduzida, até porque no final da formação todos estavam contra essa prática. Chamar a atenção da pessoa que enviou a foto e denunciar foi a atitude mais escolhida nas duas turmas. Sendo que alguns dos alunos admitiram que ficariam nervosos com a situação e fugiriam do tema. Aqui podemos considerar que existem várias personalidades, umas com mais pulso e outras com menos, onde o fator cultural, a idade, os valores e as crenças podem interferir (Lopes et al., 2001).

Confiar nos mais próximos é algo que nos é inerente como Seres Humanos. Os participantes admitiram, antes da formação, que poderiam eventualmente praticar sexting com os companheiros, pois acreditavam que podem confiar em quem lhes é próximo naquele momento. Após a análise dos questionários finais, os participantes consciencializaram-se que não o devem fazer, pois existem outras formas de mostrar os sentimentos, sem comprometer a intimidade da pessoa.

A mediação preventiva teve sempre presente no projeto de investigação-intervenção. Se algum estranho pedisse aos participantes que lhes enviasse alguma foto erótica, os alunos demonstraram no final da formação alguma maturidade sobre esta questão. Após a realização de atividades que relatavam situações onde as pessoas saíram prejudicadas, depois de terem enviado fotografias a estranhos, os alunos negaram que o fariam. Deste modo, a formação incentivou os alunos à não partilha de imagens com desconhecidos, pois os participantes defenderam a hipótese de alguém usar essas imagens para algo negativo.

Ao questionarmos os intervenientes na formação sobre se alguém os aconselhasse a praticar o sexting o que fariam, a maior parte disse que deveriam ser cuidadosos pois a reputação e a intimidade da pessoa envolvida, seriam postos em causa.

5.4. Evolução das competências de comunicação dos alunos ao longo do processo de mediação preventiva

Para compreender a evolução das competências de comunicação das duas turmas sobre ao longo do processo de mediação preventiva, precisamos retroceder ao início da formação. Assim, foi necessário reler e rever os diários de bordo da mediadora e perceber qual o desenvolvimento das capacidades comunicacionais.

Os diários de bordo são reconhecidos como instrumentos importantes para a área das Ciências, pois, segundo Bertoni (2004), a partir deles conseguimos reconhecer as dificuldades encontradas, as posições coincidentes e, a partir dos olhos do formador, como se enfrentam os procedimentos. Assim, os diários de bordo foram uma mais valia para a formação, no sentido em que conseguimos identificar “bons e maus momentos (...) e que tipos de impressões e de sentimentos apareceram (...) ao longo da ação desenvolvida (Bertoni, citado por Dias et al, 2013, p.4), acabando por corrigir erros.

Uma das dificuldades encontradas na turma do 8º ano foi encontrar espaços vazios no horário dos jovens, de modo a que conseguisse executar a Observação e, conseqüentemente, realizar os diários de bordo. A maior parte dos professores negou a minha presença nas suas aulas, dificultando este processo. Assim, foi difícil conhecer estes alunos a fundo, anteriormente à formação. Porém, bem antes de entrar na sala de aula e sem me conhecerem, demonstraram ser muito hiperativos, mas muito comunicativos. À exceção de um grupo de quatro alunos que se apresentou, desde logo, muito fechado às interações dentro da sala de aula e, conseqüentemente, muito reservado. Porém, os alunos demonstraram ser, logo à primeira vista, jovens muito doces e respeitosos, independentemente do barulho que faziam. Os alunos mais fechados tinham dificuldade em olhar-me nos olhos e falar comigo, mas sem querer forçar uma relação espontânea, deixei que eles mostrassem interesse por mim. Segundo o primeiro diário de bordo desta turma “reparo que a professora tem muito à vontade para falar com os alunos e vice-versa. A professora mostra ser uma pessoa doce e compreensível em relação à turma e os alunos fazem silêncio quando a figura de autoridade fala” (Diário de Bordo da Observação, Anexo 16). Outro facto que denotei no comportamento da turma, é que o sexo feminino era muito mais comunicativo do que o sexo masculino. Segundo o diário de bordo as “meninas, claramente, conseguem ser mais aplicadas e atentas de que os rapazes. Não é que os rapazes também não o possam ser, mas o facto de o sexo feminino se destacar em toda a discussão da

aula, mostrou que conseguem ter mais à vontade para debater e refletir sobre o tema do que o sexo masculino da turma” (Diário de Bordo da Observação, Anexo 16).

Analisando as primeiras impressões, com as últimas sessões de formação, a turma do 8º ano mostrou-se bastante motivada e, em todas as sessões de formação contribuiu para os debates após as atividades. Foi ganha a confiança de todos, porém alguns alunos continuaram com alguma dificuldade em comunicar com a formadora e os participantes. Apesar dos incentivos e das atividades lúdicas realizadas ao longo da formação, continuaram com uma tendência não comunicativa. Em suma, foram notórios alguns desenvolvimentos nestes alunos, de modo que espero ter contribuído para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos e a forma como veem a comunicação como incentivo para a resolução de conflitos. Comparativamente à turma do 9º ano, a minha integração na turma foi bem mais complicada, pois eram alunos muito problemáticos, com pouca vontade de aprender e com um déficit de comunicação gigante.

Aqui, questiona-se a importância da comunicação e de que modo é que esta ajuda no desenvolvimento social dos indivíduos. Segundo Baccega (2009) a comunicação tem de caminhar em paralelo com a educação, na medida em que esta remete o indivíduo como um ser em comum com outros seres e assim o é pela relação que tem com outras pessoas. O citado autor entende que a relação comunicação/educação pode e deve envolver a utilização das tecnologias nas escolas, pois qualquer que seja o nível socioeconómico envolvido, todos têm possibilidade de chegar até elas. A era digital está implícita no nosso mundo atual, mas o mais importante, “é que a discussão se dê sobre o lugar que ela ocupa na formação dos alunos, dos cidadãos, da sociedade contemporânea” (Baccega, 2009, p.22). Baccega (2009) conclui que, para conseguirmos contornar estas problemáticas “o campo comunicação/educação obriga a inclusão de temas como mediações, criticidade, informação e conhecimento, circulação das formas simbólicas (Baccega, 2009, p.22). Um dos aspetos importantes da formação são estas ligações de conceitos, completamente passados despercebidos. Posto isto, é importante conseguirmos relacionar a comunicação, educação e tecnologia de forma a que nenhuma destas vertentes traga conflitos para a vida dos alunos.

Os alunos do 9º ano foram mais desafiantes neste sentido, visto que os telemóveis eram usados do início ao fim da aula, para dar uma vista de olhos às redes sociais e às mensagens de texto “tão urgentes”. Apesar dos telemóveis estarem sempre presentes, os alunos comunicavam bastante uns com os outros e até apresentavam ter uma boa relação com a professora. No

primeiro diário de bordo desta turma faço o seguinte comentário, “nesta visita pude perceber que aqui as idades eram bastante dispare. Existiam alunos dos 14 aos 17 anos, com personalidades e com um à vontade muito diferentes. Mas apesar desta diferença, os alunos respeitavam-se todos e conseguiam interagir bastante com a Diretora de Turma” (Diários de Bordo da Observação, Anexo 16). Esta afirmação, concorda com o que disse até então sobre os alunos. Que apesar das diferenças e dos problemas que apresentavam no seio familiar, os alunos eram capazes de comunicar verbalmente uns com os outros e, na hora das atividades, eram capazes de as verbalizar de forma espontânea. Porém, as oportunidades de observação que tive, os alunos mostraram que os telemóveis, por vezes, intrometem-se no desenvolvimento das capacidades dos alunos.

As minhas primeiras interações com os alunos foram um pouco sentidas, tornando-se uma dúvida no futuro, pois “no decorrer da formação teria que arranjar uma estratégia que facilitasse a comunicação e a relação com estes formandos” (Diários de Bordo da Observação, Anexo 16). Os alunos eram fechados e, principalmente, muito traquinas. Mas, após perceber as capacidades de cada um, consegui entender que a forma como iriam despertar interesse pelas atividades pudesse ser uma mais valia. Todos os alunos “deram um contributo, à sua maneira, para uma boa formação. Tiraram as suas próprias conclusões sem grande esforço, ajudaram na realização das atividades planeadas e foi notório que a maioria dos alunos tinha gosto em participar nas sessões de formação e em dar o seu contributo. Não existiram faltas de respeito e nunca negaram a realização de alguma atividade do projeto STOP Sexting” (Diários de Bordo da Observação, Anexo 16).

Em jeito de conclusão, os alunos do 8º ano foram mais fáceis de conquistar, mas no que toca às atividades desenvolvidas, houve uma maior dificuldade em mantê-los concentrados e fazer com que eles desenvolvessem a parte comunicativa. O 9º ano foi sem dúvida a maior surpresa neste projeto, pois todos ajudavam a comentar as atividades, articulavam as ideias principais e ajudavam nas conclusões das sessões de formação.

5.5. Competências de gestão positiva de conflitos desenvolvidas pelos alunos para resolverem problemas relacionados com o sexting que possam emergir na escola

No que concerne a este último ponto acerca da discussão dos resultados do projeto, foram analisadas as competências de gestão positiva de conflitos desenvolvidas pelos alunos, onde se colocou em análise os diários de bordo da formação.

Ao colocarmos em perspectiva os problemas que surgem na escola relacionados com o sexting, através dos conhecimentos dos alunos, podemos retirar algumas conclusões sobre a prática. Posto isto, a partir da apreciação dos diários de bordo sobre as observações feitas nas sessões de formação foram estudados alguns factos. A observação participante ao aproximar a relação pesquisador/pesquisado, em simultâneo obtém informações que poderão responder às suas inquietações, podendo estas depender da relação que desenvolve com o grupo em foco (Valladares, 2007). Portanto, mantendo uma postura fiel às características de um mediador educacional, o meu papel com as turmas sempre tentou fomentar uma relação de amizade, onde os alunos poderiam tratar-me por “tu”, criando assim um nível de confiança maior.

À medida que a relação de confiança com a turma ia aumentando, os alunos mais novos tornavam-se mais predispostos a revelar os seus ideais e crenças sobre os conceitos abordados nas sessões. Um dos grandes objetivos deste projeto era dar ênfase à gestão positiva de conflitos, ao arranjar formas de estes perceberem o que são os conflitos, de que modo se extinguem e o que fazer para os encarar.

A turma do 8º ano tinha algumas dificuldades em exprimir o que sentia num modo inicial, o que dificultou a realização de determinadas tarefas propostas nas sessões de formação. Por exemplo, aquando da realização da atividade referente aos conflitos as “conclusões não foram as melhores pois, além de terem demorado algum tempo a dizer alguma coisa, penso que se sentiram envergonhados a exporem as suas ideias a uma nova pessoa. Tive que desbloquear uma parte da atividade perguntando aos alunos se na vida real os balões fossem pessoas, o que seriam os palitos no meio da nossa sociedade, dando origem à palavra *problemas*” (Diários de Bordo sobre a Observação, Anexo 16). Esta conclusão é muito pertinente para esta parte da discussão pois, tendo em conta o bloqueio de ideias que a turma tinha no geral, os alunos demonstraram não ter muito interesse, numa fase inicial sobre a problemática da gestão de conflitos. Os participantes eram preguiçosos e, por vezes, era necessário chamá-los a atenção para haver mais motivação na elaboração das atividades. Porém, quando os alunos eram motivados o suficiente e quando estavam atentos às tarefas propostas, estes demonstravam algum sentido de argumentação. Neste sentido, penso que as aprendizagens relacionadas com a gestão de conflitos foram conseguidas.

Segundo o que os professores iam comentando comigo, os alunos mostraram muitas vezes que as atividades estavam a dar frutos, no que toca aos conflitos que existiam entre os colegas em ambiente de sala de aula. Tentavam mediar os conflitos por eles próprios e

comentavam nas aulas as atividades que iam realizando nas sessões de formação. Para colmatar a gestão de conflitos na turma, um dos diários de bordo ressaltou que “uns respondiam que as pessoas estão habituadas a serem “más” no dia a dia e outros afirmavam que os problemas não se resolvem porque as pessoas não sabem resolver os problemas em grupo” (Diários de bordo das Observações, Anexo 16). Existindo aqui uma capacidade de compreensão maior sobre o tema.

Quanto à turma do 9º ano, as observações comprovaram que o objetivo foi conseguido, pois a reação às atividades da formação era cada vez mais expressiva no que toca à gestão de conflitos dentro e fora da sala de aula. Aqui todos se respeitavam e se protegiam uns aos outros, porém nos intervalos estes admitiam que eram agressivos em alguns aspetos. Por exemplo, quando algum colega se metia numa confusão todos iam atrás e, em vez de atenuar o problema, só o incentivavam. Com o passar do tempo, ao abordarmos as questões de resolução de conflitos, os participantes mostravam-se mais predispostos a aprender sobre o que fazer quando existe um problema.

Uma das atividades ressaltava a importância do respeito e o que era necessário para resolver os problemas que iam surgindo na escola. Os alunos concordavam que tinham de mudar a sua atitude para que conseguissem resolver os conflitos de forma apaziguadora. Posto isto, ao serem abordadas estas questões, os alunos afirmaram que a solução era tentar resolver as situações da melhor maneira possível, serem compreensivos com as várias situações que enfrentam dentro e fora da escola e apoiarem os colegas quando mais precisam. Aqui, pode-se denotar uma mudança de comportamentos e um desenvolvimento na gestão positiva de conflitos.

Dentro e fora do contexto escolar, é necessário fomentar nos alunos no geral, que todos devem dar o seu contributo para um melhor ambiente escolar, fomentando a paz, o respeito e a não violência. Através da mediação formadora, os alunos conseguiram reconstruir as suas aprendizagens, pois o mediador ao estimular nos alunos boas práticas sociais e, futuramente profissionais, mostra que os objetivos da formação foram conseguidos (Silva, 2008).

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 Introdução

Este capítulo apresenta uma reflexão final sobre todo o trabalho realizado ao longo do estágio e as suas implicações (6.2), o impacto do estágio ao nível pessoal (6.3.1) e ao nível institucional (6.3.2) e algumas implicações para o futuro (6.4).

6.2. Análise crítica dos resultados e suas implicações

O estágio realizado foi levado a cabo numa escola, onde o público-alvo foram duas turmas de uma escola, com características distintas. Assim, foi apresentado um projeto de formação onde foram abordadas algumas questões relacionadas com comportamentos sexuais, nomeadamente, o sexting. Este conceito está a tornar-se cada vez mais conhecido no mundo escolar e, por isso, deve ser tratado urgentemente.

Ao abordarmos as consequências e incentivar os alunos à redução desta temática, poderá eliminar alguns problemas frequentes na sociedade, como o bullying e o cyberbullying. Portanto, a oportunidade de trabalhar o sexting trouxe algumas aprendizagens positivas para os participantes na formação. O projeto STOP Sexting, como foi denominado numa fase inicial, abordou não só as questões da prática, mas o modo como os alunos podem agir de forma a atenuar os problemas que daí advém. A questão da importância da comunicação, do respeito e a resolução de conflitos foram também fundamentados neste projeto de investigação-intervenção.

Quanto aos alunos do 8º ano, o facto de eles serem tão novos, com uma média de idades que ronda os 14 anos, na minha opinião penso não terem levado o tema com muita seriedade. Os alunos dispersavam bastante na realização das atividades, mas também mostravam, numa fase inicial, que o sexting não era merecedor da sua atenção. Por isso, através das atividades realizadas ao longo do ano escolar, estas acabaram por ser mais práticas do que reflexivas. Este grupo de alunos demonstrava pouca capacidade argumentativa, o que me

levou a crer que a comunicação estava em falta. Porém, com o passar do tempo e com a realização do questionário final, que revelou ter um caráter avaliativo, os alunos foram progredindo nas suas aprendizagens e na forma como refletiam sobre os conceitos. Penso ter sido uma experiência positiva tanto para os alunos, como para mim, pois deu-me a oportunidade de trabalhar com a mediação e os conflitos. O facto de os alunos terem tido uma boa relação comigo, pode ter mostrado o meu impacto positivo como mediadora, e como uma pessoa capaz de relacionar-se com esta faixa etária.

Em relação aos alunos do 9º ano, cujas idades estavam compreendidas entre os 15 e os 17 anos de idade, foram capazes de me surpreender pois não estava à espera dos resultados finais. Estes alunos eram conhecidos na escola como uma das turmas mais problemáticas, tanto a nível de sucesso escolar, como na vida familiar, o que levou a que ficasse um pouco reticente quanto aos resultados esperados. Os professores não podiam elaborar aulas com demasiados conceitos porque acabam por perder a concentração dos alunos, facto que se contrapôs às atividades realizadas ao longo da formação. A turma com os alunos mais velhos foi eficiente nas atividades realizadas, onde mostraram um desenvolvimento no que toca à comunicação e à predisposição de fazerem o que lhes mandam. Talvez isto se deva ao início da formação, quando me apresentei não como formadora nem como mediadora (conceito que até então eles nunca tinham ouvido falar), mas sim como uma amiga com quem eles podiam conversar e desabafar. No que concerne aos tópicos abordados na sessão, todos quiseram participar, uns mais que outros, mas principalmente debater o tema sexting. Como a média de idades estava nos 16 anos, talvez por isso estes alunos tenham mostrado um maior interesse por aprender e querer falar mais sobre isso. Tendo em conta os desafios propostos, tanto com as atividades práticas, como com os questionários e respetivo diários de bordo, foram elaborados com sucesso, trazendo para o projeto algumas respostas importantes.

Em suma, todos os participantes mostraram progressos na sua trajetória como formandos, deixando-me com um sentido de dever cumprido e disposta a trabalhar em dobro neste sentido. Os questionários revelaram um aumento nas aprendizagens e até algumas mudanças de atitude. Todos ficaram a conhecer o sexting e a suas consequências para o futuro, compreenderam que é uma prática que pode expor a privacidade de cada e ficaram consciencializados sobre como resolver os conflitos na comunidade escolar.

O conceito “nudes” deixou de existir, para dar lugar ao sexting. Por fim, importa ressaltar que os professores ficaram bastante agradados com algumas posturas dos alunos na

sala de aula. Diziam que a “formadora das nudes” tinha revelado que o desrespeito não nos faz mais felizes e que todos detemos o poder de agir para conseguir acabar com os conflitos.

6.3. Impacto do estágio

6.3.1. A nível pessoal

No começo desta aventura, estava rodeada de inseguranças e de questões que me impediam, muitas vezes, de pensar e de agir. Não sabia se teria a destreza de saltar os obstáculos que poderiam aparecer e, se era capaz de atracar esta responsabilidade. Mesmo assim, fui mais além e tentei, no meio das dificuldades, dar a volta por cima. Unir as minhas aprendizagens para tentar dar aos alunos, com quem tive a oportunidade de trabalhar, todo o meu apoio e respeito. Foi a aventura mais bonita em que pude participar neste ano de estágio.

Hoje, sinto-me realizada e predisposta a fazer e a aprender mais. Sim, aprender mais. A aprendizagem é uma constante na nossa vida e estou longe de ser perfeita. Se tive a oportunidade de aprender na primeira pessoa do que é fazer o trabalho de um mediador educacional? Sim, tive. Mas é necessário crescer e querer saber fazer muito mais e é nisso que me foco neste final.

No término deste mestrado em Mediação Educacional e Supervisão na Formação, percebi que me sinto orgulhosa por este ano de estágio. Ano em que pude ser o suporte de muitos alunos e, principalmente, uma amiga onde eles se apoiaram e desabafaram. Acabarem os seus diários de bordo, a afirmarem que gostavam “que a Sónia voltasse” ou com “gostei de tudo tal como foi, pois, ela consegue fazer as atividades muito divertidas”, acabando por ser a parte mais gratificante deste projeto.

Ao fazer parte deste Agrupamento de escolas, onde tive a oportunidade de trabalhar e onde fui bem recebida, também acaba por fazer parte desta satisfação. O facto de trabalhar num grupo multidisciplinar, onde todos davam o seu contributo para a educação destes jovens, fez com que os meus receios fossem diminuindo pois havia um suporte coletivo.

A autonomia que me foi depositada no projeto, mesmo tendo o apoio dos professores e da psicóloga, deu-me abertura para trabalhar de um jeito que me fez alargar os meus conhecimentos a nível pessoal e profissional. Ao envolver a mediação com o contexto escolar, deu-me também oportunidade, não só de ajudar os alunos a desenvolverem competências para agir na prevenção do sexting, mas também os professores. Foi muito gratificante ouvir pedidos de ajuda por parte dos professores e conseguir contribuir para as aprendizagens dos alunos. O facto de acreditarem em mim e ouvirem a minha opinião sobre o modo como poderiam dar as

aulas de forma a cativarem a atenção dos jovens, fez também parte do meu trabalho como representante da mediação na escola.

Numa fase inicial, foi difícil a interação com os alunos em ambas as turmas. Eram jovens problemáticos que traziam consigo de casa os problemas familiares e as frustrações da fase da adolescência. Apenas no começo das atividades do projeto foi possível conquistar estes alunos, quando faço uma apresentação mais formal e afirmo que não sou uma professora, sou apenas a Sónia. A partir deste momento, os alunos ficaram a saber que não seria uma figura de autoridade tradicional, mas apenas uma amiga com quem eles poderiam desabafar sobre questões sexuais e com quem poderiam contar para realizar atividades criativas. A mudança do “você” para o “tu” foi uma das chaves para esta conquista.

O facto de os professores estarem presentes na maior parte das sessões e me perguntarem como é que os conseguia colocar dentro de uma sala tão organizadas e silenciosas, fez com que percebesse que os alunos realizavam as atividades com satisfação. Coisa que nunca acontecia numa aula comum. Estas pequenas coisas davam-me confiança suficiente para continuar a trabalhar com os jovens e, de certo modo, ter orgulho no meu trabalho. Mas como todos os jovens, eles também mostravam as suas incertezas e inseguranças. Quando as atividades mostravam um pouco de trabalho e dificuldade, os alunos desistiam muito facilmente. Mas isso permitia a que os ajudasse e os incentivasse com palavras de motivação.

O projeto STOP Sexting foi um projeto que foi tentando ser introduzido nas aulas, através de “furos”, aulas práticas e faltas previstas pelos professores. A formação apenas foi possível através destes fatores, pois os professores tinham de respeitar o plano de matérias a lecionar e não poderiam substituir as aulas pela própria formação. O horário estipulado para o projeto não foi muito alargado. Tanto por culpa do meu horário de trabalho, como por culpa pela falta de horário para atividades extracurriculares dos alunos. Estes fatores impediram de realizar mais atividades sobre o tema abordado ao longo do ano e, também, que não fossem possibilitadas atividades sobre outro tipo de assuntos relacionados com a sexualidade.

Consegui dar a este projeto o meu empenho, os meus valores e as minhas crenças. Acredito na mediação como potenciadora de relações e um recurso importantíssimo num futuro próximo. Acredito que, através da mediação, os participantes do projeto irão levar consigo as aprendizagens para a vida. A importância da comunicação na resolução dos conflitos, o respeito

pelos outros, as depressões causadas pelas práticas de bullying e cyberbullying, e as noções de sexting e respetivas consequências.

Não havia um plano inicial traçado, foi construído aos poucos e com aquilo que nos era possibilitado. Os objetivos foram ficando mais delineados à medida que o diagnóstico de necessidades ia sendo elaborado e as aulas observadas iam dando os seus frutos, no que toca aos conhecimentos observados. A mediação não foi imposta em nenhuma circunstância, mas sim dada a conhecer a quem não a conhecia. O conceito de mediação foi desde logo ditado no início das formações, mas apenas com o tempo é que foi entendido com mais carinho. Não tenho a certeza de qual será o futuro da mediação nesta escola, ou o que o projeto STOP Sexting pode trazer para o futuro, o que sei é que saio deste capítulo com um sentido de dever cumprido e de coração cheio.

A interação com os jovens foi o ponto crucial deste estágio e saber que, de um certo modo, consegui mexer muitas vezes com as suas emoções e encorajá-los a fazer mais e melhor, deu mais vontade de aprender como ser um mediador ativo. Os professores, psicóloga, auxiliares educativos da escola e o próprio diretor estiveram presentes e participativos. Todos me conheciam e faziam perguntas sobre como estava a correr a formação sobre as “nudes” (apelido que os jovens davam às fotos íntimas que os jovens partilhavam entre eles). Este aspeto ajudou-me a perceber que o sexting era de conhecimento geral, mas que no fundo ainda não tinha importância suficiente para se tornar num tema a abordar nas escolas.

Este foi o projeto desenvolvido. Espalhar a mensagem de que existem temas sobre a sexualidade que deveriam ser mais abordados e ter mais em conta. É perceber que os adolescentes não sabem lidar com as emoções e que deveriam ser mais educados na parte sexual. É consciencializar as pessoas de que o sexting é uma prática que veio para ficar e, cada vez mais, se tornará viral. É entender que o papel da escola não se resume a aprender factos históricos e ciências, mas sim possibilitar uma educação para a cidadania, o respeito pelos outros e capacitar os jovens para a comunicação. Se conseguirmos fazer uma intervenção nos diferentes contextos para resultar em transformações do quotidiano, conseguimos educar indivíduos sociais, com sentido de responsabilidade e cooperação, iremos trabalhar na prevenção da violência física e verbal (Silva et al., 2010).

6.3.2. Nível institucional

Após a análise dos resultados dos questionários, da análise dos diários de bordo e da análise das atividades realizadas ao longo da formação, pode-constatar-se que o projeto teve um impacto significativo a nível institucional. A mediação, inicialmente, não era uma área muito conhecida por parte da equipa docente, mas foi possível perceber o interesse por parte de algumas pessoas da área da educação. Os Diretores de Turma que me acompanharam desde início, estavam sempre predispostos a ajudar e a acompanhar nas atividades que iam sendo realizadas. Aqui, foi possível demonstrar o poder da mediação e, fora do contexto da sala de aula, tinham interesse em perceber as vantagens que esta traria para a vida dos alunos.

Segundo as personagens que me acompanharam ao longo do projeto, o STOP Sexting fazia todo o sentido na comunidade escolar, visto que era um tema que estava a virar “moda”, mas que ninguém se dava ao trabalho de solucionar. Além disto, o projeto contava com a consciencialização da importância da comunicação e do respeito, que eram critérios que, segundo a equipa docente referia, faziam falta para o dia a dia dos alunos.

A mediação, tendo como foco principal a comunicação e a resolução de conflitos, apoia a educação neste sentido. E se os alunos forem capazes de levar estes conceitos para o seio familiar, pode ser uma mais valia para uma boa relação pai-filho, sem precisarem de incentivos para o bom comportamento. Apesar da equipa docente estar ciente de que são um ponto forte, no que toca à relação professor-aluno, esta tem consciência de que não é capaz de ajudar a responder a todas as questões dos alunos. Dando a devida importância na hora da minha despedida e afirmando que este projeto iria fazer falta para os restantes alunos da escola, apesar de ser um tema forte para os mais novos desta instituição.

Assim, a realização deste projeto nesta escola parece-me um tema bastante pertinente, visto que esta já se deparou com algumas situações de sexting e, conseqüentemente, situações de bullying. Alertar para os perigos do sexting e consciencializar os jovens de que as redes sociais e os telemóveis podem tornar-se num perigo iminente, são as aprendizagens que se querem dar a conhecer através deste projeto, não só nesta escola, mas também nas escolas em geral.

Em suma, foi muito importante para mim ter a avaliação da equipa que me rodeou durante este ano de estágio e, perceber, que o meu trabalho foi reconhecido e valorizado. Sair da instituição, sabendo que todos apreciaram o meu trabalho e reconheceram o meu empenho como estagiária foi muito importante. Pois, ao ganhar a confiança de cada um ao longo do ano, incluindo a confiança dos jovens, só me dá mais confiança para continuar a trabalhar como

mediadora educacional. Apesar da acompanhante de estágio ter tido poucas oportunidades para estar comigo, ela tinha o feedback dos professores com quem tinha mais oportunidades de me relacionar. Saber que a equipa teve prazer em trabalhar comigo, só me deixou mais motivada para trabalhar e aprender mais em mediação.

6.4. Implicações para o futuro

Como Técnica Superior de Educação e mestranda na área de Mediação Educacional e Supervisão da Formação, o estágio abriu portas para que conseguisse praticar os meus conhecimentos como estudante de Educação. O projeto ofereceu-me a oportunidade de adaptar os meus conhecimentos ao ambiente de intervenção e, conseqüentemente, o desenvolvimento de capacidades para o meu futuro como profissional. Deste modo, acho bastante pertinente os temas abordados neste projeto pois, para além de me terem ajudado a crescer, consegui abordar outras valências do bullying.

Visto que nos encontramos numa “era digital”, onde cada vez mais se vão encontrando limitações e desvantagens por parte das tecnologias nos indivíduos, este projeto traz à Educação uma diversidade de preocupações. Portanto, nada melhor do que estudá-las e, trazer consigo, respostas que tentem solucionar os problemas. O facto de termos criado uma formação, onde foi possível ter criado um ambiente capaz de originar a aprendizagem em grupo, mostrou que esta estratégia pode levar os participantes a ir mais longe. Assim, promover a reflexão em contexto escolar, através da mediação formadora e preventiva é uma mais valia para a evolução da Educação. Apelar para a formação e a aprendizagem por conta dos indivíduos, é depositar confiança suficiente, para que, um dia mais tarde, se tornem responsáveis pelas suas aprendizagens ao longo da vida e para o sucesso de cada um (Silva, 2008).

A área de mestrado em Mediação Educacional e Supervisão da Formação encontra potencialidades acrescidas que, infelizmente, ainda são muito desacreditadas por parte de outras áreas. Porém, acredito piamente que num futuro próximo a mediação irá conseguir um estatuto merecedor dos seus potenciais.

Em suma, apesar de diversos contextos terem tido a oportunidade de trabalhar através da mediação socioeducativa e de terem sido aplicadas medidas sobre a Educação Sexual nas escolas, não houve descobertas no que toca à formação do tema trabalhado. Apesar do Sexting não ser um tema totalmente desconhecido por parte dos educadores, não significa que ainda seja pouco abordado e trabalhado com os adolescentes. Existem várias teorias e estatísticas, no

que toca ao estudo do sexting e das suas consequências (cyberbullying), mas não existem dados referentes a projetos levados a cabo para o conhecimento dos jovens para esta temática. Assim, vejo aqui a maior vantagem deste projeto. A oportunidade de ter sido trabalhado e, principalmente, ter sido apresentado à área da Educação. As dificuldades foram imensas, mas, com o apoio da orientadora com quem tive a oportunidade de trabalhar neste projeto, tudo foi possível.

Mais uma vez, saliento a necessidade de trabalhar estas temáticas no seio das comunidades escolares, para que as práticas de bullying e cyberbullying sejam substituídas pela comunicação e o respeito pelo próximo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, M. & Ribeiro, M., (2009). *Guia de Avaliação*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica: Uma Perspetiva de Desenvolvimento e Aprendizagem (2ª Edição)* Coimbra: Almedina.
- Anastácio, Z. (2010). Sexualidade na fase intermédia da adolescência: relacionamentos, comportamentos e conhecimentos. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2, 695-705.
- Baccega, M. A. (2009). *Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. Comunicação & Educação*, 14(3), 19-28.
- Barbier, J. (1985). *Avaliação em formação*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70
- Barros, S. D. C. D. (2014). *Sexting na adolescência: análise da rede de enunciações produzida pela mídia*. Dissertação de doutoramento. Universidade Federal do Rio Grande. Brasil.
- Berger, P. L. & Luckmann, T. (1966). *The social construction of reality*. Londres: Penguin Books.
- Cardoso, G. (2010). Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade de informação. *Mutações do visível: da comunicação em massa à comunicação em rede*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas.
- Casal, J. (2013). Construtivismo tecnológico para promoção de motivação e autonomia na aprendizagem. In *XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 6616-6631). Universidade do Minho. Centro de Investigação em Educação (CIEEd).
- Couto, E. (2015). Educação e redes sociais digitais: privacidade, intimidade inventada e incitação à visibilidade. *Em Aberto*, 28(94), 51-61
- CUNHA, M. B. (1982). Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 10(2), 15-19.
- Davallon, J. (2007). A mediação: a comunicação em processo?. *Prisma. com*, (4), 4-37.
- Dias, V., Pitolli, A., Prudêncio, C., & Oliveira, M. (2013). O Diário de Bordo como ferramenta de reflexão durante o Estágio Curricular Supervisionado do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz–Bahia. *Encontro nacional de pesquisa em Educação em Ciências*, 9.

- Ferraz, A. P. C. M., & Belhot, R. V. (2010). Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. *Gest. Prod., São Carlos*, 17(2), 421-431.
- Ferreira, R. E. C. (2008). O Suicídio. Faculdade de Economia Universidade de Coimbra. FEUC: Coimbra.
- Ferry, G. (2004). *Pedagogía de la formación*. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico.
- Fonte, L. (2008). A influência das novas formas de comunicação no desenvolvimento sócio emocional das crianças. Porto: IPAF
- Freire, A. N., & Aires, J. S. (2012). A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 55-60.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2009). *Bullying Beyond the Schoolyard: Preventing and Responding to Cyberbullying*. Thousand Oaks: Corwin Press.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2010). Bullying, cyberbullying, and suicide. *Archives of suicide research*, 14(3), 206-221.
- Jares. X. R. (2002). *Educação e Conflito – Guia de Educação para a Convivência*. Porto: Edições ASA.
- Lenhart, A. (2009). Teens and sexting. *Pew internet & American life project*, 1, 1-26.
- Lessart-H, M.; Goyotte, G. & Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lopes, P., Barreira, D. P., & Pires, A. M. (2001). Tentativa de suicídio na adolescência: avaliação do efeito de gênero na depressão e personalidade. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2(1), 47-57.
- Lucchesi, Â. T., & Hernandez, E. F. T. (2018). CRIMES VIRTUAIS: ciberbullying, revenge porn, sextortion, estupro virtual. *Revista Officium: estudos de direito*, 1(1), 2
- Machado, M. M. (2002). O diário de bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes cênicas. *Sala Preta*, 2, 260-263.
- Melim, F., & Pereira, B. O. (2015). A influência da Educação Física no bullying escolar: A solução ou parte do problema?. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 67(1), 65-84.
- Melo, M. (2013). Propostas metodológicas e aplicabilidade do paradigma qualitativo de análise. *Cics Contextos*, nº7, 1-16.

- Morin, L. et Brunet L. (1992). *Philosophie de l'éducation. Tome 1 – Les sciences de l'éducation*. Sainte-Foy : Les Presses de l'Université Laval; Bruxelles : De Boeck-Wesmaël.
- Moura, A. (2009). Geração Móvel: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a “Geração Polegar”. In P. Dias, A. J. Osório (Org.), *Actas da VI Conferência Internacional de TIC na Educação Challenges 2009 / Desafios 2009* (pp. 50-7). Braga: Universidade do Minho.
- Neto, A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de pediatria*, 81 (5), 164-172.
- Neves, I. (2007). A Formação Prática e a Supervisão da Formação. *Saber (e) Educar*, nº12, 79-95.
- Ringrose, J., Harvey, L., Gill, R., & Livingstone, S. (2013). Teen girls, sexual double standards and ‘sexting’: Gendered value in digital image exchange. *Feminist theory*, 14(3), 305-323.
- Ruzany, M. H., & Meirelles, Z. V. (2009). Adolescência, juventude e violência: identificação, abordagem e conduta. *Adolescência e Saúde*, 6(3), 52-60.
- Silva, A. M. (2008). Mediação Formadora e Sujeito Aprendiz ao longo da vida. In ANAIS (Atas) do IV Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares: Currículo, Teorias, Métodos. 2, 3 e 4 de setembro. Brasil: Universidade de Santa Catarina – Florianópolis.
- Silva, A. M. C. (2011). Mediação e(m) educação: discursos e práticas. *Revista Intersaberes*, 6(12), 249-265.
- Simovska, V. & Jensen, B. (2009). *Conceptualizing participation the health of children and young people*. Copenhagen: World Health Organization Regional Office for Europe.
- Sitoe, R. M. (2006). Aprendizagem ao Longo da Vida: Um conceito utópico? *Comportamento organizacional e gestão*, 12 (2), 283-290.
- Slonje, R., & Smith, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying?. *Scandinavian journal of psychology*, 49(2), 147-154.
- Soares, A. (2000). *A supervisão como estratégia de formação reflexiva no contexto da formação inicial de professores*. Braga: Universidade do Minho.
- Sydow, S. T., & DE Castro, A. L. C. (2017). *1. Sextorsão*. *Revista dos Tribunais*, 02-16.
- Torremorell, M. C. B. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto: Porto Editora.

- Valladares, L. (2007). *Os dez mandamentos da observação participante*. *Revista brasileira de ciências sociais*, 22(63), 153-155.
- Vasconcelos, C. E. (2008). *Mediação de conflitos e práticas restaurativas*. São Paulo: Método.
- Vilaça, T. (2012). Metodologia de ensino para uma sexualidade positiva e responsável. *Elo-Revista do Centro de Formação Francisco de Holanda*, 19, 91-102.
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L. M. B. O., & Mosmann, C. P. (2002). *A comunicação em famílias com filhos adolescentes*. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 75-80.
- Wanzinack C, Scremin SF. (2014). Sexting: comportamento e imagem do corpo. *Divers@! Revista Eletrônica Interdisciplinar*, 7, 22-9.
- Weisskirch, R. S., & Delevi, R. (2011). "Sexting" and adult romantic attachment. *Computers in Human Behavior*, 27(5), 1697-1701.
- Wendt, G. W., & Lisboa, C. S. D. M. (2014). Compreendendo o fenômeno do cyberbullying. *Temas em Psicologia*, 22(1), 39-54.
- Zabalza, M. A. (2004). *La enseñanza universitária. El escenario y sus protagonistas*. Madrid: Narcea Ediciones.
- Zabalza, Miguel. (1994). *Os diários como instrumento de investigação do pensamento dos professores in Diários de aula – contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Porto: Porto Editora.

Caraterização do Agrupamento. Acedido em: <http://www.aefranciscosanches.pt/>

Percursos Curriculares Alternativos. Acedido em: <https://www.dge.mec.pt/percursos-curriculares-alternativos>

Sobre Internet Segura: missão e valores. Acedido em: <https://www.internetsegura.pt/>

ANEXOS

Anexo 1 - Consentimento informado para participação em investigação

CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Título do estudo:

Ação preventiva da mediação na comunidade escolar: Potencialidades da aprendizagem orientada para a ação de prevenção do sexting.

Enquadramento:

Este estudo está a ser realizado no Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal, no âmbito do Mestrado em Educação, Especialidade em Mediação Educacional e Supervisão na Formação, sob orientação da Doutora Teresa Vilaça, professora Auxiliar dessa Universidade.

Esta investigação tem como objetivo analisar quais são os efeitos da mediação na capacitação de jovens para prevenirem o sexting.

Explicação do estudo:

Com o objetivo de aprofundar o diagnóstico das necessidades em relação ao sexting na escola onde será realizado o estudo, será aplicado um inquérito por questionário a duas turmas da instituição escolar em foco para analisar as suas formas de utilização do computador e do telemóvel, as suas motivações e perceções sobre o sexting e o seu conhecimento orientado para a ação de prevenção do sexting. As respostas dos questionários serão guardadas, de forma anónima, pela investigadora. A análise destes dados será utilizada para a planificação de um processo de mediação preventiva do sexting, a desenvolver com duas turmas. No final o processo de mediação será novamente aplicado o questionário, com o objetivo de analisar a evolução dos alunos nas variáveis inquiridas no final do processo. Durante o desenvolvimento deste processo, os dados serão recolhidos por observação participante com elaboração de diários de bordo e análise dos documentos produzidos durante o processo pela mediadora e alunos.

Condições e financiamento:

Os informantes não terão qualquer tipo de compensação monetária pela participação nesta investigação, mas também não terão custos associados, pois os inquéritos irão ser aplicados na escola que frequentam.

Confidencialidade e anonimato:

O questionário será aplicado de forma confidencial e anónima. Os dados recolhidos serão exclusivamente utilizados para a presente investigação.

Agradeço a atenção dispensada à apresentação desta investigação e, se decidir autorizar a participação do seu educando na mesma, agradeço a sua colaboração.

A investigadora: Sónia Cabo, Mestranda no Instituto de Educação da Universidade do Minho, email: soniacabo_21@hotmail.com

Assinaturas: Investigadora:

Nome do/a aluno/a participante no estudo

Nome do/a Encarregado/a de educação... ..

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar autorizar a participação do meu educando neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, autorizo a participação do meu educando neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária este forneça, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Investigadora:

Nome do/a aluno/a participante no estudo:

Nome do/a Encarregado/a de educação:

Assinatura do/a Encarregado/a de educação: Data: /..... /.....

Anexo 2 – Consentimento informado para participação em investigação (Alunos)

CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Título do estudo:

Ação preventiva da mediação na comunidade escolar: Potencialidades da aprendizagem orientada para a ação de prevenção do sexting.

Enquadramento:

Este estudo está a ser realizado no Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal, no âmbito do Mestrado em Educação, Especialidade em Mediação Educacional e Supervisão na Formação, sob orientação da Doutora Teresa Vilaça, professora Auxiliar dessa Universidade.

Esta investigação tem como objetivo analisar quais são os efeitos da mediação na capacitação de jovens para prevenirem o sexting.

Explicação do estudo:

Com o objetivo de aprofundar o diagnóstico das necessidades em relação ao sexting na escola onde será realizado o estudo, será aplicado um inquérito por questionário a duas turmas da instituição escolar em foco de escolaridade para analisar as suas formas de utilização do computador e do telemóvel, as suas motivações e perceções sobre o sexting e o seu conhecimento orientado para a ação de prevenção do sexting. As respostas dos questionários serão guardadas, de forma anónima, pela investigadora. A análise destes dados será utilizada para a planificação de um processo de mediação preventiva do sexting, a desenvolver com duas turmas. No final o processo de mediação será novamente aplicado o questionário, com o objetivo de analisar a evolução dos alunos nas variáveis inquiridas no final do processo. Durante o desenvolvimento deste processo, os dados serão recolhidos por observação participante com elaboração de diários de bordo e análise dos documentos produzidos durante o processo pela mediadora e alunos.

Condições e financiamento:

Os informantes não terão qualquer tipo de compensação monetária pela participação nesta investigação, mas também não terão custos associados, pois os inquéritos irão ser aplicados na escola que frequentam.

Confidencialidade e anonimato:

O questionário será aplicado de forma confidencial e anónima. Os dados recolhidos serão exclusivamente utilizados para a presente investigação.

Agradeço a atenção dispensada à apresentação desta investigação e, se decidir autorizar a participação do seu educando na mesma, agradeço a sua colaboração.

A investigadora: Sónia Cabo, Mestranda no Instituto de Educação da Universidade do Minho, email: soniacabo_21@hotmail.com

Assinaturas: Investigadora:
Nome do/a aluno/a participante no estudo

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar autorizar a participação do meu educando neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, autorizo a participação do meu educando neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária este forneça, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Investigadora:
Nome do/a aluno/a participante no estudo:

Assinatura do/a Aluno/o: Data: /..... /.....

Anexo 3 – Questionário do projeto

QUESTIONÁRIO

Este questionário faz parte de uma investigação sobre “Prevenção do Sexting na Comunidade Escolar”, que está a ser realizada como parte do Estágio do Mestrado em Mediação Educacional e supervisão na formação.

O objetivo deste questionário é conhecer o que pensas e sentes sobre o Sexting, isto é, **sobre receber ou enviar mensagens e / ou fotografias provocativas ou sexualmente sugestivas usando o telemóvel e / ou as redes sociais**. O questionário é **anónimo**, por isso, nunca ninguém saberá o que respondeste. Por favor, **sê sincero/a**, só essas respostas interessam para o nosso estudo.

Muito obrigada pela tua colaboração!

Sónia Cabo (E-mail: soniacabo_21@hotmail.com)

A. Dados pessoais

1. Ano de escolaridade:

2. Turma:

3. Idade:

4. Sexo: Rapaz Rapariga

5. Assinala, com um círculo à volta do número, a frequência com que utilizas **o computador** para:

	(baixa)	1	2	3	4	5	(alta)
1. Escrever textos							
2. Digitalizar e tratar imagens							
3. Fazer tratamentos estatísticos simples							
4. Fazer apresentações em PowerPoint							
5. Gravar entrevistas							
6. Tirar fotografias							
7. Fazer filmagens							
8. Fazer pesquisa na Internet							
9. Comunicar com outras pessoas por e-mail							
10. Comunicar com outras pessoas em fóruns							
11. Comunicar com outras pessoas em Chats							
12. Comunicar com outras pessoas pelo Facebook							
13. Comunicar com outras pessoas por Skype							
14. Participar em blogues							
15. Ver filmes							
16. Outro. Qual? _____							

6. Assinala, com um círculo à volta do número, a frequência com que utilizas **o telemóvel** para:

1. Falar com os amigos							
2. Enviar mensagens							
3. Tirar fotografias							
4. Enviar fotografias							
5. Fazer filmagens							
6. Enviar filmes							
7. Ver televisão							
8. Fazer pesquisa na Internet							
9. Comunicar com outras pessoas por e-mail							
10. Comunicar com outras pessoas em fóruns							
11. Comunicar com outras pessoas em Chats							
12. Comunicar com outras pessoas pelo Facebook							
13. Comunicar com outras pessoas por Skype							
14. Participar em blogues							
15. Ver filmes							
16. Outro. Qual? _____							

B. Motivações e percepções sobre sexting

(UK SAFER Internet Centre, 2015)

7. Conheces alguém que já partilhou imagens / vídeos íntimos (nus ou quase nus) com outra pessoa?

Sim Não

8. Quantos episódios como o anterior conheces que aconteceram este ano (2017)?

Nenhum Um ou dois Algumas vezes Acontece muitas vezes

9. Sabes dizer se em algum momento uma imagem ou vídeo foi espalhada a mais do que apenas à pessoa a quem foi enviada?

Sim Não

10. As imagens / vídeos foram utilizados de forma a prejudicar alguém?

Sim, sempre Sim, às vezes Não

11. De quem é a responsabilidade da imagem/vídeo?

Da pessoa que a tirou Da pessoa que está na imagem Da pessoa que a recebeu

12. Concorde fortemente, concorda, não tem opinião, discorda ou discorda fortemente das seguintes afirmações?

Afirmações	Concorda fortemente	Concorda	Não tem opinião	Discorda	Discorda fortemente
a. Há muita pressão para enviar nudes	<input type="checkbox"/>				
b. Não é um problema, todos fazem isso	<input type="checkbox"/>				
c. É difícil dizer que não, se alguém pede uma nude	<input type="checkbox"/>				
d. Enviar uma nude é ilegal e as pessoas não devem fazê-lo	<input type="checkbox"/>				
e. Espalhar uma nude para outros é ilegal e as pessoas não deveriam fazê-lo	<input type="checkbox"/>				
f. As pessoas devem ser punidas por ameaçarem partilhar imagens	<input type="checkbox"/>				
g. Os adultos exageram sobre esse tipo de coisas	<input type="checkbox"/>				
h. A minha escola aborda bem estas questões	<input type="checkbox"/>				

13. Por que é que as pessoas enviam nus (marca o máximo de opções que quiseres)?

para arranjam um namorado / namorada

para se rirem

para aborrecerem alguém

para que lhes deem atenção

para serem mais populares

para lhe dizerem que são atraente

para vangloriarem-se do que fizeram

porque são pressionados para fazerem isso

outro. Qual?

14. Tiveste possibilidades de conversar e faz perguntas sobre esse tipo de coisas na sala de aula ou nas atividades extra-aula (tutorias, Gabinete de Apoio ao Aluno, etc.)?

Não Sim. Onde?

15. Deverias ter mais ou menos aulas sobre este tipo de coisas?

Menos Mais. Porquê?

16. Como é que os adultos podem apoiar os jovens nesta área? (marca o máximo de opções que quiseres)?

Certificando-se de que existem lugares confidenciais para os jovens pedirem ajuda

Disponibilizando informações atualizadas

Arranjando formas úteis de fornecer informações nas escolas

Tendo conversas abertas e honestas com os jovens

Não julgando os jovens

Ouvindo os jovens

Outro. Qual?

C. Conhecimento para agir na prevenção do sexting

Por favor, responde às questões seguintes relacionadas com o conhecimento que tens sobre o SEXTING, tendo em conta a seguinte definição: "**Sexting é enviar ou receber mensagens e/ou fotografias provocativas ou sexualmente sugestivas usando o telemóvel e/ou as redes sociais**".

17. Na tua opinião, quais são as consequências do sexting para a pessoa que sofre sexting?

18. Que consequências pode ter de enviar fotos ou textos com conteúdo insinuante ou sexual para o telemóvel ou rede social de outra pessoa?

19. Na tua opinião, porque é que **uma pessoa envia** fotos ou textos com conteúdo insinuante ou sexual para o telemóvel ou rede social de outra pessoa?

20. Porque é que **há pessoas que recebem** fotos ou textos com conteúdo insinuante ou sexual pelo telemóvel ou rede social?

21. Na tua opinião, **o que é que tu ou a tua escola** podem fazer para deixar de existir sexting?

D. Ações pessoais, face a situações de sexting

22. Se um/a conhecido/a me envia uma foto em que aparecem as suas partes íntimas, eu (escolhe só uma opção):

- Fico nervosa/o e não toco no tema
- Envio-lhe também uma foto minha para responder
- Chamo-o/a à atenção por me ter enviado a foto e denuncio-o/a se não estiver arrependido/a

23. Se o meu namorado/ namorada me pede para lhe enviar uma “foto sexy”, porque sou muito bonita/o e sente muito a minha falta, eu (escolhe só uma opção):

- Envio-lhe a foto já que é meu namorado/ namorada e confio nele/a
- Envio-lhe a foto porque me disse que era bonita/o e quero que me recorde e pense em mim
- Digo-lhe que há outras formas de demonstrar o amor e carinho e que não é correto enviar-lhe uma foto minha sexy

24. Se o meu namorado/a for viajar e tiver que namorar com ele à distância por vários meses, eu (escolhe só uma opção):

- mando-lhe fotos minhas e com a minha família e amigos/as para que se recorde de mim
- mando-lhe fotos mostrando partes íntimas do meu corpo com mensagens para o/a ajudar a manter viva a paixão e o amor entre nós
- mando-lhe frequentemente mensagens carinhosas e espero o seu regresso para podermos continuar a namorar

25. Se um estranho me diz que lhe envie fotos eróticas eu (escolhe só uma opção):

- Envio-lhe, porque é um estranho e não sabe quem eu sou
- Digo-lhe para primeiro nos conhecermos e depois decido se lhe envio as fotos
- Não lhe envio as fotos pois não sei o que essa pessoa poderá fazer com elas.

26. Se a minha melhor amiga/ amigo me conta que desde que enviou fotos eróticas ao namorado/a a relação está melhor que nunca, eu (escolhe só uma opção):

- Penso fazer o mesmo para ver se melhora a minha relação com o meu namorado/a
- Peço-lhe conselhos para tirar boa as fotos para surpreender o meu namorado/a
- Digo-lhe que deve ser cuidadosa/o, porque a sua reputação e a sua intimidade podem estar em risco.

Muito obrigada!

INVESTIGAÇÃO DO TEMA

VISSÕES PARA O FUTURO:
 Como imaginamos a sociedade em que queremos viver no futuro em relação ao sexting? Deixou de existir? O que fazem na escola para que não exista sexting? O que fazem na sociedade? O que fazem as nossas famílias? O que faz cada um de nós?

AGIR E MUDAR PARA PREVENIR O SEXTING

STOP SEXTING

Metodologia do projeto
 Sónia Catarina Carabana Cabo
 Mestrado em Educação
 Área de Especialização em Mediação Educacional e Supervisão na Formação
 Orientação
 Doutora Teresa Vilaça
 Doutora Isabel Candéias

Metodologia IVAM
 A **metodologia IVAM (Investigação, Visão, Ação e Mudança)** desenvolvida no âmbito da Rede Europeia das Escolas Promotoras de Saúde, tem como objetivo desenvolver a “competência para a ação” dos alunos.

A **competência para a ação** é a habilidade dos alunos para realizarem ações reflexivas, individual ou coletivamente, e provocarem mudanças positivas nos estilos de vida e condições de vida que levem, nomeadamente, à **prevenção do sexting na comunidade escolar**.



SEXTING

O termo sexting refere-se ao envio ou recepção de mensagens e/ou fotografias provocativas ou sexualmente sugestivas (por exemplo, partes do corpo nuas) usando o telemóvel e/ou as redes sociais.



COMO PREVENIR O SEXTING

- Não cedas a chantagens.
- Não contates com desconhecidos.
- Não partilhes informações ou fotografias comprometedoras.
- Se já enviaste uma imagem comprometedoras não o voltes a fazer, pode desencadear uma cadeia de divulgação que nunca mais terminará.
- Bloqueia as tuas fotografias nas redes sociais, alguma pode ser comprometedoras e pode vir a afetar a tua reputação.
- Se conheces alguém que está a enviar ou a receber fotografias comprometedoras, explica-lhes o perigo, pois assim estás a evitar que se propague esta prática.
- Denuncia o sexting.



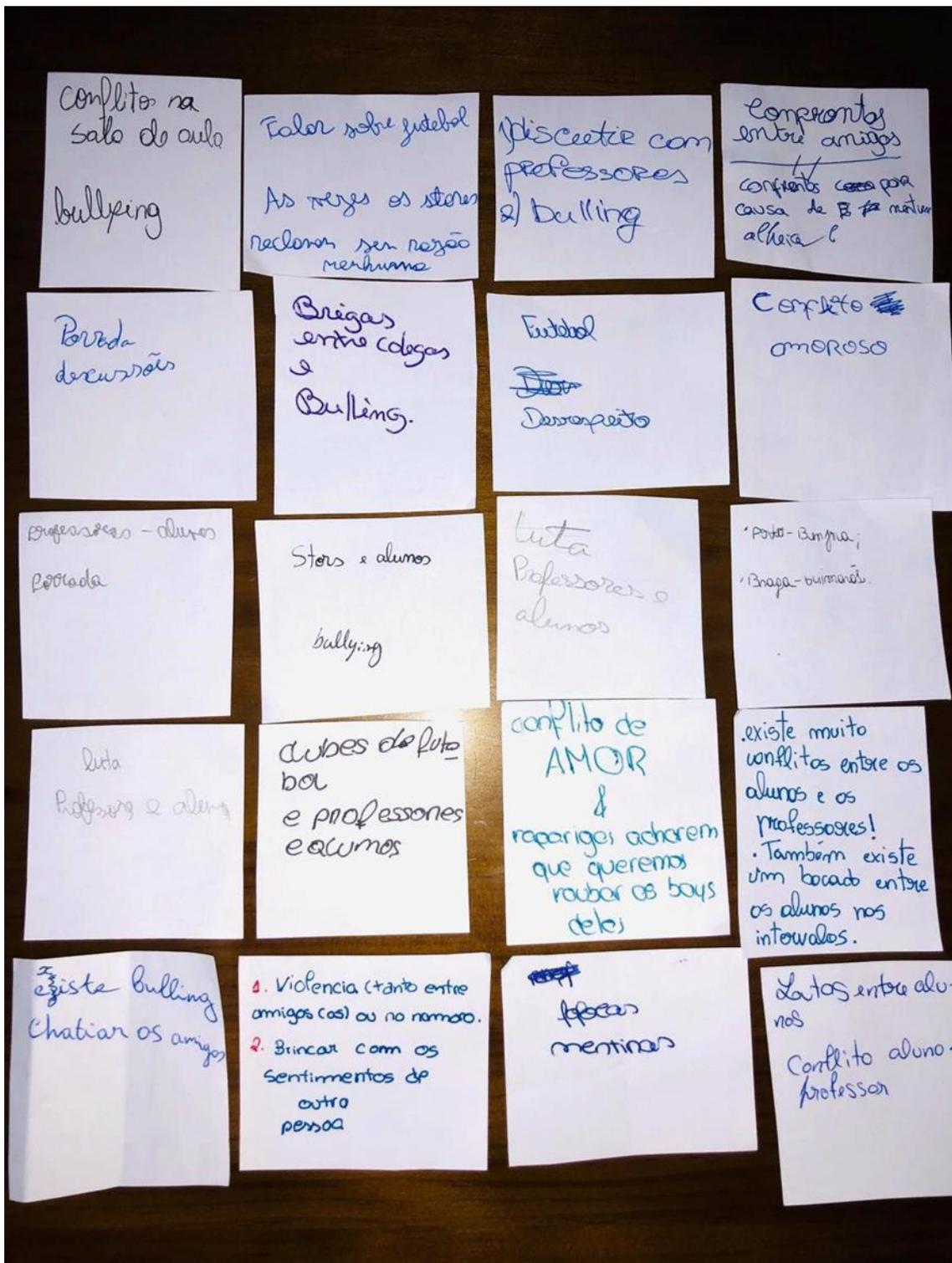
VAMOS PLANIFICAR?

1. O que gostávamos mais de aprender sobre sexting?
2. Por que razão é importante para nós ajudar a eliminar este problema?
3. É importante para as nossas famílias ajudar a eliminar este problema? Por quê?
4. Também é importante para a nossa escola ajudar a eliminar este problema? Por quê?
5. Que atividades gostávamos mais de realizar para investigar este problema?
6. O que podemos fazer aqui na escola para ajudar a eliminar este problema? E nas nossas famílias? E na nossa vida?

Anexo 5 – Post-it usados para a Atividade 2



Anexo 6 – Post-its usados para a Atividade 3



Anexo 7 – PowerPoint sobre os Conflitos

1

JOGO DO BALÃO

2

OBJETIVO

- Fazer passar o balão por todos os participantes
- PROTEGÊ-LO DE TODOS OS OBSTÁCULOS
- Se rebentar voltaremos ao início

3

QUESTÕES PARA DEBATE



4



5



6

O QUE SÃO CONFLITOS?

- O conflito como uma “interação de pessoas interdependentes que percebem a existência de objetivos, desejos e valores opostos, e que encaram a outra parte como potencialmente capaz de interferir na realização desses desideratos” (Putnam & Poole, 1987, pp. 552).

Anexo 8 – Diário de Bordo da formadora



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Diário de bordo

Sessão N° _____

Data/horário: _____

Turma: _____

1. Problemática/
foco da observação

2. Tarefas
Desenvolvidas na aula

3. Discussão

4. Avanços/Apre
ndizagens sentidas



N.º Sessão: _____ Data: ____/____/____

Por favor escreve o teu diário o mais completo possível, tendo como linhas orientadoras as seguintes questões:

- Q1. O que aprendeste de mais importante na sessão?
- Q2. O que gostaram mais na sessão? Porquê?
- Q3. O que gostaram menos na sessão? Porquê?
- Q4. O que gostavam que fosse diferente na sessão seguinte?



STOP SEXTING

O MEU DIÁRIO DO PROJETO

Sónia Catarina Carabana Cabo
Mestrado em Educação
Área de Especialização em Mediação Educacional e Supervisão na Formação
Orientação
Doutora Teresa Vilaça & Doutora Isabel Candéias

Faltas de Respeito

Responder aos professores

Dormir na aula

Sair da sala sem autorização

Usar o telemóvel sem autorização

Respostas:

1º tópico – Este problema resolve-se a falar.

2º tópico – Dormir durante a noite é a solução deste problema.

3º tópico – Uma solução possível para esta situação é tornar as aulas interessantes para ambos (alunos e professores).

4º tópico – Guardar o telemóvel antes de entrar na sala

Anexo 11 – Situações da Atividade 7



O **João** recebeu no telemóvel uma fotografia de uma colega da turma nua e enviou-a para todos os amigos por telemóvel e facebook. O **Pedro** conta ao João como é que o Jaime arranjou a fotografia nua da colega e a enviou. A Rita está muito zangada com o João, diz-lhe o que se passou com a amiga quando soube que estavam a divulgar a sua fotografia nua e o que pensa do seu comportamento por ter enviado a foto.



A **Andreia** partilhou com as amigas **Joana** e a **Rita** fotos sexualmente sugestivas com o namorado/a. As amigas reagem de maneira diferente quando veem as fotos e discutem o que pode acontecer a seguir.



O **João** está prestes a mudar de escola porque os amigos o começaram a excluir do grupo. A **Flávia** e o **Pedro** falam com o João sobre as razões por que o começaram a excluir. Os três tentam encontrar uma solução para o problema.

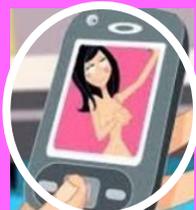


Pedir a um aluno que saia da sala por uns momentos para preparar como vai explicar à turma quais são as disciplinas que têm nesse ano letivo. Dizer à turma para quando o participante voltar a entrar para explicar o que lhe foi pedidor, comecem a conversar uns com os outros. Pedir-lhes para, por vezes, interromperem a explicação do colega dizendo-lhe que “não estão a perceber”, “não sabe explicar”, “A voz é horrível”, é muito chato a explicar”, etc.
Perguntar ao aluno como se sentiu na personagem.

	<h1 data-bbox="619 280 1023 331">STOP SEXTING</h1> <p data-bbox="491 369 1018 405">Atividade 9 – “Não encorajes o sexting”</p> <p data-bbox="667 421 1114 450">GUIÃO DE OBSERVAÇÃO DOS VÍDEOS</p> <div data-bbox="1161 271 1326 389"><p data-bbox="1161 353 1326 389">Universidade do Minho Instituto de Educação</p></div>
---	--

1 – Explicar o que é o sexting.	
2 - Situações em que se está a encorajar o sexting.	
3- Consequências do sexting.	
4 - Estratégias para não encorajar o sexting.	

Anexo 13 - Guião de Observação para a Atividade 11

	<h1>STOP SEXTING</h1> <p>Atividade 11 – “Perigo das redes sociais”</p> <p>GUIÃO DE OBSERVAÇÃO DO VÍDEO</p> 
---	--

1 – Como podemos perder a privacidade nas redes sociais?	
2 - O que podemos fazer para não perder a privacidade nas redes sociais?	
3 – Porque podemos afirmar que “O que sabem de nós nas redes sociais também depende das outras pessoas.	
4- Conta as situações que conheces em que aconteceram casos de sexting.	

Não tire fotos nús ou semi nús

alguns amigos podem ser íntimos que atenção não de divulgação

SEXTING

Denunciar o Sexting

Comunicar com as pessoas próximas

Não fazer webcom com desconhecidos

Não confiar em desconhecidos

Não ceder a chantagens

Não enviar nudos

Não passar confiança com desconhecidos

Evitar o contacto com desconhecidos

Não divulgar informações pessoais

Não postar tudo mas nada oculto

Anexo 15 - Diários de Bordo escritos pelos participantes

Nº Sessão: 6 Data: 09 / 05 / 18



Por favor escreve o teu diário o mais completo possível, tendo como linhas orientadoras as seguintes questões:

Q1. O que aprendeste de mais importante na sessão?
Q2. O que gostaram mais na sessão? Porquê?
Q3. O que gostaram menos na sessão? Porquê?
Q4. O que gostavam que fosse diferente na sessão seguinte?

Questão 1 → Não devemos enviar fotos e que o suicídio pode ser o melhor no futuro, mas não para o vido.

Questão 2 → os vídeos e trabalhos

Questão 3 → @lind.

Questão 4 → Que a Sónia Volfosse!!!

Questão 1 → Aceitar os outros

Questão 2 → O "teatro", foi engraçado.

Questão 3 → O Pim, porque a Sônia é muito fixe.

Questão 4 → Tá bom assim. :)

Q.2 Não tenho opinião, pois gostei do sessão como ela foi.

Q.3 Não tenho opinião, pois gostei da sessão como ela foi.

Q.4 Não tenho opinião, pois gostei do toda tal como a Sônia fez.

Q1 → Que ~~o~~ temos de ter cuidado acerca do que enviamos, sobretudo fotos íntimas.

Q2 → O vídeo da Amanda ~~é~~ Todd porque foi um exemplo acerca do que pode acontecer apenas tendo mandado fotos íntimas.

Q3 → Gostei de tudo.

Q4 → Atividades ao ar livre.

Nº Sessão: 03 Data: 23 / 04 / 2018



Por favor escreve o teu diário o mais completo possível, tendo como linhas orientadoras as seguintes questões:

- Q1. O que aprendeste de mais importante na sessão?
- Q2. O que gostaram mais na sessão? Porquê?
- Q3. O que gostaram menos na sessão? Porquê?
- Q4. O que gostavam que fosse diferente na sessão seguinte?

Q.1

Que muitas vezes nós alunos temos comportamentos inesperados, e que devemos ter mais consciência no que fazemos e dizemos.

Nº Sessão: 4 Data: 27/04/2018



Por favor escreve o teu diário o mais completo possível, tendo como linhas orientadoras as seguintes questões:

- Q1. O que aprendeste de mais importante na sessão?
- Q2. O que gostaram mais na sessão? Porquê?
- Q3. O que gostaram menos na sessão? Porquê?
- Q4. O que gostavam que fosse diferente na sessão seguinte?

Q. 1 Que nunca se deve ceder às chantagens, pois poderá causar problemas no futuro.

Questão 1 → Aceitar os outros

Questão 2 → O "teatro", foi engraçado.

Questão 3 → O Pim, porque a Sônia é muito fixe.

Questão 4 → Foi bem assim. :)

Anexo 16 – Diários de Bordo sobre a Observação das turmas



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sessão Nº 1

Data/horário: 28.02.2018

Turma: 8º5

Problemática/foco da observação

- Caracterizar comportamentos agressivos entre os alunos;
- Identificar formas de utilização do telemóvel/computador na aula e extra-aula;
- Identificar situações de sexting;
- Caracterizar os comportamentos dos alunos em função do tipo de atividades educativas utilizadas.

Tarefas desenvolvidas na aula

Com a minha chegada à sala de aula, todos se inquietam e perguntam à professora “quem é aquela menina”? A professora/Diretora de turma que lecionava à turma a disciplina de Religião e Moral, explicou antes da aula começar, que a minha presença nada poderia influenciar os comportamentos deles. Comentou também que o meu nome era Sónia, que não era professora e que mais tarde iriam perceber a minha presença. Posto isto, a professora dá início à aula.

A aula não iria ser exatamente de Religião e Moral, mas sim uma Assembleia de Turma, para poderem falar sobre a visita de estudo a Lisboa, realizada no dia anterior. Assim, a professora comenta com os alunos que gostava que abordassem os aspetos positivos e negativos da mesma. Os aspetos positivos abordados penso terem sido fundamentais para perceber a personalidade da turma em geral e comentaram que: estiveram calmos com a receção da guia turística da cidade; houve respeito e muita atenção na visita guiada; tinha existido camaradagem em relação às outras turmas; houve também curiosidade e gosto pelo saber e também comentaram o facto de saberem estar fora da escola.

Nas partes negativas, uma das alunas tinha consciência de que deveriam ter tido outro tipo de comportamento visto que o autocarro parecia uma “discoteca”.

Porém a professora desculpou estas atitudes, afirmando que é normal na adolescência gostarem de música e quererem partilhar as escolhas musicais uns com os outros.

Outro aspeto detetado na turma foi quando contaram uma das experiências com a guia turística. A turma ficou extremamente chateada com a guia, que estava descontente com o comportamento das outras turmas, o que levou a que descontasse a sua frustração nesta turma. Os alunos mostraram ter ficado indignados e muito tristes com esta situação, pois era notório o esforço que fizeram para terem um bom comportamento em frente à guia. Assim, denotei que estava perante a alunos sensíveis e muito queridos pelos professores.

Enquanto esta discussão decorria, reparo que a professora tem muito à vontade para falar com os alunos e vice-versa. A professora mostra ser uma pessoa doce e compreensível em relação à turma e os alunos fazem silêncio quando a figura de autoridade fala.

Algo que achei interessante na turma, foi o facto de nenhum aluno ter usado o telemóvel em toda a aula de 45 minutos. Mostraram que preferem falar uns com os outros e, muito importante, com a professora.

As meninas, claramente, conseguem ser mais aplicadas e atentas de que os rapazes. Não é que os rapazes também não o possam ser, mas o facto de o sexo feminino se destacar em toda a discussão da aula, mostrou que conseguem ter mais à vontade para debater e refletir do que o sexo masculino da turma.

Para colmatar a aula, a professora pergunta aos alunos como foi a experiência com a enfermeira na aula anterior. Percebi então, que uma das experiências que tinham tido naquele dia na aula de Ciências, foi uma formação de "Gravidez na adolescência". Percebi pelo entusiasmo dos alunos que tinham gostado da sessão, o que me motivou para iniciar a minha formação com esta turma.

E assim termina a minha primeira observação, com o toque para a mudança de disciplina.

Discussão

Como primeiro contacto com a turma do 8º ano, penso ter sido bem-recebida pelos alunos. Apesar de não saberem o intuito da minha presença para o futuro deles, os alunos ficaram bastante recetivos em perguntar o meu nome e curiosos com o que se iria passar.

Com esta observação, foram detetados dois alunos estrangeiros com quem fiquei bastante preocupada para o início da formação. No fim da aula, fui ao encontro da Diretora de Turma e explicou-me que estes alunos, além de serem apoiados pelos professores, os alunos também tinham um papel importante na ajuda destes estudantes.

Para além destes dois alunos, existia na turma um aluno com um tipo de défice de atenção que me preocupou bastante. Este aluno iria fazer com que tivesse um certo tipo de atenção no decorrer da formação e também nos diários de bordo que teria de preencher no fim de cada sessão.

Avanços/Aprendizagens sentidas

Apesar de ter sido muito complicada a escolha desta turma para a realização da formação, penso ter sido a melhor opção. Percebi que a turma tinha uma disparidade enorme no que toca a personalidades, porém eram alunos muito sensíveis. Penso que esta sensibilidade irá levar a que os alunos entendam a necessidade de conhecer o tema sexting e que haja uma facilidade na execução das atividades predefinidas.



Sessão Nº 1
Data/horário: 5-12-2017

Turma: 9º 8

Problemática/foco da observação

- Caracterizar comportamentos agressivos entre os alunos;
- Identificar formas de utilização do telemóvel/computador na aula e extra-aula;
- Identificar situações de sexting;
- Caracterizar os comportamentos dos alunos em função do tipo de atividades educativas utilizadas.

Tarefas Desenvolvidas na aula

O meu primeiro encontro com a turma foi bastante tranquilo. A Diretora de Turma desde logo me tinha convidado a participar neste dia e rapidamente aceitei. Os alunos tinham marcada uma visita de estudo a um museu em Braga. O objetivo da visita era conhecer a história e as funcionalidades existentes dentro do museu.

A partida foi na escola e aqui não houve transporte, pois o museu era apenas a 2km de distância da escola e nada melhor do que passear num dia de sol. O caminho foi bastante engraçado, os alunos conversavam uns com os outros e a professora era convidada a entrar nessas mesmas conversas. Todos fingiam que não estava ali, talvez por se sentirem intimidados com a minha presença. Porém as meninas são as primeiras a tentar criar contacto comigo, perguntando educadamente se as iria acompanhar na visita de estudo. “Não só vos vou acompanhar na visita de estudo, como vos irei acompanhar até ao fim do ano letivo. Mas para já não há mais informações”, acrescentei eu no fim da conversa.

Acabando de chegar ao museu, a turma foi logo recebida por um guia que nos ia acompanhar até à hora do almoço. Começou por apresentar a instituição e as suas várias valências, porém os telemóveis começaram a aparecer para inspecionarem as redes sociais de forma desinibida. “Larguem os telemóveis” disse a professora, avisando que não era hora nem local para mexer neles.

A guia ia apresentando a história do museu e os alunos iam acompanhando, mas sempre falando uns com os outros. A professora estava sempre atenta aos comportamentos dos alunos, avisando-me de que a turma, apesar de serem miúdos com bastantes problemas em casa, eram seres humanos muito carentes.

A guia acabou por me confundir como uma das alunas da turma, acabando por me fazer perguntas relacionadas com a visita. O que achei extremamente caricato pois acabei por perceber que de alguma forma ajudou os alunos a relacionarem-se comigo.

Após a parte teórica da visita, chegou a hora de partir para a prática. Como o museu era constituído por vários tipos de azulejos, havia um espaço concebido para os visitantes onde poderiam criar e pintar azulejos. A sala era composta por varias mesas onde os alunos puderam sentar e construir os azulejos com várias tintas específicas. O que era relacionado com a aula com a aula de Artes que a professora lecionava.

Neste espaço com vários azulejos por pintar, os alunos esqueceram por momentos o telemóvel para dar lugar a uma atividade lúdica. Detetei que os alunos gostavam de pintar e realizar atividades diferentes da sala de aula, o que me deixou mais descontraída em relação à formação. Fui então pensando em atividades que fizessem com que os alunos pudessem desenhar ou trabalhar de forma idêntica.

Após muita concentração e empenho por parte dos alunos, e também por minha parte que acabei por realizar igualmente a atividade, dá-se o termino da visita.

A caminho da escola, os alunos aproveitaram logo para poder tirar os telemóveis dos bolsos e das carteiras. Pareciam que estavam incontactáveis à mais de uma semana. Os rapazes mandavam mensagens para as namoradas, jogavam os seus jogos preferidos, enquanto que as raparigas tiravam as suas selfies e aproveitavam por pôr a conversa em dia com os meninos da turma.

Nesta visita pude perceber que aqui as idades eram bastante dispares. Existiam alunos dos 14 aos 17 anos, com personalidades e com um à vontade muito diferentes. Mas apesar desta diferença, os alunos respeitavam-se todos e conseguiam interagir bastante com a Diretora de Turma.

Ao chegar à escola, a visita de estudo terminou, assim como a minha primeira observação.

Discussão

Como primeira dificuldade, posso afirmar que o facto de os alunos me olharem como uma figura de autoridade, deixou-me um pouco constrangida. Tendo em conta que os alunos tinham alguns problemas familiares e escolares, o rotulo de professora iria restringir a minha relação amigável com eles. No decorrer da formação teria que arranjar uma estratégia que facilitasse a comunicação e a relação com estes formandos.

Avanços/Aprendizagens sentidas

Neste primeiro encontro penso não ter havido avanços em relação aos alunos da turma, porém consegui perceber o funcionamento do grupo.

Existem relações de amizade e carinho no grupo; os alunos são bastante “hiperativos” pois têm sempre algum sítio onde ir; o grupo não esconde o facto de estar constantemente ao telemóvel ou no computador para averiguarem as redes sociais.

Assim, esta primeira observação com a turma do 9º ano deu para reter as informações que necessitava num primeiro plano. Consegui ganhar as primeiras impressões dos alunos, conhecer a ligação que a turma tem para com a Diretora de Turma e a necessidade de estarem constantemente atualizados pelo telemóvel.



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sessão N° 7

Data/horário: 8 de maio

Turma: 9º8

Problemática/foco da observação

- Caracterizar comportamentos agressivos entre os alunos;
- Identificar formas de utilização do telemóvel/computador na aula e extra-aula;
- Identificar situações de sexting;
- Caracterizar os comportamentos dos alunos em função do tipo de atividades educativas utilizadas.

Tarefas Desenvolvidas na aula

A sala para a última sessão já estava aberta, pelo que gerou um início muito rápido. À medida que os alunos iam entrando na sala, ocupavam ainda os lugares da sessão anterior para que terminassem a atividade 14.

Quando a professora/Diretora de turma entrou para acompanhar a sessão, expliquei que os alunos estavam bastante atrasados nas suas últimas atividades. Para minha alegria, a professora deu-me o tempo que precisasse para concluir com sucesso as atividades que faltavam para terminar a sessão. Assim, para os incentivar na elaboração dos cartazes e visto estarmos a ocupar uma aula de Artes, a professora brincou (num tom sério), avisando os alunos de que a atividade iria contar para a avaliação da disciplina. Os alunos não contestaram e até encararam a proposta dada pela professora. Porém, com o tempo mais alargado, ficaram mais relaxados e a conversa e as risadas apareceram com frequência e o tempo que disponibilizei para a sua finalização foi de 45 minutos.

Após a atividade concluída, distribuí os diários dos alunos (atividade 15) para que dessem a sua opinião sobre a sexta sessão da formação e à medida que foram entregues, logo começaram a questionar: “chegamos à última sessão?”. Sim, tínhamos chegado à última sessão de formação.

Esta sétima sessão iria culminar numa reflexão sobre todas as aprendizagens adquiridas até então. Para os alunos perceberem as suas novas percepções, ou o contrário, sobre o sexting, nada melhor que voltarem a preencher o questionário aplicado na primeira sessão de formação.

Após arrumarem os materiais que utilizaram nos cartazes, os alunos foram buscar os questionários que estavam colocados na carteira da frente.

As mesas foram postas nos devidos lugares e começaram por preencher os questionários. Antes de preencherem os questionários foi pedido que refletissem sobre todas as aprendizagens adquiridas com a formação STOP Sexting, de modo a que os novos questionários refletissem as novas ou velhas crenças sobre a prática do sexting e suas consequências. Conclui então, que mais uma vez os questionários iriam ser anónimos e que as suas conclusões me iriam ajudar a perceber as perceções dos alunos sobre esta prática e como consciencializar os alunos sobre este tema. A sala estava muda, a única coisa que se ouvia eram as professoras das salas laterais a ensinar os seus alunos. “É impressionante como eles se esforçam para fazer as tuas atividades”, diz a professora, ao meu ouvido, com um ar de espanto. Naquele momento senti que a turma me respeitava, tanto ou mais do que uma professora, que é capaz de avaliar e ditar as notas no final do período. À medida que os alunos entregavam os seus questionários, ficavam cada vez mais descontraídos. Perguntavam-me se era a última vez que os iria ver, se depois desta sessão iria iniciar uma nova. Fui claramente bombardeada com uma serie de perguntas, até que o último aluno entrega o seu questionário. Senti uma tristeza enorme e todos me olham com o mesmo sentimento. Acaba assim a formação da turma do 9º ano. A professora dá dois recados à turma antes do toque da campainha ser ouvido na escola. Aqui, sou convidada a aparecer na festa de finalistas que os alunos estão a organizar apenas para a turma. Oferecem-me abraços e saem da sala para aproveitar o intervalo para a aula a seguir.

Discussão

Nesta última sessão de formação não foi essencial fazer algum tipo de intervenção. O início da sessão foi apenas a continuação da sessão anterior. Enquanto a última parte, foi resumida na aplicação dos questionários, que iriam culminar nas reflexões e conclusões tiradas da formação pelos alunos.

Após estas sete sessões de formação e apesar da turma ser conhecida como um desastre na escola em questão, na minha opinião, não senti que tivesse inserida num conjunto de alunos difíceis. Pelo contrário! Senti que cada um deles têm competências mal trabalhadas e que existe uma desistência muito grande por parte de alguns professores, em relação aos alunos desta turma.

Todos eles deram um contributo, à sua maneira, para uma boa formação. Tiravam as suas próprias conclusões sem grande esforço, ajudavam na realização das atividades planeadas e era notório que a maioria dos alunos tinha gosto em participar nas sessões de formação e em dar o seu contributo. Não existiram faltas de respeito e nunca negaram a realização de alguma atividade do projeto STOP Sexting.

Avanços/Aprendizagens sentidas

Ao terminar esta última sessão de formação, entendo que os objetivos traçados para esta, na sua maioria, conseguiram ser alcançados. Na medida que, dentro e fora da sala de aula, os alunos foram capazes de abordar a temática com os restantes colegas da escola. Sendo que, a “Sónia” era a formadora “fixe” com quem eles podiam contar e, conseqüentemente, desabafar sobre este e outros assuntos.

A formação acabou por servir também para os alunos perceberem a diferença entre ser mediador, professor e formador, pois comigo, conseguiram perder a formalidade existente dentro da sala de aula. Aqui, puderam-me tratar pelo meu nome, sem acrescentar o “você” ou o “professor”, ajudando a criar uma empatia maior com a turma. O facto da minha idade ser quase igual à dos alunos, abriu portas para que existissem conversas sobre educação sexual sem existir entraves nem “vergonhas”.

Como mediadora educacional, penso que as minhas decisões na formação foram a mais acertadas, tendo em conta as atividades, relação com os professores e as atitudes para com os alunos.



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sessão N° 3
Data/horário: 24 de abril

Turma: °8

Problemática/foco da observação

- Caracterizar comportamentos agressivos entre os alunos;
- Identificar formas de utilização do telemóvel/computador na aula e extra-aula;
- Identificar situações de sexting;
- Caracterizar os comportamentos dos alunos em função do tipo de atividades educativas utilizadas.

Tarefas desenvolvidas na aula

Esta sessão foi claramente a sessão mais barulhenta e desorganizada das que aconteceram até então.

Os alunos já entraram agitados dentro da sala de aula e, quando se depararam com o retroprojektor ligado para a visualização de um vídeo, a situação piorou um pouco.

Tentei acalmar a turma com um sorriso e dei-lhes, mais uma vez, as boas vindas à sessão de formação.

A professora aparece e senta-se igualmente para assistir à formação. E com o início do filme todos se acalmam e visualizam com atenção (mesmo não tendo áudio).

O filme de 3 minutos estava relacionado com o respeito e a confiança. Apresentava-se através de desenhos animados, onde vários pássaros não respeitaram as diferenças físicas de uma cegonha.

Após o seu termino, foi tempo de reflexão.

“Comentários sobre o vídeo?!” perguntei à turma, mas a única coisa que me respondiam era que o colocasse de novo, pois não tinham prestado atenção suficiente para responder às perguntas. Porém a realidade é que apenas queriam queimar tempo da aula de matemática, acabando por não ceder.

Depois da preguiça do grupo passar um pouco, os comentários acabaram por surgir. Falta de compreensão, bullying e respeito eram palavras chave sobre o vídeo e, portanto, podíamos dar início ao exercício. Colocar em metade de uma cartolina as faltas de respeito existentes dentro e fora da sala de aula e na outra metade soluções para cada uma delas (atividade 6).

Posso chamar a atividade de um pequeno desastre pois ninguém estava com vontade de trabalhar mesmo quando a professora de matemática comentava “preferem ter aula comigo?”. Decidi não me alongar por muito mais e passar para a próxima atividade, que esperava eu ser mais pacífica.

“Vamos teatralizar uns textos que vos vou dar” dizia eu para a próxima atividade e logo de seguida todos perguntaram “o que é isso Sónia?”. Claramente que existe aqui uma falta de vocabulário elaborado por parte de todos e, como mediadora, tentei com a turma ajustar o meu vocabulário aos conhecimentos deles.

Comecei por dividir a turma em três e entregar a cada grupo um texto onde ditava uma história que conseguisse ser refletida num teatro em poucos minutos (atividade 7). Poucos foram aqueles que não quiseram fazer parte desta atividade.

Todos tentaram participar e, toda a atividade foi conseguida, pois a professora responsável pela aula liberou os 90 minutos para a execução da sessão.

Claramente que nenhum dos alunos tem aptidão para o teatro. Tanto que se sentiam mais confortáveis em gozar com a situação do que propriamente em tentar mostrar qualquer tipo de sentimento pelas cenas. A ideia principal que era a compreensão do tema sexting foi conseguida. As três encenações acabaram e guardamos um tempo para um debate breve que conseguisse culminar as ideias principais.

Os alunos não foram muito participativos, tendo resultado em apenas umas palavras soltas, tais como: tentar resolver as situações da melhor maneira possível, sermos compreensivos com as várias situações que enfrentamos dentro e fora da escola e apoiarmos os colegas quando mais precisamos. Para finalizar a atividade 7, restou espaço para fazer a última experiência (que pensava que não iria ser usada por falta de tempo). Foi pedido aos alunos que escolhessem um colega para sair da sala e pensar numa maneira de se colocar no lugar do professor, para dar uma aula aleatória. Quando se ausenta da sala, expliquei aos restantes colegas que quando este entrasse teriam todos de fazer barulho e de criticar o seu trabalho. Obvio que se teriam de aproveitar da situação para se comportarem como “loucos”.

A minha maior surpresa foi o facto de a professora querer participar nesta atividade, afirmando perante a turma que “iria ser um prazer passar por aluno”. O aluno estava cansado de tentar explicar o que tinha planeado fora da sala de aula, acabando por dizer poucos minutos depois “Sónia, desisto!”. A turma acalmou e os alunos admitiram que exageram nas atitudes que tomam dentro da sala de aula. O aluno escolhido partilha a sua frustração dizendo que não consegue perceber como os alunos conseguem aprender com esta confusão, acabando por admitir que “realmente os professores têm razão”.

No fim, as atividades foram conseguidas e o diário de bordo (atividade 8) foi realizado por todos os alunos presentes dentro da sala de aula.

Dificuldades/Dúvidas sentidas

Esta terceira sessão não foi tão fácil quanto imaginava, pois, os alunos mostraram que por vezes são inconstantes e que nem sempre estão dispostos a colaborar. Penso, mesmo com o entrave do barulho dentro da sala, que os objetivos da sessão foram conseguidos e que as ideias principais da sessão foram captadas com sucesso.

Foi importante que os alunos sentissem na pele a posição do professor, no que toca às faltas de respeito constantes que existem dentro da sala de aula, e por sua vez, que entendessem que o sexting pode ser praticado de várias formas e que as respetivas consequências acontecem em variadas formas.

Avanços/Aprendizagens sentidas

Tendo em conta a minha falta de experiência em formação, tenho em conta vários aspetos que têm de ser melhorados quanto à execução desta prática. Por vezes os comportamentos dos alunos possam ter sido abusivos, devido à dificuldade em ser firme na minha posição enquanto formadora. Porém, esta turma apesar de apresentar sinais de falta de concentração, apresentam várias competências relacionadas com as reflexões individuais.

Uma aprendizagem conseguida nesta sessão foi a monitorização do tempo das atividades. Apesar de terem sido liberados os 90 minutos da aula de Matemática as atividades foram bem divididas e executadas no seu tempo.



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sessão N° 2
Data/horário: 24 de abril

Turma: 8°

Problemática/foco da observação

- Caracterizar comportamentos agressivos entre os alunos;
- Identificar formas de utilização do telemóvel/computador na aula e extra-aula;
- Identificar situações de sexting;
- Caracterizar os comportamentos dos alunos em função do tipo de atividades educativas utilizadas.

Tarefas Desenvolvidas na aula

O início da sessão foi um pouco lento. Os alunos eram tão energéticos que, até se sentaram devidamente nos lugares, a sessão acabou por se atrasar 10 minutos.

A sala também se tornou um entrave para o começo da dinamização, visto que os alunos eram muitos e a sala um pouco pequena para a organização das cadeiras em roda, como era suposto. Assim, pedi aos alunos que, de forma ordenada e calma, fizessem uma roda à volta das mesas, mas em pé. Ao verem os balões todos ficaram entusiasmados para a realização da atividade 3.

Para explicar a sessão e o intuito da mesma, abri o computador e projetei um PowerPoint onde foram mostradas as regras do jogo que se iria seguir: Proteger o balão de todos os obstáculos. Passei à distribuição de palitos por todos os elementos da turma e pedi a dois alunos que enchessem dois balões para a atividade. Ao explicar as regras do jogo, esclareci aos alunos que o objetivo principal do jogo era proteger o balão de todos os obstáculos que aparecessem dentro da sala de aula, porém sem dar qualquer tipo de instrução quanto à utilização dos palitos.

Todos ficaram quietos sem mexer nos balões. Olhavam para mim sem saber o que fazer e perguntavam sem parar “e agora Sónia?”. Foi bastante interessante ver a ingenuidade no olhar dos alunos, tendo que insistir várias vezes dizendo para continuarem a proteger o balão. Após alguns minutos, pegaram nos palitos e o caos foi instalado na sala. Os dois balões não sobreviveram mais do que 20 segundos, o que me levou a encher mais um para que eles conseguissem perceber a dinâmica da atividade. Quando terminada, pedi aos alunos para se sentarem nos respetivos lugares. As conclusões não foram as melhores pois, além de terem demorado algum tempo a dizer alguma coisa, penso que se sentiram envergonhados a exporem as suas ideias a uma nova pessoa.

Tive que desbloquear uma parte da atividade perguntando aos alunos “se na vida real os balões fossem pessoas, o que seriam os palitos no meio da nossa sociedade?”. Dando origem à palavra “problemas”.

Através do PowerPoint inicial expliquei o que representa um conflito na sociedade, conseguindo fazer a relação entre problemas-conflitos. O que levou, conseqüentemente, que os alunos fizessem a ligação entre a atividade realizada e a vida real. Após as ideias-chave serem levantadas, pedi aos alunos que nos post-its, escrevessem alguns conflitos ocorridos dentro e fora da escola.

Com o remate da atividade 3, passamos então para a próxima atividade da sessão.

A atividade 4 “Desenhar sem ver escutando o outro” era uma atividade lúdica que necessitava de folhas, marcadores e vendas. Dividi a sala em dois grupos, onde estes teriam de escolher um elemento que representasse cada equipa. A atividade tinha como objetivo principal a comunicação entre os indivíduos, ou seja, era necessário que a pessoa que estivesse vendada percebesse as informações dadas por cada membro da equipa.

Tendo em conta que já estávamos muito em cima da hora para o toque do intervalo tentei agilizar um pouco as coisas, dando um minuto para cada equipa conseguisse acabar o seu desenho. Depois de vender os alunos escolhidos, escrevi no quadro que o desenho teria de ser uma casa. Todos ficaram entusiasmados e começaram o jogo muito desorganizados. Gritavam dentro da sala de aula, o que tornou a atividade desorganizada e com um desenho final desastroso.

Assim, foi possível comparar com os alunos os comportamentos desejados para a atividade, com os que não tiveram. O facto de falarem muito alto e todos ao mesmo tempo, não ajudou a pessoa que estava vendada a seguir corretamente as instruções do grupo.

Para conseguirem perceber o intuito da dinâmica, lancei algumas perguntas à turma para refletirem sobre a importância da comunicação: qual a importância da comunicação nesta atividade? Com a pergunta lançada, os alunos afirmaram que não existiu comunicação e que os desenhos não foram explícitos exatamente pelo mesmo motivo.

Para colmatar a atividade e a sessão, lancei uma das perguntas mais importantes da formação: porque surgem conflitos entre as pessoas? Apesar de serem muito novos, grande parte dos alunos ficou interessado em responder à questão, o que me deixou extremamente contente. Uns respondiam que as pessoas estão habituadas a serem “más” no dia a dia e outros afirmavam que os problemas não se resolvem porque as pessoas não sabem resolver os problemas em grupo.

Assim, com o objetivo conseguido que era a importância da comunicação em sociedade, dou a sessão por terminada e acabando com a atividade 5 – o desenvolvimento do “O meu diário do Projeto STOP sexting”.

Discussão

O início da sessão foi muito cansativa. Os alunos, talvez por causa da idade ser em média os 13 anos, foram bastante extrovertidos e barulhentos, o que dificultou o seu início. O facto de o professor estar dentro da sala de aula ajudou bastante, o que me levou a refletir nas perguntas: e se ele não estivesse lá? O que faria para ajudar a sessão a correr como planeada? Será que os alunos teriam mais respeito por mim se fosse a única figura de autoridade dentro da sala de aula? Contudo, apesar de a sala não ter sido muito calma, os alunos tiveram interesse em participar nas atividades apresentadas e de conseguirem chegar às palavras chave da sessão de formação – conflitos e comunicação.

Avanços/Aprendizagens sentidas

Como mediadora, penso que as atividades realizadas foram importantes para o alcance dos objetivos definidos para a sessão. Apesar de a maioria dos alunos representar um papel ativo, tanto na sessão, como no ensino formal, existiam 4 alunos que dificultaram um pouco mais a realização da atividade. Por exemplo, no início da atividade 3, um desses alunos começou por dizer aos seus colegas que aquela atividade não tinha qualquer interesse para a vida dele. Isto queria dizer que poderia estar em frente a um caso mais complexo, tendo em conta que não sentia qualquer tipo de interesse na minha presença. Posto isto, como mediadora, senti aqui o meu primeiro entrave com a turma. Fazendo-me pensar no que poderia fazer na próxima sessão, de modo a conquistar o interesse pelo aluno ao longo da formação.